



**Politécnico  
Castelo Branco**

Escola Superior  
de Educação



**Politécnico  
Castelo Branco**

Escola Superior de Saúde  
Dr. Lopes Dias

## **Relações entre Avós e Netos: Presente versus passado na freguesia de Alpedrinha**

Valéria Inês Geraldês Justino

nº 20190554

### **Orientadores**

Profª Doutora Maria João Guardado Moreira

Profª Doutora Marisa de Jesus Candeias

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João Guardado Moreira e da Professora Doutora Marisa de Jesus Candeias, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**abril 2025**



## **Composição do júri**

### Presidente do júri

Professora Doutora Sandra Regina Alexandre Ferreira Vieira

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

### Vogais

Professora Doutora Stella António Bettencourt da Câmara

Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (Arguente)

Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientadora)



## **Dedicatória**

Dedico este Trabalho Projeto à minha avó materna, que cuidou de mim com um amor incondicional e desempenhou um papel fundamental na minha vida. Durante todos os anos em que os meus pais trabalhavam e era esta quem ficava comigo, foi ela quem me deu colo, me protegeu, teve uma paciência enorme e encheu os meus dias de brincadeiras e muitos ensinamentos. Muito do que sou hoje devo-o a ela, e em grande parte, aos momentos que compartilhamos. Esta conquista é tanto minha quanto dela.

Embora já não esteja mais aqui comigo, espero que, onde quer que ela esteja, esteja a olhar por mim com grande orgulho e carinho.



## Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço às minhas orientadoras Prof<sup>a</sup> Doutora Maria João Guardado Moreira e Prof<sup>a</sup> Doutora Marisa de Jesus Candeias, por me orientarem neste trabalho, pelo apoio e atenção. Por confiarem em mim e por aceitarem a ideia e este tema de projeto. Este Trabalho Projeto foi um processo desafiante, ainda que, enriquecedor foi bastante trabalhoso.

À minha mãe, por tudo. Por acreditar nos meus sonhos, por estar sempre presente e por nunca me deixar desistir.

À minha irmã e irmãos, por todos os incentivos e por me apoiarem nesta caminhada. Por deixarem a minha vida mais leve, por entenderem a minha ausência e as minhas escolhas.

Ao meu pai, por ter sempre permitido continuar os meus estudos sem que tivesse de me preocupar com nada e pelo apoio dado ao longo destes.

Aos meus companheiros e amigos, de universidade, pela parceria nesta jornada. Por terem compartilhado esta experiência dia a dia. Por terem sido amigos especiais, pelo apoio, pelo carinho e disposição de sempre. Vou ser eternamente grata ao universo por nos ter juntado!

Aos meus avós, que infelizmente já não se encontram entre nós, espero que estejam orgulhosos do meu trabalho e das minhas escolhas. Não poderia deixar de dar um agradecimento especial à minha avó materna por ser a grande inspiração deste trabalho e do curso ingressado, obrigada por todos os anos que cuidou de mim e por todo o amor e carinho que recebi.

Aos amigos de Alpedrinha, por todos os momentos vividos. Por me apoiarem e ouvirem todos os meus lamentos sempre e por todo amor que me transmitiram durante este tempo, mesmo que de longe.

Por fim, agradeço a todas as avós que entrevistei e que fizeram com que este trabalho fosse possível. Pelo carinho, atenção, disposição e confiança que tiveram e por compartilharem comigo um pouco das suas histórias de vida.

No geral um muito obrigado a todos!



## Resumo

Este Trabalho de Projeto analisa as relações intergeracionais entre avós e netos na freguesia de Alpedrinha, explorando as transformações sociais, culturais e demográficas que têm moldado essas dinâmicas ao longo do tempo. Em Portugal, a população está a envelhecer, e em lugares como Alpedrinha, isso sente-se no dia a dia. Os avós continuam a ser a alma das famílias, carregando histórias, ensinamentos e um amor incondicional que une gerações.

A metodologia adotada combina abordagens qualitativas e quantitativas, incluindo a Escala de Significados da Grã-Parentalidade, adaptada à realidade portuguesa por Peixoto e Gonçalves (2014), a realização de *Focus Group* e de entrevistas semiestruturadas. Estas ferramentas permitiram compreender como mudanças históricas, a crescente urbanização e o avanço tecnológico, influenciaram as interações entre as gerações. Os resultados evidenciam uma transformação nos papéis desempenhados pelos avós: enquanto no passado eram figuras de autoridade e conviviam diariamente com os netos, hoje enfrentam desafios relacionados à proximidade física e digital.

A pesquisa destaca também a relevância da transmissão de memórias e tradições culturais, expressa em práticas como a partilha de histórias e celebrações locais. Contudo, a tecnologia é frequentemente mencionada pelas avós como um fator de distanciamento emocional, limitando as interações familiares. Mesmo com esses desafios, as tradições continuam vivas em Alpedrinha, passadas de geração em geração, e os laços entre avós e netos continuam a tecer a identidade da comunidade, mantendo vivo o sentimento de pertença e continuidade entre gerações.

Os dados mostram que, apesar das mudanças na forma como as famílias vivem e se relacionam, os avós continuam a ser uma presença essencial na vida dos netos. São eles que guardam e partilham histórias, ensinam valores e acompanham o crescimento das novas gerações, ajustando-se, com afeto e sabedoria, aos desafios dos tempos modernos. Este Trabalho de Projeto apresenta sugestões de intervenções que promovem o envelhecimento ativo e reforçam a importância das relações intergeracionais, fundamentais para a coesão familiar e para o bem-estar social.

## Palavras-chave

Relações Intergeracionais, avós, netos, envelhecimento.



## **Abstract**

This project analyzes the intergenerational relationships between grandparents and grandchildren in the parish of Alpedrinha, exploring the social, cultural and demographic changes that have shaped these dynamics over time. In Portugal, the population is ageing, and in places like Alpedrinha, this is felt daily. Grandparents continue to be the soul of families, carrying stories, teachings and an unconditional love that unites generations.

The methodology adopted combines qualitative and quantitative approaches, including the Scale of Meanings of Grand Parenthood, adapted to the portuguese reality by Peixoto and Gonçalves (2014), Focus Group and semi-structured interviews. These tools made it possible to understand how historical changes, growing urbanization and technological advances have influenced interactions between the generations. The results show a transformation in the roles played by grandparents: while in the past they were authority figures and lived with their grandchildren daily, today they face challenges related to physical and digital proximity.

The research also highlights the importance of passing on memories and cultural traditions, expressed in practices such as sharing stories and local celebrations. However, technology is often mentioned by grandmothers as an emotional distancing factor, limiting family interactions. Even with these challenges, traditions are still alive in Alpedrinha, passed down from generation to generation, and the bonds between grandparents and grandchildren continue to weave the community's identity, keeping alive the sense of belonging and continuity between generations.

The data shows that, despite the changes in the way families live and relate to each other, grandparents continue to be an essential presence in their grandchildren's lives. They are the ones who keep and share stories, teach values and accompany the growth of the new generations, adjusting with affection and wisdom to the challenges of modern times. This project presents suggestions for interventions that promote active ageing and reinforce the importance of intergenerational relationships, which are fundamental for family cohesion and social well-being.

## **Keywords**

Intergenerational Relations, grandparents, grandchildren, ageing.



## Índice geral

1. Introdução.....	1
2. Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	4
2.1. Gerontologia .....	4
2.2. Envelhecimento .....	6
2.3. Papel dos Avós na Família .....	8
2.4. Relações Intergeracionais.....	11
2.5. A Relação entre Avós e Netos.....	13
2.6. Contribuições dos avós para os seus netos.....	14
2.7. Síntese de estudos sobre as relações entre avós e netos.....	15
3. Freguesia de Alpedrinha: Contexto Histórico e Cultural.....	18
3.1. Breve História da Freguesia .....	18
3.2. Características sociodemográficas .....	19
3.3. Aspetos Culturais e Tradições Locais.....	20
3.4. A Vila de Alpedrinha no passado.....	21
4. Capítulo II - Metodologia.....	27
4.1. Objetivos da Investigação.....	27
4.2. Tipo de Estudo .....	28
4.3. Amostra .....	29
4.4. Questões éticas .....	30
4.5. Técnica e instrumentos de Recolha de Dados .....	30
5. Capítulo III – Apresentação e Análise dos Resultados .....	36
5.1. Análise de dados .....	36
5.1.1 Caracterização sociodemográfica da população inquirida .....	36
5.2. Análise dos dados obtidos no <i>Focus Group</i> .....	38
5.3. Análise Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão avós – à população portuguesa .....	41
5.5. Entrevistas semiestruturadas.....	49
5.6. Análise das Entrevistas Semiestruturadas.....	50
6. Capítulo IV- Discussão dos Resultados.....	53
7. Capítulo V- Projeto de Intervenção.....	59
7.1. Atividades do Projeto.....	60
7.2. Avaliação do Projeto de Intervenção .....	64
8. Conclusões.....	66

9. Referências Bibliográficas.....	69
Apêndices.....	73
Apêndice A – Consentimento informado esclarecido e livre .....	74
Apêndice B – Guião <i>Focus Group</i> .....	75
Apêndice C - Transcrição do Focus Group .....	78
Apêndice D – Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa .....	96
Apêndice E – Guião Entrevistas .....	99
Apêndice F – Transcrição das Entrevistas.....	101
Apêndice G – Grelha do Projeto de Intervenção.....	119



## **Índice de figuras**

Figura 1 – Localização do Concelho do Fundão onde se encontra Alpedrinha

## **Lista de tabelas**

**Tabela 1-** Distribuição da população idosa que reside ainda na sua casa na Freguesia de Alpedrinha por sexo

**Tabela 2-** Distribuição dos dados de acordo com a idade da amostra

**Tabela 3-** Distribuição dos dados de acordo com o número de netos

**Tabela 4-** Distribuição dos dados de acordo com a escolaridade da amostra

**Tabela 5-** Distribuição dos dados de acordo com o estado civil



## **Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos**

CRP - Constituição da República Portuguesa

ESPG-A - Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa

ESPG-N - Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Netos – à população portuguesa

FPC – Fundação Portuguesa de Cardiologia

INE - Instituto Nacional de Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

UE - União Europeia



## 1. Introdução

A população em todo o mundo está a viver mais anos. Atualmente, a maioria pode esperar alcançar os 60 anos ou mais. Em todos os países, o número e a proporção de pessoas mais velhas no total da população está a aumentar (OMS,2024). Até 2030, uma em cada seis pessoas no mundo terá 60 anos ou mais. A população idosa, que era de 1 milhão de milhões em 2020, deverá crescer para 1,4 milhão de milhões. Até 2050, esse número deverá duplicar, atingindo 2,1 milhão de milhões. Além disso, a população com 80 anos ou mais deverá triplicar entre 2020 e 2050, chegando aos 426 milhões (OMS,2024).

Este aumento da longevidade tem permitido uma convivência mais prolongada entre três ou mais gerações de uma família, proporcionando uma oportunidade para que os idosos se envolvam mais ativamente na vida dos seus familiares. A família desempenha um papel crucial em muitos contextos sociais e culturais, servindo como um espaço de apoio afetivo, psicológico e material, além de ser um núcleo de transmissão de valores, competências emocionais e sociais, e tradições culturais (Reis, 2005).

Segundo os censos de 2021, em Portugal, a tendência de envelhecimento demográfico é evidente nas pirâmides etárias, com a proporção de pessoas com 65 anos e mais anos a aumentar de 19,2% em 2011 para 24,0% em 2021 (INE,2022). Nas regiões do interior, como na Freguesia de Alpedrinha, este fenómeno é ainda mais acentuado. O índice de envelhecimento em Alpedrinha, que era de 273,9 em 2011, subiu para 342,11 em 2021 (INE, 2022), refletindo uma mudança demográfica significativa.

Os valores familiares costumam ser transmitidos de geração em geração principalmente por meio de ações e experiências compartilhadas. Esta passagem de valores é moldada pelos momentos vívidos em família e pelas histórias que cada geração carrega. No exemplo dos nossos avós, eles cresceram num contexto onde a contenção e o trabalho árduo eram pilares fundamentais. No entanto, essas prioridades nem sempre permaneceram tão fortes nas gerações mais jovens, que, muitas vezes, dão mais atenção à procura por resultados rápidos e à ideia de sucesso sem tanto esforço e dedicação. Assim, comportamentos de moderação, que eram tão naturais na infância das avós, podem acabar por ser vistos como antiquados, na sociedade atual (Sampaio, 2008).

A transmissão de valores entre avós e netos pode acontecer de forma intencional, como quando os netos recebem os nomes dos avós, ou de maneira mais subtil, através de comportamentos que são comunicados sem que haja uma percepção clara disso. Este processo, muitas vezes, reflete a qualidade da relação entre as avós e os seus próprios filhos (Sampaio, 2008). Assim, os laços entre avós e netos tornam-se fundamentais para moldar as dinâmicas familiares, transmitindo não apenas valores e tradições, mas também afeto e conexão entre gerações.

A relação entre avós e netos é uma oportunidade para reviver e dar novo significado às memórias do passado. Para os mais jovens, esta convivência oferece um contato direto com os valores e experiências de outras épocas, além de fortalecer a história da família, estes laços têm um papel essencial na transmissão de valores e tradições, permitindo que os netos entendam melhor de onde vêm e como a família evoluiu ao longo do tempo (Sampaio, 2008).

Na freguesia de Alpedrinha, situada no concelho do Fundão, na região da Beira Baixa, estas dinâmicas não são exceção. A região, rica em história e tradições fortes, torna-se assim, um cenário privilegiado para interrogar as relações entre avós e netos.

Este estudo propõe-se a investigar as relações entre avós e netos na freguesia de Alpedrinha, visando compreender como estas relações mudaram ao longo do tempo e como são vivenciadas atualmente. Embora já existam pesquisas sobre estas relações, é importante aprofundar o estudo nesta freguesia, tendo em conta as suas particularidades culturais e históricas.

A pesquisa procurará responder às seguintes questões: Qual é a importância atual dos avós para os seus netos? Como as relações entre avós e netos evoluíram ao longo do tempo? Como é a proximidade e a natureza da relação entre avós e netos comparada com a relação que os avós tinham com os seus próprios avós? Que vivências e atividades são compartilhadas atualmente?

Este estudo também procura analisar as consequências dessas mudanças na estrutura familiar e social, ajudando a compreender melhor as dinâmicas intergeracionais. Além disso, pretende fornecer algumas orientações para políticas e práticas que promovam o bem-estar das famílias em contextos semelhantes.

Assim, este Trabalho de Projeto pretende investigar as transformações nas relações entre avós e netos, considerando as continuidades e mudanças nas dinâmicas familiares e na transmissão de valores pelas gerações na freguesia de Alpedrinha, contribuindo para uma melhor perceção de como estas transformações afetam a estrutura familiar e social.

Neste estudo sobre relações intergeracionais focou-se exclusivamente na perspetiva dos avós, não incluindo entrevistas com os netos devido a limitações de tempo e dificuldades logísticas, especialmente pela emigração de muitos destes. Além disso, o objetivo central do trabalho foi compreender as relações que os avós estabelecem com os seus netos, explorando o seu papel na transmissão de valores, afetos e memórias.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, é apresentada uma introdução que delinea o contexto geral do tema e os objetivos da pesquisa. Em seguida, é abordado o enquadramento teórico, onde se discutem os conceitos fundamentais relacionados com a Gerontologia, o envelhecimento e ao papel dos avós. Este segmento visa também explorar as relações intergeracionais, a dinâmica entre avós e netos, as contribuições que estes últimos

oferecem, bem como uma síntese dos estudos realizados nesta área, com ênfase na cultura da freguesia de Alpedrinha, analisando a sua história, características sociodemográficas e tradições locais.

No capítulo subsequente, são detalhadas a problemática e os objetivos da investigação, o tipo de estudo realizado, a amostra selecionada, as questões éticas consideradas e as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados. Posteriormente, é apresentada a caracterização sociodemográfica da população investigada, acompanhada da análise dos dados obtidos e dos resultados das ferramentas aplicadas, incluindo a Escala de Significados da Grã-Parentalidade, entrevistas semiestruturadas e *Focus Group*.

A seção seguinte dedica-se à discussão dos resultados, contextualizando os dados à luz do enquadramento teórico previamente apresentado e destacando as principais implicações e consequências dos resultados destinadas a responder às necessidades específicas identificadas ao longo do estudo.

Por fim, a conclusão reforça a relevância das relações intergeracionais entre avós e netos, destacando o seu impacto na coesão familiar e na transmissão de valores. Além disso, aponta caminhos para futuras investigações, especialmente no que diz respeito à inclusão da perspectiva dos netos e ao papel da tecnologia nessas interações.

O trabalho é complementado por referências bibliográficas e apêndices, que incluem consentimentos informados, guiões de entrevistas e transcrições relevantes.

## 2. Capítulo I – Enquadramento Teórico

### 2.1. Gerontologia

A importância da Gerontologia Social está diretamente ligada ao envelhecimento demográfico das sociedades ocidentais, considerando o aumento da população idosa, a necessidade de conhecer de forma biopsicossocial o processo de envelhecimento, assim como a exigência crescente da qualidade dos cuidados prestados à pessoa idosa. Nestas sociedades a proporção de idosos e muito idosos aumenta constantemente, atingindo, valores próximos dos 20% em muitos países da UE incluindo Portugal, sendo igualmente previsível que esses valores se aproximem dos 30% no ano 2050 (Giannakouris, 2008 citado por Pereira, 2012). Esta problemática possui, entre outros, aspetos políticos, económicos, culturais, psicossociais, médicos e humanos (Pereira, 2012).

À medida que a população envelhece as necessidades no cuidado tornam-se mais exigentes, muitas famílias enfrentam desafios para oferecer o apoio necessário aos seus idosos. Por isso, tem sido fundamental desenvolver locais onde estes possam ser acolhidos com carinho e segurança, permitindo também capacitar profissionais para garantir um cuidado atencioso e de qualidade. A Gerontologia, ganhou assim, conteúdo, forma e relevância social (Pereira, 2012).

Com a revolução do 25 de abril de 1974, e com a publicação da Constituição da República Portuguesa de 1976 (CRP), o Estado português passou a ter responsabilidades acrescidas na garantia da existência do direito dos idosos, e na consequente organização e financiamento do sistema de segurança social, com a universalidade do direito de todos os cidadãos à proteção social, independentemente de estarem ligados ou não a situações de emprego. Os direitos dos idosos, foram consagrados pelas Nações Unidas, em 1991, através da Resolução 46/91– aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas de 16/12/1991, como “Princípios das Nações Unidas para o Idoso” (Ramalho & Ramalho, 2014).

Desta forma, antes o que era entendido como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude do cidadão idoso, passa a significar a criação de novos hábitos de lazer e a cultivar laços afetivos e amorosos alternativos à família, desafiando os idosos para novas aventuras/etapas na sua vida, evitando-se que percam a ligação à vida social, cultural e politicamente ativa (Ramalho & Ramalho, 2014).

De facto, a Gerontologia Social veio criar uma nova e positiva identidade para a velhice, cuja elaboração compreende formas de comportamentos associados a idades e ritmos de passagem inovadores, passando a estimular-se a adoção de um novo estilo de vida para a terceira idade, criando-se novos mercados direcionados para o setor da terceira idade, uma vez que, este grupo social passou a ter recursos financeiros, provenientes dos seus rendimentos de trabalho e também das novas

políticas sociais entretanto desenvolvidas pelos Estados (Ramalho & Ramalho, 2014).

A Gerontologia nasceu como um campo de estudo no início do século XX, com o propósito de compreender o envelhecimento e responder às necessidades dos idosos. Esta área sempre procurou olhar para o envelhecimento de forma ampla, considerando não apenas os aspetos biológicos, mas também os emocionais e sociais. Está preocupada em estudar o ser um adulto mais velho, inserido num contexto social, com determinantes e condicionantes, que interferem no seu viver, e no processo saúde doença (Hammerschmidt, 2009).

As novas políticas sociais, combinadas com uma melhoria nas condições económicas dos idosos, permitiram que, estes ao se aposentarem, tenham a oportunidade de planear novas estratégias de vida além do âmbito familiar. Isto inclui a possibilidade de viajarem, explorarem novos interesses de lazer e adquirirem conhecimentos técnicos e culturais. A terceira idade/velhice, deixou assim de ser um momento limitado dos cidadãos, baseado na quietude, no descanso e na inatividade, para ser uma nova etapa da vida, sem as limitações atrás referidas, desejando estes, manterem-se ativos, em boa saúde e sem sofrerem discriminações (Ramalho & Ramalho, 2014).

A crescente complexidade das necessidades e o aumento do número dos idosos, bem como a demanda por cuidados especializados têm levado a uma necessidade crescente de desenvolver e aprimorar estruturas de apoio e acolhimento para estes. Isto, por sua vez, requer a formação e qualificação de profissionais capacitados na área da Gerontologia. Assim, esta tem se tornado cada vez mais relevante e vital para lidar com os desafios associados ao envelhecimento da população (Pereira, 2012).

Na Europa, o aparecimento de programas de estudo na área da Gerontologia dá-se através de programas de especialização e de pós-graduação. Esta abordagem tem ajudado a evitar muitos dos problemas típicos associados à criação de novas profissões e à entrada de novos profissionais no mercado. Estes programas foram, e continuam a ser, muito frequentados por profissionais como: psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, entre outros (Pereira, 2012).

Segundo Pereira (2012), em Portugal, o aparecimento de programas de cursos de primeiro ciclo em Gerontologia deu-se na última década. Também na atualidade e acompanhando o reconhecimento crescente do envelhecimento demográfico e da necessidade de qualificar recursos humanos na área, outras instituições de ensino superior oferecem cursos de primeiro ciclo em Gerontologia e em Gerontologia Social.

Desta forma, a Gerontologia é essencial para compreender o envelhecimento da população. Assim, o estudo do envelhecimento torna-se fundamental na criação de redes de apoio e na formação de profissionais preparados para garantir um cuidado respeitoso e solidário aos mais velhos. Ao longo do tempo, as melhorias

nas condições de vida e a adoção de políticas sociais mais inclusivas têm contribuído para uma nova conceção da velhice, que passa a ser considerada uma etapa rica de significado e novas oportunidades. Os idosos podem agora explorar novos interesses, manter-se ativos e participar na sociedade.

A criação de cursos em Gerontologia, em Portugal e na Europa, mostra a importância de preparar profissionais para responder às exigências de uma população mais velha, ajudando a garantir o bem-estar e a inclusão dos idosos.

## **2.2. Envelhecimento**

Muitas vezes, o termo "revolução" é utilizado de maneira imprecisa para descrever mudanças pontuais em certos aspetos da sociedade, mas deveria referir-se a transformações mais profundas e rigorosas, como as que marcaram o século XX. A revolução etária é um exemplo dessas mudanças significativas, que, ao lado de outras grandes transformações, como a presença crescente das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças radicais nas comunicações, remodelaram profundamente a sociedade (Loriaux, 2008).

De acordo com Loriaux (2018), as mudanças ocorreram há mais de um século, no período de transição do Antigo Regime para a industrialização, quando as taxas de natalidade começaram a cair. No início, essas mudanças eram vistas apenas como uma preocupação demográfica, refletindo a diminuição da natalidade. No entanto, o impacto dessas alterações foi amenizado pela redução da mortalidade infantil, o que ajudou a suavizar o estreitamento da base da pirâmide etária.

Não foi só a sociedade que mudou, o próprio envelhecimento também se tornou mais evidente e intenso. Para entender melhor estas mudanças, é importante ter em conta as origens dessas características. Nas primeiras décadas do envelhecimento demográfico, ficou claro que a queda da fecundidade era a principal responsável por esse processo, e não a redução da mortalidade. Afinal, a diminuição da mortalidade beneficiou, em grande parte, as crianças pequenas, contribuindo mais para rejuvenescer a população ou, pelo menos, para desacelerar o ritmo do envelhecimento (Loriaux, 2008).

Esta interpretação fez sentido, pelo menos até a segunda metade do século XX. Foi nesse período que os esforços para reduzir a mortalidade resultaram em beneficiários também dos idosos e dos muito idosos, enquanto os avanços em favor das crianças passaram a ocorrer de forma mais lenta (Loriaux, 2008).

Em Portugal, é cada vez mais visível que a população está a envelhecer, fruto das transformações profundas que o país viveu ao longo das últimas décadas. Este processo reflete avanços significativos na modernização social e económica, melhorias nas condições de vida, maior acesso aos cuidados de saúde e mudanças culturais e sociais que influenciaram a fecundidade e a natalidade. Paralelamente, estes progressos favorecem o aumento da longevidade, possibilitando que mais pessoas vivam vidas mais longas e, frequentemente, mais plenas (Moreira, 2020).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o Envelhecimento Ativo é entendido como um processo de maximização de oportunidades relativas à saúde, à participação ativa e à segurança, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem (FPC, 2021).

A reforma não deve levar as pessoas a serem vistas como “inativas”. Pelo contrário, é fundamental valorizá-las e incentivá-las a manterem-se ativas, promovendo uma convivência assente na partilha, no apoio mútuo e no respeito entre gerações. Esta partilha vai muito além da troca de bens materiais, destacando a importância dos laços afetivos e da sabedoria acumulada ao longo da vida (FPC, 2021).

Em 1960, a esperança média de vida à nascença em Portugal era significativamente mais curta do que atualmente: cerca de 64 anos, sendo 60,7 anos para os homens e 66,4 anos para as mulheres. Quase seis décadas depois, estes números aumentaram de forma notável, atingindo os 81 anos, com 78 anos para os homens e 83,5 anos para as mulheres. Segundo projeções do Instituto Nacional de Estatística, prevê-se que, em 2080, a esperança média de vida alcance os 87,4 anos para os homens e 92,1 anos para as mulheres. Este aumento na longevidade, impulsionado pela contínua redução da mortalidade, reflete as transformações da sociedade e reforça a necessidade de adaptar o país ao crescimento constante da população idosa (Moreira, 2020).

Nas últimas décadas, não foi apenas a esperança de vida à nascença que registou melhorias notáveis. A longevidade após os 65 anos também aumentou significativamente, contribuindo para o crescimento da população em idades mais avançadas. Desde 1960, as pessoas ganharam, em média, mais 6 anos de vida após os 65, sendo esse acréscimo ligeiramente maior para as mulheres (6,3 anos) em comparação com os homens (5,3 anos). Em 2018, por exemplo, uma mulher de 65 anos podia esperar viver mais 21 anos, enquanto um homem da mesma idade tinha uma expectativa de vida adicional de 18 anos. Estas mudanças refletem-se no aumento da proporção de pessoas com 80 anos ou mais na população total: em 1960, representavam cerca de 3%, mas, em 2019, já constituíam 6,6%. Estes dados sublinham as profundas transformações demográficas e o desafio de repensar o papel e as necessidades da população idosa na sociedade (Moreira, 2020).

Segundo Moreira (2020), é fundamental compreender se o aumento da esperança de vida está realmente acompanhado por mais anos vividos sem limitações funcionais. Esta reflexão é essencial para entender os processos de envelhecimento e desenvolver respostas mais adequadas às necessidades da população idosa, especialmente dos mais velhos, tendo em conta o seu contexto social e ambiental. Para tal, foram criados indicadores como a esperança de vida saudável, que avalia o número de anos que uma pessoa pode esperar viver sem incapacidades. Ao comparar a esperança de vida total ao nascimento e aos 65 anos com a esperança de vida saudável, nota-se que, embora as mulheres portuguesas

vivam, em média, mais tempo do que os homens, acabam por passar uma maior parte desses anos com limitações físicas ou de saúde. Estes dados evidenciam a importância de promover não apenas uma maior longevidade, mas também uma melhor qualidade de vida durante o envelhecimento.

A baixa taxa de natalidade e o aumento da longevidade, característicos das últimas décadas, resultaram numa pirâmide etária refletindo uma população envelhecida nos Censos de 2021. Este envelhecimento é visível no estreitamento dos grupos etários mais jovens e no alargamento dos grupos mais velhos. Entre 2011 e 2021, observou-se uma redução na população de todas as faixas etárias até os 39 anos, com a queda mais acentuada entre os 30 e os 39 anos. Em 2021, a população com idades até 39 anos representava 40,3%, enquanto em 2011 essa proporção era de 47,1%. Em contrapartida, a proporção de indivíduos com mais de 44 anos aumentou (INE, 2022).

A relação de masculinidade revela 91 homens para cada 100 mulheres. Até os 30 anos, o número de homens é maior do que o de mulheres, mas a partir dessa idade a situação inverte-se. Nas faixas etárias mais avançadas, há uma predominância clara de mulheres, refletindo a maior mortalidade entre os homens (INE, 2022).

O envelhecimento demográfico em Portugal tem-se intensificado de forma marcante nos últimos anos. Segundo os dados dos Censos 2021, o índice de envelhecimento atingiu 182, o que significa que há 182 pessoas idosas para cada 100 jovens. Em 2011, esse índice era de 128, evidenciando um aumento significativo ao longo da última década (INE, 2022).

O aumento da expectativa de vida, aliado à maior disponibilidade dos avós e às exigências da vida moderna enfrentadas pelos pais, tem contribuído para que os avós desempenhem um papel cada vez mais presente e constante na vida dos netos. Tendencialmente, o grau de parentesco mais profundo aproxima as pessoas e facilita a interação. Este contacto frequente permite que desempenhem um papel importante tanto no apoio emocional como na transmissão de valores e conhecimentos essenciais ao desenvolvimento dos netos. A interação entre diferentes gerações, fenómeno cada vez mais presente, tem sido amplamente reconhecida pelos seus benefícios, uma vez que, proporciona trocas afetivas e de conhecimento, reforça os vínculos familiares e contribui para o desenvolvimento pessoal de todos os envolvidos.

### **2.3. Papel dos Avós na Família**

A estrutura familiar sofreu transformações profundas ao longo do último século, tanto na sua dimensão como na sua complexidade, moldando as formas de convivência e os papéis sociais atribuídos aos seus membros. Rosa & Vieira (2003), identificam três fases que ajudam a compreender essa evolução histórica. A primeira, entre o início do século XX e os anos 40, reflete um tempo em que o casamento era altamente valorizado, mas muitas pessoas permaneciam solteiras

devido às exigências económicas da época. A posse de terras era vista como condição essencial para constituir família, revelando a forte dependência da economia agrícola.

A segunda fase, situada entre meados do século XX e os anos 70, distingue-se por um aumento da fecundidade, casamentos mais precoces e uma ligação estreita entre casamento e reprodução. A migração dos jovens para os centros urbanos ou para o estrangeiro proporcionou maior independência financeira, facilitando a constituição de novas famílias. Este período, frequentemente referido como a “década de ouro do crescimento económico”, ficou marcado por uma expansão económica expressiva, que favoreceu a intensificação destes fenómenos (Rosa & Vieira, 2003).

Já a terceira fase, de meados dos anos 70 até 2001, evidencia uma alteração significativa nos padrões familiares: casamentos mais tardios, aumento das taxas de divórcio e um enfraquecimento da relação tradicional entre casamento, formação de família e procriação. Neste período, nota-se também uma maior complexidade nas estruturas familiares (Rosa & Vieira, 2003). Esses padrões, conforme apontado por Rosa & Vieira (2003), refletem um aumento da diversidade nas configurações familiares e nas perceções de família, o que se traduz em transformações significativas nas relações intergeracionais.

Contudo, ao refletir sobre estas mudanças, percebe-se que, embora as transformações nas estruturas familiares tenham sido bastante estudadas, o impacto delas nas relações entre gerações ainda precisa de mais atenção. Apesar da elevada mobilidade das famílias e da crescente diversidade das suas composições, bem como das mudanças nos comportamentos familiares, nas sociedades ocidentais contemporâneas continua a existir uma forte rede de relações intergeracionais baseada na solidariedade. A família mantém-se, assim, como um pilar essencial para a construção psicológica e cultural dos indivíduos. A continuidade destes vínculos familiares revela-se crucial para a compreensão das dinâmicas sociais atuais, como também sugere Ramos (2005).

Atualmente, tanto a nível internacional como em Portugal, diversos fatores têm provocado mudanças significativas nas dinâmicas sociais e familiares. O aumento da longevidade, a redução das taxas de mortalidade e natalidade, o envelhecimento da população, bem como o crescimento da mobilidade e das migrações, acompanhados por melhorias nas condições de vida e nos cuidados médico-sociais, são elementos centrais neste processo. A par disso, observam-se mudanças nos valores familiares, nas dinâmicas de género, na crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, na extensão da escolaridade e nas dificuldades dos jovens em aceder ao mercado laboral (Ramos, 2005). Assim, estas mudanças nas dinâmicas familiares não só alteram a estrutura, mas também intensificam a complexidade das relações intergeracionais, que exigem uma maior reflexão.

O aumento da longevidade coloca os avós em um papel mais importante, mas também traz desafios para a saúde e o bem-estar deles. É necessário encontrar um equilíbrio entre o apoio que dão às novas gerações e os cuidados de que precisam. Também é essencial que os avós não fiquem apenas limitados ao apoio emocional, mas que continuem a participar de forma ativa e significativa na vida da família e na convivência entre gerações. Neste contexto, as transformações nas famílias geraram novas identidades, papéis e formas de solidariedade, o que levou à criação de políticas e medidas que procuram promover a inclusão e a convivência intergeracional (Ramos, 2005).

Essas transformações têm dado origem a uma maior visibilidade das pessoas mais velhas na sociedade e na família. No contexto europeu e português, a tendência de envelhecimento da população é evidente, e o século XXI é frequentemente designado como o século dos mais velhos e dos avós, dada a sua predominância face às restantes faixas etárias (Ramos, 2005). Antigamente, as crianças cresciam num ambiente familiar tradicional, alargado e inserido numa sociedade maioritariamente rural e agrícola. Com a Revolução Industrial do século XVIII, assistiu-se, no contexto europeu, a um desenvolvimento crescente dos cuidados dirigidos à criança (Silva, 2012).

As mudanças decorrentes da Revolução Industrial implicaram uma reorganização das estruturas familiares, exigindo das famílias uma aprendizagem mais ativa e uma adaptação a novas formas de socialização (Silva, 2012). Assim, a família contemporânea é entendida como uma entidade dinâmica, profundamente marcada pelas transformações sociais e culturais da época em que se insere. É nesse contexto que a criança cresce e se desenvolve, muitas vezes num núcleo familiar constituído apenas por um adulto e uma criança (Silva, 2012).

Atualmente, as pessoas mais velhas ocupam um lugar de maior visibilidade na sociedade, resultado do aumento da longevidade. No seio familiar, coexistem diferentes tipologias, incluindo famílias compostas exclusivamente por adultos mais velhos ou com membros idosos integrados. Outro fenómeno relevante é a convivência entre várias gerações, favorecendo a interação intergeracional e promovendo um enriquecimento mútuo, através da partilha de afeto, conhecimentos e experiências entre as gerações (Silva, 2012). A convivência entre gerações, portanto, é importante, mas também exige reflexão sobre os desafios que pode trazer, especialmente nas famílias com realidades socioeconómicas e culturais distintas.

Num mundo cada vez mais acelerado, é fundamental que o vínculo com os avós se mantenha forte e positivo para ambas as partes. Os avós, neste contexto, podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento escolar, pessoal e social das crianças e adolescentes. Através de histórias, ensinamentos, partilha de valores e tarefas, contribuem significativamente para a socialização dos mais novos e para o seu relacionamento no contexto escolar (Silva, 2012).

## 2.4. Relações Intergeracionais

Segundo Ramos et al., (2012), as relações intergeracionais, especialmente entre avós e netos, assumem um papel fundamental na transmissão de elementos psíquicos e culturais. Cada criança nasce inserida numa família e numa cultura específicas, e é a partir dessa herança transmitida ao longo das gerações que vai construir a sua identidade, bem como a sua estrutura psíquica e cultural.

A família, enquanto espaço de afetos, relações e partilhas contínuas, é o lugar onde se transmitem de forma natural os valores, as memórias e a cultura de uma geração para a outra. É nesse ambiente que se criam laços fortes entre gerações, se apoia o desenvolvimento da autonomia, da independência e da identidade de cada membro, promovendo também a sua integração no grupo familiar e na comunidade (Ramos et al., 2012).

Como é sabido o aumento da longevidade e da esperança de vida tem sido um dos principais fatores a transformar a estrutura e a dinâmica das famílias. As gerações mais velhas têm uma presença cada vez mais significativa, tanto no ambiente familiar como na sociedade. Por isso, é cada vez mais comum vermos famílias onde convivem quatro gerações em simultâneo — bisavós, avós, pais e netos — partilhando o mesmo espaço e criando ligações entre diferentes tempos de vida. (Ramos et al., 2012).

As gerações mais velhas continuam a desempenhar um papel fundamental no crescimento, na integração social e na educação dos mais novos e na transmissão intergeracional, favorecendo o diálogo e a aproximação entre as gerações, contribuindo para a diminuição dos preconceitos e isolamento em relação ao idoso e para promover a sua autoestima e bem-estar, assim como, promover os laços afetivos e a solidariedade entre as diferentes gerações envolvidas (Ramos et al., 2012).

As atividades intergeracionais permitem criar momentos especiais de encontro entre os mais velhos e os mais novos, onde, com respeito pelas diferenças de cada um, se partilham histórias, saberes, afetos e experiências de vida. São espaços de verdadeira troca, onde se aprende em conjunto e se fortalece o diálogo e a solidariedade entre gerações. (Ramos et al., 2012).

Desta forma, através de numerosas investigações, em diferentes contextos sociais e culturais, confirmou-se a importância da transmissão intergeracional dos valores e práticas educativas, mostrando que esta transmissão é involuntária e inconsciente, evidenciando igualmente que o tipo de educação e de cuidados, de que os pais obtiveram na sua infância, irá igualmente influenciar a forma e o estilo como estes irão cuidar e educar os seus próprios filhos (Kivnick *et al.*, 1982 citado por Ramos et al., 2012).

O estudo "Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa" desenvolvida por Triadó, Martinez e Villar (2005), e adaptada para a realidade portuguesa por Peixoto e Gonçalves (2014), analisa a relação entre avós e netos através da ESGP-A (versão avós) e ESGP-N (versão netos), permitindo uma análise comparativa das percepções de ambas as gerações.

A ESGP-A é um questionário de autorrelato na sua versão original, com 33 itens distribuídos por 7 dimensões: Compreensão Mútua, Vínculo ao Passado, Conselheiro, Desfrutar, Indulgência, Distância e Cuidador. Utiliza uma escala de Likert de 5 pontos e procura capturar diferentes aspetos da relação avô/avó-neto/a, como cuidados, proximidade emocional e mediação. Neste Trabalho de Projeto apenas será utilizada a ESGP-A versão portuguesa adaptada por Peixoto e Gonçalves (2014), constituída por 27 itens e 5 dimensões.

Segundo os resultados obtidos no estudo, e tendo em conta que este foi uma primeira tentativa de adaptação da ESGP-A à população portuguesa, os autores verificaram que esta escala tem potencial, pelas suas qualidades psicométricas consideradas aceitáveis, quer os valores de alfa de *Cronbach* de cada dimensão, quer a variância explicada total. Concluíram que esta escala se constitui como um instrumento que permite aceder às representações da relação que avós e netos estabelecem, com a vantagem de avaliar as duas faces que compõem. No entanto, existem algumas diferenças entre as duas versões, nomeadamente no que diz respeito à distribuição dos itens pelas dimensões na adaptação à população portuguesa. Estas diferenças registadas poderão ser explicadas pelo contexto cultural específico e pela forma como os itens poderão ser interpretados pelos intervenientes, pelo que alguns deles se reorganizam em dimensões diferentes em relação à escala original (Peixoto & Gonçalves, 2014).

Desta forma, e segundo o que foi dito anteriormente, o idoso deixa de ser visto como alguém inválido e incapaz e passa a perceber-se como um indivíduo que tem uma vida saudável e com vitalidade e, por isso, torna-se também importante para este fortalecer as relações intergeracionais familiares, uma vez que muitas vezes são os avós quem cuidam dos seus netos.

Para fortalecer as relações entre avós e netos, é importante que as trocas entre gerações sejam diversas e integrem aspetos afetivos, normativos e instrumentais. No contexto familiar, a promoção da entre ajuda em tarefas simples, como acompanhar os avós em passeios ou participar em atividades conjuntas, ajuda a criar laços profundos e a desenvolver um sentido de cumplicidade, gerando vínculos que perduram ao longo do tempo. A celebração de momentos importantes em família, como aniversários e festividades, também desempenha um papel fundamental, promovendo a coesão familiar e reforçando a ligação entre gerações.

Além disso, preservar a memória familiar é fundamental para fortalecer os laços afetivos e manter o equilíbrio nas relações dentro da família. Objetos cheios de significado, como fotografias, filmes, cartas e documentos, guardam não só histórias do passado, mas também ajudam a criar pontes entre gerações, relembrando lembranças partilhadas e inspirando gestos de carinho e conexão. A promoção de uma comunicação intergeracional eficaz, quer através de meios tradicionais, quer pós-modernos, reforça essa ligação, permitindo que diferentes gerações partilhem códigos, experiências e conhecimentos de forma fluida e significativa.

Nesse sentido, a aplicação da "Escala de Significados da Grã-Parentalidade - Versão Avós" à população portuguesa constitui uma ferramenta relevante para aprofundar o estudo sobre as relações entre avós e netos, oferecendo uma visão mais completa sobre a importância destes vínculos intergeracionais no desenvolvimento familiar.

## **2.5. A Relação entre Avós e Netos**

Na contemporaneidade, observa-se que os avós vivem mais e com uma melhor saúde. No início do século XX, a expectativa era que apenas 10% da população chegasse aos 60 anos. No entanto, em 2000, essa realidade mudou, com a maioria da população a ultrapassar essa idade (Sampaio, 2008).

Em consequência da baixa natalidade e do aumento da longevidade que caracterizam as últimas décadas, a pirâmide etária correspondente aos Censos 2021 reflete uma população envelhecida, evidenciando um estreitamento dos grupos etários da sua base e um alargamento nas idades mais elevadas.

Com as mudanças na estrutura familiar, muitos avós mantêm-se ativos e em boa saúde, sendo possível uma convivência entre quatro gerações dentro da mesma família. Esta dinâmica é especialmente visível quando os bisavós ainda estão presentes (Sampaio, 2008). A experiência de ser avô ou avó muda conforme a idade: aos 50 anos, essa nova fase pode ser vista como um desafio a ser enfrentado, com responsabilidades ativas em relação aos netos, enquanto aos 70, os netos podem estar mais independentes, resultando em menos contato direto (Sampaio, 2008).

A atual geração de avós é única na história, uma vez que, ao ter a oportunidade de acompanhar o crescimento dos netos ao longo de várias décadas, permite um relacionamento que vai além da simples supervisão. Esta interação pode ser marcada tanto por momentos de apoio quanto por uma troca de cuidados, onde os netos também oferecem assistência aos avós em fases de fragilidade (Sousa, 2005). Com o aumento da longevidade, a maioria dos netos tem a possibilidade de conhecer todos os seus avós, o que cria laços e desafios únicos (Sousa, 2005).

As interações entre avós maternos e paternos exigem que esses familiares construam relações entre si, mesmo que mediadas pela presença dos netos. Isso implica que os avós precisam desenvolver uma convivência harmoniosa, enquanto os netos aprendem a gerenciar diferentes dinâmicas familiares (Sousa, 2005). Essa relação com os avós é percebida de forma distinta em comparação às interações com os pais, onde os avós tendem a valorizar o afeto e o tempo juntos, em oposição às preocupações comuns que os pais têm em relação ao desempenho escolar e futuro profissional (Sampaio, 2008).

O vínculo entre avós e netos forma-se lentamente, por meio de gestos e interações cotidianas, sem a necessidade de objetivos fixos. Este relacionamento, se cultivado ao longo do tempo, pode ser duradouro, mantendo-se ao longo das diversas fases da vida dos netos, a menos que interrupções, como a perda de um avô, venham a ocorrer (Sampaio, 2008).

A relação entre avós e netos é um espaço rico de troca intergeracional, que pode ser analisada por meio de três dimensões temporais: o tempo social, que reflete as transformações na sociedade; o tempo familiar, que aborda as diferentes etapas do ciclo de vida familiar; e o tempo individual, que envolve o crescimento pessoal de cada indivíduo (Sousa, 2005). O tempo social reflete como cada geração é marcada pela época em que cresceu, desenvolvendo formas de pensar, agir e viver que a tornam única. Entre as mudanças mais significativas estão a evolução dos papéis de gênero e a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho (Sousa, 2005).

O tempo individual relaciona-se com o desenvolvimento específico de cada pessoa, abrangendo aspectos afetivos, sociais e cognitivos, enquanto o tempo familiar representa a evolução e transformação contínua das famílias ao longo do tempo. As etapas do ciclo de vida familiar são marcadas por momentos de transição, que podem incluir a entrada ou saída de membros da família (Hoffman, 1989, citado por Sousa, 2005). Apesar de existirem vários modelos de estágios, o de Carter e McGoldrick (1989), citado por Sousa (2005), é constituído por seis estágios: sair de casa (entre famílias); junção das famílias pelo casamento (novo casal); famílias com crianças pequenas; famílias com adolescentes; deixar os filhos sair; famílias no fim da vida.

Neste cenário, avós, pais e netos interagem em diferentes tempos de vida, o que resulta num conjunto diversificado de experiências e dinâmicas nas relações entre avós e netos (Sousa, 2005). Os avós, que já completaram o seu ciclo de criação familiar, agora observam o desenvolvimento da nova geração, enquanto os netos se preparam para a vida adulta. Esta troca proporciona valiosas lições, onde os avós transmitem sabedoria e valores, ajudando os netos a enfrentar os seus próprios desafios. A experiência dos avós pode ser enriquecedora, desde que se sintam satisfeitos com suas escolhas passadas, ou pode ser motivo de reflexão se perceberem que essas decisões impactaram negativamente as vidas dos filhos e netos (Sousa, 2005). Em suma, a relação entre avós e netos é complexa, com cada geração contribuindo para o crescimento e a formação da outra.

## 2.6. Contribuições dos avós para os seus netos

Os avós desempenham um papel fundamental e flexível na vida dos netos, distinguindo-se dos pais pela capacidade de adaptação às dinâmicas familiares. Enquanto o papel dos pais é social e legalmente definido, os avós moldam a sua função conforme as necessidades familiares, variando desde uma presença mínima até uma substituição quase total dos pais em situações de ausência ou incapacidade.

Neugarten & Weinstein (1968), citados por Sousa (2005), identificaram cinco estilos principais de avós: formal, divertido, substitutivo, autoritário e distante. Os avós formais mantêm-se à margem da educação dos netos, evitando interferir nas decisões parentais. Os mais divertidos partilham momentos de lazer com os netos, encarando-os como companheiros de brincadeira. Os substitutivos assumem o papel de cuidadores principais, geralmente quando os pais não estão presentes, enquanto os autoritários estabelecem regras e são respeitados pelos próprios filhos. Por fim, os avós distantes mantêm uma relação mais esporádica, interagindo principalmente em ocasiões especiais.

O modo como os avós se relacionam com os netos é influenciado por fatores como saúde, idade, proximidade geográfica e a relação com os próprios filhos. Avós mais jovens e saudáveis tendem a ser mais descontraídos, enquanto aqueles com problemas de saúde ou que vivem longe mantêm uma postura mais distante ou formal.

Para muitas famílias, os avós desempenham um papel vital no quotidiano, como o cuidado dos netos durante o horário de trabalho dos pais ou a facilitação da transição para a vida escolar. A sua intervenção vai além de meros cuidados práticos, envolvendo também uma dimensão emocional, já que educam com prazer, livres das pressões que tiveram ao criar os próprios filhos. Este ambiente acolhedor reforça a ligação com os netos, construindo uma relação especial e profunda.

A relação entre avós e netos pode influenciar a forma como os jovens percebem o envelhecimento. Uma interação positiva tende a promover atitudes favoráveis em relação à velhice, enquanto relações conflituosas podem gerar percepções negativas sobre o processo de envelhecimento (Sousa, 2005).

Por fim, tornar-se avô ou avó envolve uma reflexão sobre o novo papel a desempenhar. Embora não sejam modelos perfeitos, os avós são uma referência importante para os netos, transmitindo valores e fortalecendo os laços familiares. Esta relação, baseada na sabedoria acumulada e no amor incondicional, contribui significativamente para o bem-estar emocional dos netos e para a continuidade dos laços familiares ao longo das gerações.

## 2.7. Síntese de estudos sobre as relações entre avós e netos

A relação entre avós e netos tem sido alvo de muitos estudos, mostrando o quanto este vínculo é especial para o crescimento das crianças e para a felicidade dos mais velhos. O contacto entre estas duas gerações traz uma troca preciosa de carinho, sabedoria e ensinamentos, que é fundamental para a dinâmica familiar.

No livro de Stella António (2010), intitulado “Avós e Netos: Relações Intergeracionais – A Matrilinearidade dos Afetos”, são apresentados vários estudos sobre as interações entre avós e netos. Um dos estudos mencionados, realizado por Baranowski (1982), destaca quatro aspetos essenciais desta relação. O autor

conclui que o vínculo entre avós e netos é influenciado pelos pais, cujo papel tem um impacto direto na qualidade e na natureza dessas interações. A idade dos netos e a linhagem dos avós – se paternos ou maternos – também são fatores importantes na dinâmica dessa relação. O estudo ainda enfatiza a importância da reciprocidade entre avós e netos, mostrando que os avós não só afetam o desenvolvimento da identidade dos netos, mas também podem influenciar a forma como estes encaram o envelhecimento.

Outro estudo relevante, conduzido por Barranti (1985), citado por António (2010), investigou as perceções de 228 jovens adultos sobre a proximidade emocional que sentem em relação aos seus avós. Os resultados mostraram que as mulheres tendem a ter uma ligação mais próxima com as avós maternas do que os homens. Além disso, foi também observado que a relação entre os pais dos jovens e os avós tem um impacto direto na proximidade emocional que os netos sentem, sendo esta maior quando existe uma ligação forte entre as mães e as suas próprias mães.

A investigação liderada por Oliveira et al. (2009) analisou a relação entre avós idosas e os seus netos a partir da perspetiva das próprias avós. O estudo mostrou que o contacto frequente e quase diário com os netos era essencial para fortalecer os laços familiares e gerar satisfação emocional nas avós. Atividades partilhadas, como passeios e ver televisão em conjunto, foram identificadas como formas importantes de aproximação. Este estudo também realçou o papel das avós na transmissão de valores morais e na formação da personalidade dos netos, evidenciando o seu envolvimento contínuo na vida familiar.

Um estudo de 2020, realizado por Romelka Pires de Sá e colaboradores, fez uma revisão da literatura sobre as relações intergeracionais entre avós e netos, focando-se nas implicações emocionais e cognitivas destas interações. A pesquisa mostrou que, além de oferecerem apoio emocional, as relações entre avós e netos são importantes para ajudar os idosos a manterem a sua autonomia e independência, enquanto contribuem para o crescimento das crianças. O estudo também abordou a profundidade emocional desses laços e da necessidade de ensinar as gerações mais jovens a compreender e a valorizar o envelhecimento.

Por último, um outro estudo de 2020 designado “A casa dos avós: O papel do contacto com os avós nas percepções idadistas de crianças do ensino básico” de Ribeiro e colaboradores, investigou como o contacto entre crianças e os avós influencia as percepções sobre pessoas idosas em Portugal. Com base numa amostra de 145 crianças do ensino básico (11-13 anos), concluiu-se que relações mais frequentes e de qualidade com os avós ajudam a reduzir preconceitos, promovendo admiração e percepções mais positivas sobre os idosos. Crianças que foram educadas pelos avós tendem a vê-los como pessoas mais capazes e valiosas, reconhecendo neles competências importantes. Além disso, ver os avós como uma parte importante da família ajuda a criar uma imagem ainda mais positiva deles. O estudo realça como as relações próximas e significativas entre avós e netos podem quebrar preconceitos sobre os idosos, destacando o papel único e insubstituível dos avós na vida familiar e na sociedade, especialmente num cenário em que a população está a envelhecer rapidamente.

Em suma, os estudos analisados mostram que a relação entre avós e netos é evidenciada por uma grande troca de influências, em que os avós são fundamentais para o crescimento das crianças, enquanto os netos dão às avós um sentido de continuidade e ligação com as próximas gerações. A mediação dos pais e a dinâmica familiar são elementos cruciais que moldam esta relação, tornando-a uma parte essencial do bem-estar familiar e do crescimento pessoal dos envolvidos

### 3. Freguesia de Alpedrinha: Contexto Histórico e Cultural

#### 3.1. Breve História da Freguesia

Alpedrinha é uma vila portuguesa, sede de freguesia do concelho do Fundão, com 18,22 km<sup>2</sup> de área, 930 habitantes e 65,0 hab./km<sup>2</sup> de densidade (Censos, 2021). Está situada a sul da Serra da Gardunha, a 556 metros de altitude (*Terras de Portugal*, 2012).

Foi sede de concelho entre 1675 e 1855, constituído pelas freguesias de Alpedrinha e Vale de Prazeres e tinha, em 1801, 1.703 habitantes. Após 1834, foram-lhe anexadas as freguesias de Atalaia do Campo, Castelo Novo, Lardosa, Orca, Póvoa de Atalaia e Soalheira. Tinha, em 1849, 7.318 habitantes (*Terras de Portugal*, 2012).

Foi natural desta freguesia D. Jorge da Costa, o famoso Cardeal de Alpedrinha (*Terras de Portugal*, 2012).

Situa-se na encosta sul da Serra da Gardunha, a uma altitude de aproximadamente 550 metros, rodeada de arvoredos (*Terras de Portugal*, 2012).

Da cidade do Fundão, sede de concelho, encontra-se a uma distância de 12 Km pela EN18 (pela serra); 6 Km pelo túnel da Gardunha, o maior de Portugal continental, com 1.570 metros e também 6 Km pela estrada romana que antigamente era a única ligação ao Fundão. Da capital de Distrito, Castelo Branco, encontra-se a cerca de 30 Km. (*Terras de Portugal*, 2012).

Apresenta ainda uma linha de caminho de ferro da Beira Baixa, tendo agora apenas um apeadeiro (*Terras de Portugal*, 2012).

Relativamente à evolução histórica, a povoação parece ser de fundação pré-romana (conforme evidências de vários indícios dispersos, como escavações feitas nos arredores e onde se encontram túmulos que atestam esta hipótese). Foi ponto de passagem importante da parte ocidental de Hispânia, como provam as grandes extensões da estrada romana, ainda hoje bem conservada, e algumas moedas encontradas. Os romanos atribuíram-lhe o nome de Petratinia, nome este posteriormente adotado pelos árabes, que o modificaram, tornando possível a designação atual (Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da Vila de Alpedrinha, 2015).

Em 1202 foi dado foral à povoação por Pedro Guterres. Apesar das origens romanas, o período de esplendor da vila data da segunda metade de 400 e da primeira do século seguinte, estando ligado ao prestígio de D. Jorge da Costa, o cardeal de Alpedrinha, que ali nasceu em 1406 e foi mestre de D. Catarina e privado do monarca. Foram-lhe atribuídas as maiores honras e benefícios eclesiásticos que acumulou em número sem precedentes. Diz-se que renunciou à tara em favor do Papa Júlio II de quem era íntimo. Está sepultado na Igreja de Santa Maria del

Popolo, em riquíssimo mausoléu por ele mandado construir (Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da Vila de Alpedrinha, 2015).

Alpedrinha foi elevada a sede de concelho em 1675 por alvará do Príncipe Regente D. Pedro, alvará que foi extinto em 1855. Foi assaltada pelos soldados napoleónicos de Loison em 5 julho de 1808 que profanaram a Igreja de Santa Maria Madalena. No saque perderam a vida 31 pessoas da povoação (Programa Estratégico de Reabilitação Urbana da Vila de Alpedrinha, 2015).

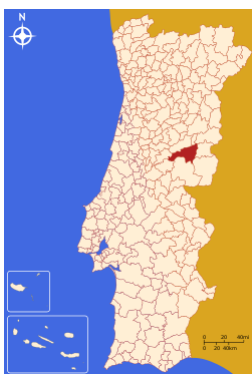


Figura 1-Localização do concelho do Fundão, onde se situa Alpedrinha<sup>1</sup>

### 3.2. Características sociodemográficas

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2022), a freguesia de Alpedrinha registou uma diminuição de 14,44% na população residente entre os anos de 2011 e 2021. Em 2021, a freguesia contava com 930 habitantes, menos 157 do que em 2011. A densidade populacional era então de 57,44 habitantes por quilómetro quadrado. Destes, 447 eram homens e 483 mulheres, o que representou, relativamente a 2011, uma redução de 76 indivíduos do sexo masculino e 81 do feminino (INE, 2022).

No que diz respeito à distribuição etária, em 2021, havia 95 crianças e jovens entre os 0 e os 14 anos (53 rapazes e 42 raparigas), 77 jovens entre os 15 e os 24 anos (44 rapazes e 33 raparigas) e 433 pessoas entre os 25 e os 64 anos (215 homens e 218 mulheres). Já a população com 65 ou mais anos, tem um total de 325 pessoas (135 homens e 190 mulheres). Estes dados demonstram o visível envelhecimento da população, com muito mais pessoas idosas do que jovens (INE, 2022).

Relativamente à composição dos agregados domésticos, de acordo com o INE (2022), em 2011, a dimensão média das famílias clássicas era de 2,49 pessoas, tendo descido para 2,25 em 2021, nos agregados domésticos privados em Alpedrinha. Esta redução poderá estar associada ao envelhecimento da população e à saída dos mais jovens.

<sup>1</sup> Fonte da figura 1: <http://terrasdeportugal.wikidot.com/alpedrinha-fundao>

Entre 2011 e 2021, também se registou uma quebra na população em idade ativa, que passou de 642 para 510 pessoas. Esta diminuição acompanha a tendência já referida de perda de população jovem e envelhecimento (INE, 2022).

O índice de envelhecimento confirma esta realidade, tendo aumentado segundo o INE (2022), de 273,9 em 2011 para 342,11 em 2021, um acréscimo de 68,21. Este crescimento acentuado reforça o impacto da baixa natalidade e da migração dos mais jovens para outras regiões ou países, contribuindo para o envelhecimento da estrutura populacional.

Estes dados mostram que a freguesia está a envelhecer, o que pode trazer desafios para o futuro de Alpedrinha. A diminuição de jovens, a redução da população ativa e o aumento do índice de envelhecimento indicam que, nos próximos anos, a freguesia pode ter dificuldades em manter a sua vitalidade social e económica.

### **3.3. Aspetos Culturais e Tradições Locais**

Alpedrinha, situada entre o Fundão e Castelo Branco, destaca-se pela sua localização na Beira Baixa. A vila é marcada pela sua riqueza cultural e pelo património histórico que exhibe (Câmara Municipal do Fundão, 2015).

Em Alpedrinha, existem quatro museus: o Museu de Arte Sacra, na Igreja Matriz; o Museu da Liga dos Amigos de Alpedrinha, nos Antigos Paços do Concelho, o Salão de Arte José Parente Pinto, com Oficina de Móveis Embutidos e ainda a própria Vila, com as suas janelas e portas medievais, varandas típicas, casas de cantaria e vielas floridas, com as suas capelas e fontes, todas de rara beleza; desde o chafariz do Espírito Santo, diante da Capela, até ao chafariz D. João V e ao Palácio do Picadeiro, passando pela capela de Santa Catarina e fonte do Leão (Câmara Municipal do Fundão, 2015).

Segundo a Câmara Municipal do Fundão, (2015), esta freguesia é ainda conhecida pela sua transumância, no maciço central da Serra da Estrela é possível encontrar-se uma transumância de dois sentidos: a de Inverno e a de Verão. As caminhadas trilhadas pelos pastores na condução dos rebanhos faziam-se no sentido da alta montanha, nomeadamente, das aldeias situadas a maior altitude na Serra da Estrela na transumância de Verão e para as planícies na denominada transumância de Inverno e, no caso de algumas aldeias, da planície ou do planalto em direção à serra e vice-versa.

O movimento transumante, outrora essencial na Península Ibérica, encontra-se atualmente praticamente extinto ou limitado a circuitos muito reduzidos. Dada a importância histórica e sociocultural desta prática, bem como o facto de os seus percursos tradicionais nunca terem reconhecido fronteiras, surgiu o "Chocalhos: Festival dos Caminhos da Transumância". Este festival tem como objetivo homenagear, preservar e revitalizar esta tradição ancestral, permitindo recuperar

pedaços valiosos da história e perpetuar o legado de uma prática profundamente enraizada no património cultural da região (Câmara Municipal do Fundão, 2015).

Outra festa existente nesta freguesia, é a festa do Anjo da Guarda realizada ao 3º fim de semana do mês de agosto, esta festa religiosa traz para Alpedrinha, os seus habitantes e emigrantes que no verão regressam à sua terra natal para esta festa que tanta importância tem na comunidade (Câmara Municipal do Fundão, 2015).

### **3.4. A Vila de Alpedrinha no passado**

Em 1933, quando a Monografia de Alpedrinha foi publicada, ainda não havia dados oficiais dos censos sobre a população, mas estimava-se que a vila tinha cerca de 2.020 habitantes, sendo 969 homens e 1.051 mulheres. Na época, já era visível um crescimento populacional, com uma média anual de 5,4 novos habitantes de 1933 a 1938, que posteriormente aumentou para 10,8. Esse crescimento era impulsionado pela alta taxa de natalidade, que superava amplamente a de mortalidade, refletindo uma tendência de expansão populacional (Mota, 1933).

No século XIX, a Vila de Alpedrinha era um centro rico em atividades industriais e comerciais. A vila possuía uma série de indústrias, como curtumes<sup>2</sup>, borracheiros<sup>3</sup> e ourivesaria, que contribuía para o desenvolvimento económico local. No entanto, com o passar do tempo, estas indústrias desapareceram, e a vila assistiu a uma queda significativa no seu setor industrial. As fábricas de curtume e outras unidades de produção foram fechando, e não surgiram novas iniciativas. Apesar de contar com uma diversidade de pequenas oficinas e empreendimentos que atendem às necessidades da comunidade, como marcenarias, carpintarias, oficinas de sapateiros e alfaiates, a vila de Alpedrinha não acompanhou o desenvolvimento observado em outras localidades. Houve poucas tentativas para desenvolver a indústria, e muitas acabaram por falhar. Exemplos disso são a fábrica de conservas na Estação, que nunca chegou a iniciar operações, e a fábrica de luz elétrica da Misericórdia, que ficou inacabada. Além disso, a fábrica de azeite, que prometia um crescimento económico, fechou após poucos anos devido a problemas operacionais. O mesmo aconteceu com outros empreendimentos locais. Um dos quatro lagares de azeite da vila deixou de funcionar, e as três azenhas existentes transformaram-se em ruínas. Este cenário reflete a estagnação e a falta de inovação no setor industrial da vila, contrastando com o progresso observado em outras regiões (Mota, 1933).

---

<sup>2</sup> Indústria de Curtumes - Tratamento do couro cru e o local onde esse tratamento é realizado, com o objetivo de torná-lo adequado para a indústria e o comércio por atacado.

<sup>3</sup> Indústria de Borracheiros – produção de borracha.

Muitas indústrias, novas e velhas foram um marco importante na Vila de Alpedrinha como:

A **pirotecnia**, uma das artes mais lucrativas em Alpedrinha, teve um renascimento notável em 1870. Naquele período, alguns artistas locais decidiram reviver a tradicional festividade do Anjo da Guarda, que há muitos anos não era celebrada (Mota, 1933).

A **indústria da louça preta de barro**, embora moderna, era ainda pouco explorada no passado. Naquela época, havia apenas uma olaria em funcionamento em Alpedrinha, localizada nas ruínas da antiga capela de Santa Maria Madalena, na estrada das Águas da Touca (Mota, 1933).

O **sumagre**<sup>4</sup>, que outrora representava uma fonte significativa de rendimento para os proprietários de Alpedrinha, desapareceu por completo. No passado, a vila exportava anualmente várias dezenas de milhares de arrobas de sumagre moído, um produto essencial tanto para a indústria de curtumes de peles quanto para a tinturaria (Mota, 1933).

Outra indústria que desapareceu completamente em Alpedrinha foi a de **curtumes de peles**, outrora amplamente explorada na região. As casas onde se realizava o processo de curtimento eram chamadas de alçaçarias. O nome "Quelhas das Alçaçarias" provém do fato de que existiam várias casas de curtumes nessa rua, o que demonstra a importância da atividade, que conseguiu dar nome tanto à rua quanto ao ribeiro da Botelheira e ao local registado na Matriz Predial como Alçaçarias (Mota, 1933).

O **azeite e a azeitona** representavam a maior riqueza de Alpedrinha, superando até mesmo a produção de vinho, pois exigiam menos trabalho e menos despesa, sendo o principal recurso dos proprietários da época. A colheita e a apanha da azeitona iniciavam-se no princípio de novembro, ou raramente no final de outubro, começando com a azeitona destinada à conserva (a chamada "durna") e depois à produção de azeite. Homens subiam às árvores utilizando longas escadas de castanho, com até 20 degraus, enquanto as mulheres, posicionadas em mantas ou toldos de linho estendidos sob as oliveiras, "ciravam" a azeitona, atirando-a ao ar para que o vento removesse as folhas. Este procedimento, além de garantir a pureza da azeitona, também evitava que as folhas e a terra comprometessem a qualidade do azeite no lagar. Durante o trabalho, as mulheres cantavam canções bonitas, embora tristes, como quase todas as canções populares da época (Mota, 1933).

**Matações** - Uma das festas mais características de família era a matança do porco, que em Alpedrinha se chamava "Matação". De novembro a fevereiro, raramente passava um dia sem que porcos fossem abatidos em Alpedrinha. Na

---

<sup>4</sup> Sumagre - Fruto de uma planta arbustiva com coloração avermelhada, parecida com a dos tijolos. Algumas variedades podem ser roxas-escuras. Normalmente, os frutos são secos, moídos e usados como tempero.

véspera do acontecimento, o chefe da família convidava irmãos, cunhados e amigos mais íntimos para ajudar a "pegar", termo tradicional da época. Sabia-se que os convidados deviam trazer as suas esposas e filhos. Todos se reuniam na casa, e antes de iniciar o abate, era tradição beber um cálice de aguardente e comer três ou quatro figos secos. Em quase todas as famílias havia um matador, e se não houvesse, alguém de fora era convidado para desempenhar essa função (Mota, 1933).

**Compadres** - Antigamente, as duas Quintas-Feiras que antecediam o Domingo Gordo (Carnaval) eram conhecidas como Quinta-Feira de Comadres e Quinta-Feira de Compadres. Nesses dias, era costume que as famílias amigas se reunissem à noite para celebrar os "compadres". A celebração incluía, além da chouriça assada, chá e doces, a tradição de escrever em pedaços de papel os nomes das pessoas conhecidas e amigas – um nome por papel – e colocá-los em duas bolsas: uma para os homens e outra para as mulheres. Depois, uma ou duas crianças retiravam, ao acaso, um papel de cada bolsa, formando pares de "compadres", que recebiam os bilhetes e passavam a tratar-se como tal (Mota, 1933).

Os compadres formados na primeira Quinta-Feira (Comadres) eram válidos apenas até à Quinta-Feira seguinte (Compadres); já os formados na segunda Quinta-Feira mantinham esse laço por um ano. Se o compadre ficasse satisfeito com a comadre, ele presenteava-a com amêndoas na Quinta-Feira Santa, e, em retribuição, ela tinha o dever de presenteá-lo no Domingo ou na Segunda-Feira de Páscoa (Mota, 1933).

**Jogar à caqueira** - Antigamente, nos dias de Carnaval, era comum que os rapazes e raparigas do povo pedissem a quem tinha o hábito de guardar, já de propósito para essa ocasião, panelas ou cântaros de barro inutilizados. Estes alinhavam-se em fila, e a certa distância, o primeiro atirava a panela ou cântaro ao ar para as suas costas, e o seguinte na fila tinha de apanhá-lo, repetindo o mesmo gesto ao próximo da fila. Isto continuava até que algum participante, mais desajeitado, deixasse o objeto cair. Quando isso acontecia, era alvo de grande gozo, e os cacos eram colocados na sua cabeça. Assim, percorriam muitas ruas até que não restassem mais panelas para partir. Essa brincadeira era conhecida como "jogar à caqueira" (Mota, 1933).

**Serração da Velha** - Antigamente, havia o costume da "Serração da Velha", que perdurou há alguns anos. No dia da Quarta-Feira da Serração da Velha, ou Quarta-Feira da Meia Quaresma, as crianças de Alpedrinha percorriam as ruas da vila com um serrote velho ou serra e um cortiço, fingindo que o serravam, no meio de uma grande algazarra e gritaria, repetindo sem descanso: "Sarra a velha! Sarra a velha! Sarra a velha!". Faziam isto principalmente à porta das pessoas mais idosas da povoação, que, se cometiam o erro de responder ou sair à rua, tinham grande dificuldade em se livrar das crianças. Muitas vezes, era necessária a intervenção de familiares para proteger os mais velhos, que por vezes saíam maltratados da confusão. Naquele dia, especialmente à tarde, os idosos evitavam

sair de casa, pois, caso contrário, corriam o sério risco de serem apanhados, atirados ao chão e "serrados" de forma tão rude que acabavam magoados ou feridos (Mota, 1933).

**Os Martírios** — Antigamente, logo no início da Quaresma, era costume todas as sextas-feiras, já a altas horas da noite, e por vezes também aos domingos, reunir-se um grande grupo de pessoas do povo para cantar os Martírios, cinco vezes por noite: primeiro nas Cruzes do Calvário, depois no adro da Igreja Matriz, a seguir junto à cruz do Rossio, no adro da Igreja da Misericórdia e, por fim, ora junto à capela de Santo António, ora à de Santa Catarina (Mota, 1933).

**Ramos** - Uma das celebrações religiosas mais apreciadas pela juventude de Alpedrinha era, sem dúvida, a Bênção dos Ramos, realizada no respetivo Domingo da Quaresma dedicado a essa festividade. A animação começava na véspera, com rapazes e raparigas a encherem as ruas, carregando flores para adornar os seus ramos. Estas flores eram muitas vezes pedidas de porta em porta e, quando alguém se recusava a dá-las, chegavam até a ser roubadas. No Domingo, antes da Missa, viam-se centenas de ramos de alecrim (Mota, 1933).

**Procissão do Enterro**<sup>5</sup> – Esta procissão saía da Igreja Matriz e percorria a vila, marcada por um profundo sentimento de respeito e tristeza, evidenciado pelas insígnias deitadas e carregadas por vários homens, além dos irmãos das irmandades que usavam capuzes. Apenas as imagens de Nossa Senhora da Soledade e de São João Evangelista eram incluídas na procissão (Mota, 1933).

**Maias** - tradição antiga em Alpedrinha, onde se acreditava que, no dia 1 de maio, quem comesse maias ficava livre de ser "saltado pelo burro" durante o ano. Originalmente, as maias eram feitas de castanhas piladas, mas, com o tempo, devido à raridade desse produto, foram substituídas por figos secos. No passado, as crianças, vestidas como anjos e decoradas com flores, especialmente giestas amarelas, percorriam as ruas pedindo as maias e abordando os passageiros para manter viva a tradição (Mota, 1933).

Na **Quinta-Feira de Ascensão**, havia o antigo costume de soltar andorinhas enfeitadas com laços vermelhos ou brancos na Igreja durante a Missa. As crianças ficavam encantadas, assistindo as aves a voarem perto do teto, e em alguns anos, havia dezenas delas, criando um ambiente alegre e agitado. As andorinhas eram capturadas na noite anterior, nas minas e beirais onde se abrigavam. Em Alpedrinha, também se acreditava que flores e ervas colhidas nessa data, entre o meio-dia e a uma hora, durante o repicar dos sinos, possuíam propriedades curativas. Era comum ver pessoas colhendo essas plantas nos quintais, guardando-as para preparar remédios caseiros. Além disso, acreditava-se que,

---

<sup>5</sup> **Procissão do Enterro** - A procissão era acompanhada por mulheres com velas e por um anjo que mostrava a Verónica nos principais largos da vila, cantando uma melodia triste. Esta tradição, no entanto, era por vezes alterada devido a influências políticas, que interferiam na escolha dos locais para a exibição da Verónica. Após o anjo, seguia o esquife com o Senhor, carregado por quatro padres, as imagens, a filarmónica e uma grande multidão. Esta era a procissão mais longa realizada em Alpedrinha.

nesse momento, as folhas das oliveiras se cruzavam ao toque dos sinos (Mota, 1933).

**São João** –era o santo mais querido de Alpedrinha, depois do Anjo da Guarda, e era amplamente celebrado, apesar de não se realizar festa na Igreja. O povo cantava-o com entusiasmo, numa música triste e bonita, desde o Domingo da Senhora das Necessidades até ao seu dia. Ele era invocado como santo casamenteiro, e a relação com o povo era familiar e descontraída. Na noite de 23 para 24 de junho, fogueiras de rosmaninho ardiavam nas ruas, purificando o ar, enquanto jovens cantavam, tocavam adufe e saltavam as chamas. Com o tempo, foi-se perdendo o costume de erguer grandes mastros de rosmaninho, que eram queimados à meia-noite, acompanhados por batalhas de fogos de artifício, que iluminavam a vila e tornavam a celebração ainda mais animada (Mota, 1933).

**S. Pedro** - Houve anos em que São Pedro foi quase tão celebrado quanto São João. Na noite de 28 para 29 de junho, fogueiras de rosmaninho eram acesas nas ruas, e muito fogo de artifício era queimado em honra ao santo, guardião das chaves do Paraíso. Grupos percorriam as ruas tocando adufes e cantando músicas para São Pedro, embora com a mesma melodia de São João. No entanto, as celebrações de São Pedro não tinham o mesmo encanto de São João, faltando-lhe o atrativo das 7 fontes e as crenças que tornavam a festa de São João especial para as donzelas e querida pelo povo. São Pedro também marcava o momento de contratar criados e pastores (Mota, 1933).

**Magusto** - Durante a última quinzena de outubro e a primeira de novembro, realizavam-se muitos magustos em Alpedrinha, mas o dia 28 de outubro, dia de São Simão, era quando se tornava quase obrigatório em todas as famílias. Costumava-se dizer: "Dia de São Simão, quem não faz um magusto não é cristão." Se nesse dia, a tarde estava amena, quem observasse de longe veria dezenas de colunas de fumo surgindo em diversos pontos dos campos e da serra ao redor de Alpedrinha, indicando a realização de muitos magustos, onde existia muito divertimento e alegria. O magusto consistia numa fogueira de caruma ou silvas secas, onde se assavam castanhas que, depois de descascadas, eram acompanhadas com cálices de jeropiga ou licor. Durante a descasca, raparigas e rapazes costumavam aproveitar para enfarruscar as caras uns dos outros. Quase sempre, os magustos eram seguidos de jogos de roda, prendas e bailes (Mota, 1933).

Alpedrinha testemunhou o declínio de um antigo centro industrial e cultural que já foi próspero. Indústrias tradicionais, como os curtumes, a olaria e a produção de azeite, foram desaparecendo ao longo do tempo, sem que surgissem novas alternativas. Esforços para revitalizar a vila, como a criação de uma fábrica de conservas e de energia elétrica, não tiveram sucesso, mostrando as dificuldades da região em acompanhar o progresso de outras áreas.

Ao mesmo tempo, tradições culturais, como festas religiosas e eventos comunitários, foram enfraquecendo à medida que as gerações mais jovens se

distanciaram desses costumes. O exemplo de Alpedrinha ilustra como a falta de inovação e adaptação afeta as comunidades rurais, tanto economicamente quanto culturalmente, evidenciando os desafios enfrentados por localidades que não conseguem acompanhar as mudanças do mundo atual.

## 4. Capítulo II - Metodologia

Este capítulo apresenta a metodologia da investigação, de natureza mista, que combinou *Focus Group*, entrevistas semiestruturadas e a Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós (ESGP-A), aplicada a dez avós da vila de Alpedrinha.

### 4.1. Objetivos da Investigação

Quanto ao tema do estudo este diz respeito aos diferentes tipos de relações que as pessoas idosas têm com os seus netos, centra-se nas relações que os avós têm com os seus netos e que estes tinham com os seus avós. Torna-se, então, importante perceber como é a relação de cada um dos avós com os seus netos, podendo ser de mais formal, divertido, substitutivo, autoritário e distante (Neugarten & Weinstein, 1968 citados por Sousa, 2005).

Como é sabido, a aprendizagem em família é um papel crucial que os pais, avós, ou outros cuidadores desempenham na educação das crianças (Hanemann et al., 2017). A palavra "família" representa os laços de cuidado, amor e apoio que unem pessoas de diferentes gerações. Compreende diversas noções de família, desde a família nuclear à família alargada, à vizinhança ou à comunidade, de acordo com o contexto cultural em que se insere. As famílias incluem crianças, adolescentes e as pessoas que cuidam deles, como os pais e mães, os pais e mães adotivos, os padrastos e madrastas, os tutores/as, os avós, os tios/as, os irmãos e irmãs, os primos/as e os membros da comunidade (Hanemann et al., 2017).

Segundo o INE (2022), verificou-se que em Portugal, entre 2011 e 2021, o número de agregados domésticos privados aumentou 2,6%.

Também não é novidade que Portugal é um país cada vez mais envelhecido e que os adultos mais velhos vivem até idades cada vez mais avançadas, o que permite que avós estejam presentes durante mais tempo na vida dos seus netos e possam, assim, participar na sua educação.

Desta forma, muitos sociólogos consideram que não podemos falar de "família", como se existisse um modelo de vida familiar mais ou menos universal. Assim, para Ramos, Marujo e Baptista (2012) é

“nas relações intergeracionais, muito particularmente entre avós e netos, que a transmissão psíquica e cultural geracional é importante. Cada criança está inserida numa dada família e cultura e vai estruturar a sua vida psíquica e cultural através da herança psíquica e cultural recebida desde o nascimento e transmitida de geração em geração” (p. 41).

É através deste relacionamento intergeracional que se vai construindo a individualidade e a identidade de cada um.

Como é sabido, e já foi referido anteriormente, tem havido um aumento da esperança média de vida e uma melhoria dos cuidados de saúde, desta forma, o número de idosos tem vindo também a aumentar comparativamente ao número de jovens, que tem sofrido uma diminuição. Desta forma, os avós acabam por estar presentes durante mais tempo na vida dos netos, tornando-se um apoio importante na família.

Assim, os objetivos do estudo foram perceber as relações entre avós e netos. Especificamente pretendeu-se:

- Compreender a importância que os avós têm para os seus netos;
- Analisar o tipo de relação e a proximidade que os avós têm com os seus netos e que tinham com os seus avós;
- Estabelecer um diálogo com estes de forma que possam partilhar vivências e atividades que realizam em conjunto.

## 4.2. Tipo de Estudo

A metodologia aplicada foi de abordagem mista, integrando técnicas qualitativas e quantitativas, de modo a assegurar uma análise mais abrangente e aprofundada dos dados. A abordagem ideográfica, hermenêutica ou qualitativa destaca a diferenciação entre os dois tipos de objetos de estudo - o físico e o humano - ao admitir que, ao contrário do objeto físico, o homem é capaz de refletir sobre si mesmo e, através das interações sociais, construir-se como pessoa (Giorgi et al., 1995 citado por Gondim, 2003).

Conforme afirma Smith (1994), citado por Gondim, (2003) a perspetiva qualitativa reconhece que a experiência humana está profundamente ligada ao contexto sociocultural. Por isso, é difícil separar as ciências sociais desse contexto, já que ele reflete tanto os valores do pesquisador como os do grupo que está a ser estudado. Se na abordagem quantitativa há convicção de que o investigador é desinteressado e crítico, por outro lado, na abordagem qualitativa, a convicção é a de que o investigador assume uma posição crítica, mas não consegue se desprender do fato de que está implicado no processo de investigação.

Os estudos de abordagem qualitativa priorizam a compreensão de uma realidade específica, a autorreflexão e o incentivo a ações transformadoras. Para os adeptos desse método, o conhecimento do mundo não deve ser apenas um objetivo final, mas sim uma ferramenta para a autoconsciência e a promoção de mudanças. Assim, diminui-se a lacuna entre a criação e a aplicação do conhecimento, reforçando o compromisso do pesquisador com a transformação social (Gondim, 2003).

Desta forma, utilizou-se esta abordagem através dos *Focus Group*, permitindo uma discussão mais ampla e partilhada sobre os temas abordados e ainda através das Entrevistas Semiestruturadas que foram realizadas com avós

para compreender a sua perspetiva sobre as relações intergeracionais, mudanças ao longo do tempo e os desafios enfrentados que complementaram os dados dos *Focus Group*.

Já no que toca à abordagem quantitativa, segundo Richardson (2012), o método quantitativo, como o próprio nome sugere, baseia-se na utilização de dados numéricos tanto na recolha de informações como na sua análise, recorrendo a técnicas estatísticas. Estas podem variar desde as mais simples, como percentagens, médias e desvios padrão, até às mais complexas, como coeficientes de correlação e análises de regressão. Este método é amplamente utilizado na investigação, pois procura garantir a precisão dos resultados, minimizar erros na análise e interpretação e proporcionar maior segurança nas inferências realizadas. É frequentemente aplicado em estudos descritivos, que têm como objetivo identificar e classificar a relação entre variáveis. Os estudos de natureza descritiva procuram investigar "o que é", ou seja, caracterizar um fenómeno tal como ele se apresenta. Para isso, podem centrar-se numa situação específica, num grupo ou num indivíduo Richardson (2012).

Assim, a abordagem quantitativa foi utilizada na aplicação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós, que foi adaptada para a população portuguesa por Peixoto e Gonçalves (2014). Este instrumento quantitativo permitiu medir aspetos das relações entre avós e netos de forma estruturada, avaliando dimensões como:

- **Compreensão Mútua:** O entendimento entre avós e netos.
- **Vínculo ao Passado:** A conexão dos netos com a história e tradições familiares.
- **Indulgência:** A tendência dos avós para serem permissivos com os netos.
- **Papel de Cuidador:** O apoio e os cuidados oferecidos pelos avós aos netos.

. Os dados obtidos através desta escala foram analisados para fornecer *insights* quantitativos sobre as perceções que os avós têm sobre seu papel e as mudanças nas dinâmicas familiares. Assim, a abordagem quantitativa complementou a análise qualitativa, permitindo uma visão mais abrangente das relações intergeracionais.

### 4.3. Amostra

A amostra utilizada no *Focus Group* e na entrevista semiestruturada foi aleatória e por conveniência, composta por pessoas mais velhas que são avós e que tenham igualmente conhecido os seus avós, moradores na Vila de Alpedrinha e encontrando-se ainda a residir nas suas casas.

Desta forma, definiram-se os seguintes critérios de inclusão:

- Ter 65 ou mais anos;
- Serem moradores na Vila de Alpedrinha;
- Serem avós e terem igualmente conhecido os seus avós;
- Aceitar participar no estudo.

Como critérios de exclusão considera-se os indivíduos que não cumpram os critérios de inclusão.

#### **4.4. Questões éticas**

A ética na investigação não deve ser vista como um impedimento ao progresso científico, mas sim como uma aliada que promove o bem-estar dos seres humanos. Em vez de complicar, a ética impulsiona o desenvolvimento da investigação, assegurando que ela contribua para o bem maior (Silva et al., 2009).

Assim, durante o processo de investigação, foram tidos em conta diversos princípios éticos que devem orientar a conduta do investigador.

Durante a recolha de dados, foi explicado o carácter voluntário da participação na investigação. Todas os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos e a finalidade do estudo, e o seu consentimento foi obtido para a recolha, análise e utilização dos dados (Apêndice A). Segundo Silva et al. (2009) toda a pesquisa científica deve ser realizada com o consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa, devendo as informações serem oferecidas de forma clara e compreensível.

Os entrevistados foram informados acerca dos objetivos do estudo e o consentimento foi obtido para a recolha, análise, tratamento e divulgação anónima dos dados, assegurando que os mesmos apenas seriam utilizados para o propósito desta investigação.

A aplicação dos instrumentos de recolha de dados decorreu entre maio e setembro de 2024.

#### **4.5. Técnica e instrumentos de Recolha de Dados**

Aplicou-se a técnica do *Focus Group*. O *Focus Group*, também designado como grupo de discussão, é uma técnica que visa a recolha de dados, podendo ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação (Silva et al., 2014).

Morgan (1996), citado por Silva et al., (2014) define *Focus Group* como uma técnica de investigação de recolha de dados através da interação do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador. Segundo o autor, esta comporta três componentes essenciais: método de investigação dirigido à recolha de dados; localiza a interação na discussão do grupo como a fonte dos dados e, reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados (ver guião do *Focus Group* em Apêndice B).

Alguns aspetos do processo para o planeamento da pesquisa com *Focus group* foi objeto de reflexão. O acaso é o primeiro deles, pois nem sempre é um bom critério na composição de *Focus Group*, sendo preciso avaliar se o participante tem algo a dizer e se sente confortável para fazê-lo no grupo. A simples disposição das pessoas em grupo não assegura o resultado esperado, sendo importante ter em conta a potencialidade de cada participante para contribuir na discussão do tema (Gondim, 2003).

A opção por grupos de conhecidos ou desconhecidos também é importante. Uma vez que, sendo conhecidos estes podem acordar entre si o que deve ou não deve ser dito e posteriormente é preciso considerar isso na análise dos resultados.

O nível de estruturação do grupo, que se relaciona com a elaboração de um roteiro a ser seguido pelo moderador é o terceiro aspeto a ser mencionado. A diretividade garante a concentração no tema abordado, no entanto, pode restringir a emergência de opiniões diversas, as quais poderiam enriquecer a troca de ideias. A flexibilidade facilitará a interação do moderador com os grupos, pois cada um deles apresenta uma dinâmica diferenciada exigindo maior ou menor diretividade do pesquisador, mas se for levada a extremo irá comprometer a análise comparativa das respostas intergrupais, já que o risco de dispersões aumenta (Gondim, 2003).

O tamanho do grupo é outro aspeto a ser destacado. Apesar de se convencionar que este número varia de 4 a 10 pessoas, isto depende do nível de envolvimento de cada participante com o assunto, uma vez que, se este desperta o interesse de um grupo em particular, as pessoas terão o que falar e, neste caso, o tamanho não deve ser grande, para não diminuir as oportunidades de todos participarem; com mais de 10 elementos, sendo o tema polémico, torna-se difícil para o moderador controlar o processo, havendo uma tendência a polarizar e entrar em conflito. O número total de grupos também deve ser pensado consoante os objetivos da investigação, mas tratando-se de uma abordagem qualitativa, ainda que se faça uma previsão inicial, o indicador deve ser a saturação das alternativas de resposta, ou seja, quando os grupos não são capazes de produzir novidades nas suas discussões é sinal de que se conseguiu mapear o tema para os quais a pesquisa foi dirigida (Gondim, 2003).

Outros dois fatores a considerar serão: o papel do moderador e a análise dos resultados. De acordo com Morgan (1996), citado por Gondim, (2003) um moderador deve procurar cobrir a máxima variedade de tópicos relevantes sobre o assunto e promover uma discussão produtiva, limitando as suas intervenções e permitindo que a discussão flua, só intervindo para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso. Torna-se também necessário estar atento para não deixar que o grupo comece a falar sobre um assunto importante muito tarde, de forma a ser explorado e evitar assim, que as interpelações acabem antes da hora. Para que não ocorra estes dois últimos problemas, é tarefa do moderador colocar algumas perguntas ou tópicos para debate. A utilização de um roteiro é importante,

mas não pode ser confundido com um questionário. Um bom roteiro não só permite um aprofundamento gradual, mas também uma fluidez da discussão sem que o moderador precise de intervir muitas vezes. A explicitação das regras dos *focus group* nos momentos foi uma grande ajuda na sua autonomia, como por exemplo, explicar aos participantes que só pode falar uma pessoa de cada vez, todos têm o direito de dizer o que pensam, entre outras. A análise dos resultados será então o último fator a ser considerado (Morgan, 1997 citado por Gondim, 2003).

Para a organização do *Focus Group*, a investigadora deslocou-se inicialmente ao Atelier "Linhas e Lãs", localizado na Vila de Alpedrinha, onde contactou 10 idosas que foram selecionadas para participar no estudo. Durante essa visita, foi acordada uma data e um local previamente definidos para a realização dos *Focus Group*. O primeiro *Focus Group* ocorreu no dia 14 de maio de 2024, numa das salas do referido atelier, com a participação de cinco mulheres. O segundo realizou-se no dia 23 de maio de 2024, no mesmo local, com as cinco participantes restantes.

Também foi aplicada a Escala de Significados da Grã-Parentalidade (ESGP). Desenvolvida por Triadó, Martínez e Villar (2000), e adaptada para a realidade portuguesa por Peixoto e Gonçalves (2014), tem duas versões equivalentes: uma para os avós (ESGP-A) e outra para os netos (ESGP-N), permitindo estudar a relação entre avós e netos. Neste estudo apenas será aplicada a ESGP-A, uma vez que os objetivos deste trabalho se centram em conhecer as relações que os avós estabelecem com os seus netos. A escala encontra-se na internet, disponível para quem quiser a ela aceder, não havendo necessidade de pedir autorização para a sua aplicação aos autores.

A principal vantagem desta escala é permitir captar ambos os pontos de vista da relação, permitindo aceder às perceções tanto dos avós quanto dos netos. Apesar de cada versão ser aplicada separadamente, não foram encontrados outros instrumentos com este propósito na literatura revista. A ESGP-A é um questionário de autorrelato, que pode ser aplicado individualmente ou em grupo, sem um limite de tempo, e tem como objetivo avaliar as perceções que o avô ou avó tem sobre a relação com o seu neto ou neta, analisando vários aspetos e a intensidade dessa relação (Triadó et al., 2000 citado por Peixoto & Gonçalves, 2014).

A ESGP-A foi criada como um complemento à versão destinada aos netos (ESGP-N, de Triadó & Villar, 2000), com o objetivo de fornecer dois instrumentos que permitam comparar as perceções das diferentes gerações envolvidas na relação. Os itens do questionário foram elaborados de forma a serem bastante diversificados, para abordar as várias dimensões e tipos de relação que a literatura associa à grã-parentalidade. Assim, há questões que se referem a temas como cuidados substitutos, proximidade emocional, participação nas normas, mediação, ligação ao passado e ajuda solicitada (Triadó et al., 2000, citado por Peixoto & Gonçalves, 2014). A versão original da escala é composta por 33 itens, organizados em 7 dimensões: Compreensão Mútua, Vínculo ao Passado, Conselheiro,

Desfrutar, Indulgência, Distância e Cuidador. Cada item é avaliado numa escala de *Likert* de 5 pontos, que varia de 1 (nunca) a 5 (sempre).

A dimensão “Compreensão Mútua” inclui 6 itens e avalia o grau em que o avô ou avó sente existir um laço emocional com o neto, marcado por sentimentos de compreensão, respeito e o desejo de estarem juntos.

A “dimensão Conselheiro” também conta com 6 itens, focando-se na forma como os avós oferecem conselhos sobre comportamentos do neto, os quais podem ser aceites ou não.

A dimensão desfrutar, composta por 3 itens, mede o quanto avós e netos partilham momentos de lazer ou atividades em conjunto.

A dimensão Indulgência, com 5 itens, refere-se à forma como os avós participam, ou não, na imposição de regras ou disciplina aos netos.

A dimensão Distância abrange 6 itens, avaliando o grau de distanciamento percebido entre as gerações, no que diz respeito à compreensão mútua.

Por último, a dimensão Cuidador é composta por 4 itens e reflete o envolvimento dos avós nos cuidados aos netos, quando necessário (Triadó et al., 2000, citado por Peixoto & Gonçalves, 2014).

Após a análise dos dados recolhidos através do Focus Group e da Escala de Significados da Grã-Parentalidade, verificou-se a pertinência de aprofundar o estudo com entrevistas semiestruturadas mais detalhadas. Considerou-se que essa abordagem permitiria ampliar a compreensão das dinâmicas que marcam as relações entre avós e netos. Assim, foram selecionadas cinco idosas que se destacaram pelas suas contribuições mais significativas no *Focus Group*, oferecendo dados mais ricos e aprofundados, capazes de complementar e enriquecer a investigação.

Segundo Aires (2011), as investigações qualitativas centram-se no estudo de caso, nos métodos de pesquisa históricos e biográficos, na ação etnográfica e clínica. “A investigação qualitativa é, portanto, considerada um campo interdisciplinar e transdisciplinar que atravessa as ciências físicas e humanas” (Nelson et al., 1992, p.13, citado por Aires, 2011).

Sendo referido ainda por Denzin e Lincoln (1994), citados por Aires (2011) que o processo de investigação qualitativa é caracterizado pela inter-relação de três níveis genéricos de atividade, primeiramente, a teoria, o método e a análise, seguidamente, a ontologia e epistemologia e, por fim, a metodologia, dependendo da terminologia utilizada. Associado a estes encontra-se o investigador e o investigado enquanto sujeitos multiculturais, de seguida os paradigmas e perspetivas interpretativas, ainda as estratégias de investigação, seguido dos métodos de recolha e análise do material empírico, e finalmente, a interpretação (Aires, 2011).

De acordo com Rosália Duarte (2004), a entrevista não é exclusiva da abordagem qualitativa nem a única forma de realizar pesquisas desta natureza. O

caráter qualitativo de uma pesquisa depende do referencial teórico e metodológico adotado para construir o objeto de estudo e analisar os dados coletados no campo, e não apenas da técnica utilizada.

Segundo Gaskel (2014) e Minayo (2011), citados por Batista et al., (2017) a entrevista é amplamente utilizada na pesquisa qualitativa, sendo reconhecida como uma técnica eficaz para a coleta de dados. Nas ciências sociais, a sua aplicação é frequente devido à importância da interação, das experiências cotidianas e da linguagem comum no momento da entrevista, aspectos essenciais para o sucesso deste tipo de pesquisa. Assim, ao tratar da entrevista em pesquisas, é fundamental abordar as suas características, definições e como ela se integra ao método qualitativo.

Conforme Duarte (2004) e Minayo (2010), citados por Batista et al., (2017), utilizar a entrevista para obter informações é procurar compreender a subjetividade do indivíduo através dos seus relatos, refletindo como ele percebe, vivencia e analisa o seu contexto histórico, momento e ambiente social. A partir dessa perspectiva pessoal, é possível ampliar a análise para uma dimensão coletiva, permitindo entender a lógica das relações sociais que se estabelecem ou foram estabelecidas nos grupos sociais aos quais o entrevistado pertenceu, em um tempo e lugar específicos. A interação entre entrevistador e entrevistado é uma característica essencial da entrevista qualitativa, pois possibilita a construção conjunta de percepções da realidade. Essa relação, moldada pela dinâmica social, permite que os participantes criem conhecimento e atribuam sentido ao mundo ao seu redor.

Um bom entrevistador é aquele que ouve de forma ativa, mostrando interesse genuíno na fala e nas emoções do entrevistado. Ele faz perguntas relevantes, utiliza gestos para demonstrar atenção e busca compreender plenamente o que é dito, sem influenciar o discurso. Além disso, aprofunda os relatos ao focar em detalhes importantes, criando um ambiente de confiança e diálogo (Belei et al., 2008 citado por Batista et al., 2017).

Na pesquisa qualitativa as entrevistas podem ser de vários tipos, passando de conversas informais a roteiros padronizados, sendo que o grau da formalidade deve ser definido através dos próprios objetivos da pesquisa que está a ser realizada (Batista et al., 2017) e pode realizar-se em diferentes contextos, como é exemplo, a entrevista individual, a entrevista telefônica ou a entrevista em grupo. Assim, existem vários tipos de entrevista: a entrevista não-estruturada, a entrevista semiestruturada, a entrevista estruturada e por fim, a entrevista clínica (Martins, 2019).

A Entrevista Semiestruturada caracteriza-se pela existência de um guião (ver em Apêndice E) que serve como orientador da conversa com a pessoa entrevistada, o que permite que não haja rigidez nas questões colocadas, pois podem sempre surgir novas perguntas, já que se combinam perguntas abertas com perguntas fechadas, acabando por se tornar num contexto mais informal.

O anonimato dos participantes foi assegurado, uma vez que a identificação dos participantes não é revelada, sendo a sua identificação substituída pela letra "E" nos *Focus Group* ou por "Env", no caso das entrevistas, seguida de um número.

Desta forma, tanto os *Focus Group* como as entrevistas foram gravados, tendo sido pedida autorização e garantido que as gravações serão destruídas depois de finalizado e avaliado o trabalho.

## 5. Capítulo III – Apresentação e Análise dos Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados dos *Focus Group*, Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão avós – à população portuguesa e as entrevistas semiestruturadas aplicados mediante análise descritiva dos dados mais relevantes.

### 5.1. Análise de dados

As informações recolhidas foram cuidadosamente organizadas e analisadas para responder às questões que surgiram durante a pesquisa. Utilizaram-se análises descritivas para os dados quantitativos e análise de conteúdo para os dados qualitativos, permitindo identificar padrões e compreender as perceções e experiências dos participantes. Esta abordagem garantiu uma interpretação nítida e centrada nos resultados.

#### 5.1.1 Caracterização sociodemográfica da população inquirida

Neste estudo participaram 10 pessoas idosas que ainda residem nas suas casas na Freguesia de Alpedrinha. Em relação ao sexo dos inquiridos, verifica-se que estes são todos do sexo feminino, uma vez que, existiu dificuldade em que homens da Vila quisessem participar (Tabela 1).

**Tabela 1-** Distribuição da população idosa que reside ainda na sua casa na Freguesia de Alpedrinha por sexo

	Feminino	Total
N	10	10
%	100%	100%

Relativamente à idade da amostra, as 10 pessoas inquiridas apresentam idades compreendidas entre os 66 e os 82 anos, com uma média de idades de aproximadamente 76 anos. Como se pode ver na Tabela 2, a idade mais representada, é dos 72 anos.

**Tabela 2-** Distribuição dos dados de acordo com a idade da amostra

Idade	N	%
66	1	10%
72	3	30%
76	1	10%
78	1	10%
79	2	20%
80	1	10%

82	1	10%
Total	10	100%

No que se refere ao número de netos (tabela 3), pode-se verificar que das 10 inquiridas, quatro têm 4 netos e apenas uma inquirida tem apenas 1 neto.

**Tabela 3-** Distribuição dos dados de acordo com o número de netos

Número de netos	n	%
1	1	10%
2	3	30%
3	2	20%
4	4	40%
Total	10	100%

A distribuição da população do estudo quanto à escolaridade (Tabela 4) mostra que, a maioria das pessoas inquiridas têm o 1º Ciclo do Ensino Básico completo (antiga 4ª classe). No entanto, verifica-se que uma das inquiridas não tem escolaridade nenhuma, não sabendo ler nem escrever.

**Tabela 4-** Distribuição dos dados de acordo com a escolaridade da amostra

Escolaridade	n	%
Não sabe ler nem escrever	1	10%
1ºCiclo	9	90%
2ºCiclo	0	0%
3ºCiclo	0	0%
Total	10	100%

Analisando a distribuição do estado civil (Tabela 5) verifica-se que metade das inquiridas se encontra ainda com o seu parceiro (casada) e a outra metade são viúvas.

**Tabela 5-** Distribuição dos dados de acordo com o estado civil

Estado Civil	n	%
Casado	5	50%
Viúvo	5	50%
Total	10	100%

## 5.2. Análise dos dados obtidos no *Focus Group*

Foram realizados dois *Focus Group*, cada um constituído por cinco participantes, todas avós, residentes na Vila de Alpedrinha. O principal objetivo deste estudo foi perceber as relações entre avós e netos. Especificamente, procurou-se: compreender a importância que os avós têm para os seus netos, analisar o tipo de relação e a proximidade que os avós têm com os seus netos e que tinham com os seus avós e, por fim, estabelecer um diálogo que permitisse partilhar vivências e atividades que se realizavam em conjunto. Cada sessão durou aproximadamente uma hora, e foi moderada pela mestranda que guiou a discussão através de uma série de perguntas abertas e tópicos previamente estabelecidos (ver Guião do *Focus Group* no Apêndice B).

### Composição do 1º Grupo:

- **Participantes:** 5 mulheres, com idades entre 66 e 82 anos.
- **Perfil:** Todas as participantes têm netos das mais diversas idades e têm uma relação ativa com eles, seja cuidando dos netos regularmente ou mantendo contacto frequente.

### Composição do 2º Grupo:

- **Participantes:** 5 mulheres, com idades entre 72 e 80 anos.
- **Perfil:** Todas as participantes têm netos das mais diversas idades e têm uma relação ativa com eles, seja cuidando dos netos regularmente ou mantendo contacto frequente.

Relativamente aos dados recolhidos no *Focus Group*, foi elaborada uma tabela (ver Apêndice C) que permitiu uma análise detalhada das respostas obtidas pelas participantes, dividindo-se o *Focus Group* em tópicos e apresentando excertos significativos das entrevistas. A organização por tópicos facilitou a compreensão das diferentes dimensões abordadas nas sessões, nomeadamente a frequência de contacto, os métodos de comunicação, a descrição das relações entre avós e netos, as atividades realizadas em conjunto, bem como a influência das relações com os próprios avós.

No primeiro tópico, **Frequência de contacto**, verificou-se que a regularidade com que os avós interagem com os netos varia significativamente, refletindo diferentes dinâmicas familiares e circunstâncias geográficas. Algumas avós, como a E2 e E5, têm um contacto diário com os netos, principalmente porque foram estas que os criaram ou moram juntos. Por outro lado, outras avós, como a E1, descrevem um contacto mais limitado, apenas uma vez por mês. Avós como a E3 e E7 têm um contacto semanal, geralmente aos fins de semana, enquanto a E4 e E6 descrevem um contacto esporádico, devido à distância geográfica, sendo que este se intensifica durante as férias escolares. Avós, como a E8 e E9 também enfrentam

desafios semelhantes, com os netos que moram noutras cidades ou países, o que limita o contato ao período de férias. Por outro lado, a E10 relata visitas quinzenais, destacando uma regularidade mais consistente nas suas interações. Estas variações sugerem que fatores como proximidade geográfica, responsabilidades cotidianas e a fase de vida dos netos influenciam a frequência e a qualidade do contato entre avós e netos.

No segundo tópico, **Método de Contacto**, observa-se que os meios de comunicação entre avós e netos variam entre interações à distância, por telefone ou internet, e encontros presenciais. Para aqueles que mantêm o contato à distância, o telefone é o meio mais comum, como descrevem as E1, E3, E4, E7, E9 e E10, sendo as chamadas feitas regularmente ou conforme a necessidade. Este canal de comunicação torna-se essencial quando as visitas presenciais não são possíveis. Algumas avós, como a E6, E5 e E8, mencionam o uso de ferramentas tecnológicas como videochamadas, WhatsApp e mensagens de texto, o que permite manter o contacto visual e proximidade mesmo quando os netos estão longe. Já avós como E2 e E5, que vivem com os netos ou perto deles, têm a sorte de poder vê-los diariamente, o que lhes permite manter uma relação mais constante e próxima. Esta diversidade de métodos de contato reflete as adaptações que os avós fazem para manter o relacionamento com seus netos, utilizando tanto métodos tradicionais, como tecnologias modernas, de acordo com as circunstâncias.

O tópico **Descrição da relação com os netos** revelou que a maioria das avós relatou uma relação próxima e afetiva com os netos. Participantes como E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8 e E10 descreveram uma ligação forte e íntima, marcada por convívio frequente e atividades partilhada. A proximidade física e o facto de algumas destas avós terem desempenhado um papel ativo no crescimento dos netos reforçaram os vínculos emocionais ao longo do tempo. No entanto, existem casos em que as relações são mais distantes, como mencionado pelas E4 e E9, onde a distância geográfica ou mesmo diferenças culturais, como é o caso do neto que vive na Inglaterra, resultam num contato menos frequente e numa conexão menos próxima. Mesmo nesses casos, o afeto permanece, mas a intensidade do relacionamento é afetada pelas circunstâncias de vida. Estas diferentes dinâmicas mostram que, enquanto a maioria dos avós mantém uma relação próxima e afetuosa com os seus netos, fatores como a distância e as diferenças culturais podem influenciar o grau de proximidade.

Em relação ao tópico **Atividades realizadas com os netos**, constatou-se uma grande diversidade de interações. Algumas avós mencionaram que participavam em atividades na quinta ou ao ar livre quando os netos eram mais novos, como regar as plantas ou brincar. Outras referiram atividades variadas, como passeios, ginástica, jogos de mesa, pinturas, e até a caça de Pokémon. Além disso, há quem se tenha dedicado a atividades educativas, ensinando e orientando os netos, especialmente em jogos que estimulavam a aprendizagem de cores, números, e habilidades motoras. Estas interações demonstram a dedicação e o carinho que os avós investem na vida dos netos, independentemente das atividades praticadas.

No tópico **Relação com os avós/memórias específicas**, as descrições das relações das participantes com os seus próprios avós foram variadas, indo desde lembranças carinhosas e próximas até vínculos mais distantes ou ausentes. Algumas entrevistadas, como E1 e E3, recordaram com afeto os momentos partilhados com os avós, destacando as tradições e o convívio familiar. No entanto, outras participantes, como E7, relataram memórias de avós que eram emocionalmente distantes ou severos. Há também casos de avós que não conheceram, seja por falecimento precoce ou pela ausência nas suas vidas. Estas recordações mostram que as experiências familiares são variadas, influenciadas por fatores como a proximidade geográfica e a personalidade dos avós.

No que se refere às **Atividades praticadas com os avós**, verificou-se uma grande diversidade nas memórias relatadas pelas participantes. As lembranças vão desde a participação em tarefas domésticas e de trabalho, como a vindima ou a ajuda na fazenda, até momentos de lazer, como jogar à bola ou passear. Algumas entrevistadas mencionaram não ter realizado atividades específicas com os avós, enquanto outras recordaram experiências menos afetivas, em que os avós eram mais distantes ou não demonstravam carinho. Essas recordações ilustram uma ampla gama de experiências, desde laços de proximidade e momentos de cumplicidade, até relações mais frias e distantes. Este contraste evidencia a diversidade nas interações entre avós e netos, influenciadas por fatores como a personalidade dos avós e o contexto familiar de cada uma.

No que toca à **Influência das Relações com os Avós na Interação com os Netos**, houve divergências nas respostas das participantes. Algumas afirmam que não houve influência significativa, destacando que, no passado, a comunicação com os avós era limitada e diferente, pois não existia a abertura que existe hoje. Outras mencionam que o tratamento recebido pelos seus avós veio impactar diretamente a forma como tratam os seus próprios netos, seguindo um exemplo de carinho e dedicação como o que receberam. Estas respostas indicam que, para algumas, a forma de comunicação e de relacionamento com os netos evoluiu significativamente, refletindo as diferenças intergeracionais.

Por fim, no tópico **Diferenças nas Relações com os Avós e os Netos**, as participantes observaram uma mudança substancial nas relações entre avós e netos ao longo do tempo. Antigamente, a comunicação com os avós era mais formal e reservada, com menos liberdade para expressar sentimentos ou conversar abertamente. Hoje, essa barreira diminuiu, permitindo uma relação mais próxima e direta, onde os netos se sentem mais à vontade para interagir com os avós. Além disso, as condições de vida melhoraram, proporcionando aos avós a possibilidade de oferecerem mais recursos e conforto aos netos do que o que tinham no passado. Comparativamente ao passado, as relações tornaram-se mais abertas e informais, com os netos sentindo-se mais à vontade para conversar e interagir com os avós. A evolução tecnológica e a melhoria nas condições de vida também foram fatores mencionados, permitindo que os avós de hoje ofereçam mais recursos e conforto aos netos. No entanto, notou-se que as tecnologias, como telemóveis e computadores, podem distrair os netos, diminuindo, por vezes, a atenção que é

dada aos avós. Apesar destas mudanças, o amor e o carinho entre avós e netos permanecem constantes, e muitos avós percebem a relação atual como uma amizade forte, algo que nem sempre era possível nas gerações anteriores.

Deste modo, os dados recolhidos no *Focus Group* evidenciam as diferentes dinâmicas, desafios e afetos que atravessam a relação entre avós e netos, proporcionando uma visão aprofundada sobre a importância destas figuras no contexto familiar e social.

### **5.3. Análise Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão avós – à população portuguesa**

A Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão para avós – destinada à população portuguesa de Peixoto e Gonçalves (2014) é composta por 27 itens organizados em 5 fatores, que são os seguintes:

#### **1. Compreensão Mútua** (composta por 9 itens, sendo estes):

O meu neto(a) conta-me os seus problemas e preocupações.”; “Aconselho o meu neto(a) nas decisões que tem de tomar.”; “Ajudo o meu neto(a) nas suas tarefas escolares ou noutras responsabilidades.”; “Costumo contar os meus problemas e preocupações ao meu neto(a).”; “O meu neto(a) acompanha-me na ida a espetáculos.”; “Converso com o meu neto(a) sobre gostos que temos em comum.”; “O meu neto(a) pede-me conselhos quando tem de tomar uma decisão importante.”; “O meu neto(a) explica-me coisas que não se atreve a contar aos seus pais.”; “Compro prendas ao meu neto(a).”

#### **2. Cuidador** (composta por 5 itens, sendo estes):

“Quando os pais não estão, sou eu quem se encarrega de cuidar do meu neto(a).”; “Desloco-me a casa dos meus filhos para ver os meus netos(as).”; “Faço companhia ao meu neto(a) quando está sozinho(a).”; “Quando os pais dele (a) têm de sair, vou a casa do meu neto(a).”; “Quando o meu neto(a) está doente, apareço para ajudar”.

#### **3. Distância** (composta por 6 itens, sendo estes):

“O meu neto(a) não faz caso quando o aconselho de alguma forma.”; “Não compreendo muitas das coisas de que o meu neto(a) gosta.”; “Os pais permitem demasiadas coisas ao meu neto(a).”; “O meu neto(a) preocupa-se muito menos comigo do que eu me preocupo com ele(a).”; “Sou demasiado velho(a) para entender o meu neto(a).”; “O meu neto(a) é demasiado jovem para me entender.”

**4. Vínculo ao Passado** (composta por 5 itens, sendo estes):

“Quando não entendo alguma coisa peço ao meu neto(a) que me explique.”; “O meu neto(a) gosta quando está comigo.”; “Explico ao meu neto(a) o que fazíamos na sua idade com as pessoas da minha geração.”; “O meu neto(a) respeita-me.”; “Gosto quando estou com o meu neto(a).”

**5. Indulgência** (composta por 2 itens, sendo estes):

“Quando o meu neto(a) discute com os seus pais, intercedo a seu favor.”; “Permito ao meu neto(a) coisas que os pais dele(a) não permitem.”

Na tabela que se segue, são apresentados os resultados da aplicação da escala às 10 inquiridas.

	<b>1 (Nunca)</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5 (Sempre)</b>
2. Quando os pais não estão, sou eu quem se encarrega de cuidar do meu neto(a).	1		1		8
3. Desloco-me a casa dos meus filhos para ver os meus netos(as).	1	1		2	6
4. O meu neto(a) conta-me os seus problemas e preocupações.	1	1	1		7
6. Aconselho o meu neto(a) nas decisões que tem de tomar.		1	1		8
7. Ajudo o meu neto(a) nas suas tarefas escolares ou noutras responsabilidades.	3			1	6
10. Quando o meu neto(a) discute com os seus pais, intercedo a seu favor.	5	2		1	2
11. Costumo contar os meus problemas e preocupações ao meu neto(a).	2	1			7
12. Faço companhia ao meu neto(a) quando está sozinho(a).			2	1	7
13. O meu neto(a) acompanha-me na ida a espetáculos.	6		2		2
14. Converso com o meu neto(a) sobre gostos que temos em comum.	5				5
15. Quando os pais dele (a) têm de sair, vou a casa do meu neto(a).	2		1		7
17. O meu neto(a) pede-me conselhos quando tem de tomar uma decisão importante.	3			1	6
19. O meu neto(a) não faz caso quando o aconselho de alguma forma.	3		1		6
20. Quando o meu neto(a) está doente, apareço para ajudar	1		2		7
21. O meu neto(a) explica-me coisas que não se atreve a contar aos seus pais.	4	1	1	1	3
23. Permito ao meu neto(a) coisas que os pais dele(a) não permitem.	2		1	1	6

26. Não compreendo muitas das coisas de que o meu neto(a) gosta.	1	1		1	7
27. Os pais permitem demasiadas coisas ao meu neto(a).	1	1	1		7
28. O meu neto(a) preocupa-se muito menos comigo do que eu me preocupo com ele(a).	3			3	4
29. Quando não entendo alguma coisa peço ao meu neto(a) que me explique.					10
30. O meu neto(a) gosta quando está comigo.					10
31. Explico ao meu neto(a) o que fazíamos na sua idade com as pessoas da minha geração.					10
32. Compro prendas ao meu neto(a).	1			2	7
34. O meu neto(a) respeita-me.					10
36. Sou demasiado velho(a) para entender o meu neto(a).	2		2	2	4
39. Gosto quando estou com o meu neto(a).					10
40. O meu neto(a) é demasiado jovem para me entender.	3		1	1	5

No que diz respeito ao fator **Compreensão Mútua**, observou-se que, no item 4, sete avós assinalaram “5 – Sempre”, indicando que a maioria dos netos se sente confortável para partilhar os seus problemas e preocupações com os avós. No item 6, oito avós responderam “5 – Sempre”, demonstrando que se sentem confortáveis para aconselhar os seus netos. No item 7, seis avós atribuíram a pontuação máxima, evidenciando que ajudam os seus netos em tarefas escolares e outras responsabilidades. No item 11, sete avós assinalaram “5 – Sempre”, revelando que compartilham os seus próprios problemas com os seus netos. No entanto, no item 13, seis avós responderam “1 – Nunca”, sugerindo que mais de metade não se sente acompanhada pelos netos em eventos culturais. O item 14, revelou uma significativa divergência, com metade das avós destacando “1 – Nunca” e a outra metade “5 – Sempre”, refletindo uma grande variação na frequência de conversas sobre interesses comuns. No item 17, seis avós assinalaram “5 – Sempre” quanto ao aconselhamento dos netos em decisões importantes. No item 21, quatro avós responderam “1- Nunca” e três responderam “5- Sempre” em relação à confiança dos netos para partilhar informações pessoais que não contariam aos pais, mostrando que algumas avós sentem que os netos não são totalmente abertos com eles. Por fim, no item 32, sete avós atribuíram a pontuação máxima à compra de presentes para os netos.

Desta forma, os resultados da análise deste fator mostram que, de maneira geral, há uma forte reciprocidade na compreensão entre avós e netos, com a maioria das avós sentindo-se à vontade para oferecer apoio e compartilhar as suas experiências com os netos. No entanto, há algumas áreas com diferenças notáveis, como seja a participação em eventos culturais e a frequência de conversas sobre interesses comuns, onde as respostas são bastante variadas. Estas variações podem refletir a diversidade nas dinâmicas familiares e nas relações específicas entre avós e netos.

Relativamente ao segundo fator, **Cuidador**, observou-se que no item 2, que aborda a responsabilidade dos avós pelo cuidado dos netos na ausência dos pais, oito inquiridas responderam “5 – Sempre”, indicando uma forte disposição para assumir esta função. No item 3, seis inquiridas responderam “5-sempre”, demonstrando que não hesitam em deslocar-se a casa dos seus filhos para visitarem os seus netos. No item 12, sete avós também atribuem a pontuação máxima, revelando que estão disponíveis para fazer companhia aos netos quando estes estão sozinhos. O item 15 apresentou resultados semelhantes, com sete avós assinalando “5- Sempre” quanto à disposição para ir à casa dos netos quando os pais precisam de se ausentar. Finalmente, no item 20, sete avós assinalaram “5 – Sempre” em relação ao apoio prestado aos netos durante períodos de doença.

Fazendo uma análise do fator **Cuidador**, este revela que as avós apresentam um alto grau de dedicação e disposição para cuidar dos seus netos. Isto inclui assumir responsabilidades de cuidado quando os pais estão ausentes, deslocar-se para visitá-los, fazer companhia quando necessário e oferecer suporte durante períodos de doença. Estes resultados evidenciam o papel ativo e importante que os avós desempenham no bem-estar e na rotina dos netos.

No terceiro fator, **Distância**, os resultados indicam que no item 19, seis avós assinalaram “5 – Sempre”, sugerindo que mais da metade dos netos escutam atentamente os conselhos oferecidos pelas avós. No item 26, sete avós atribuíram a pontuação máxima, indicando que conseguem compreender os gostos dos netos. Da mesma forma, no item 27, sete inquiridas também marcaram “5 – Sempre”, afirmando que acreditam que os pais permitem excessivamente aos filhos. No item 28, observou-se uma divisão: três avós responderam “1 – Nunca” e três responderam “5 – Sempre” no que diz respeito à preocupação dos netos com os avós em comparação com a preocupação dos avós com os netos, mostrando uma divergência nas perceções sobre essa questão. No item 36, relativo à perceção de estar demasiado velho para compreender os netos, quatro avós responderam “5 – Sempre”, enquanto outros quatro distribuíram suas respostas entre os valores 3 e 4, indicando uma perceção de dificuldade em entender os netos devido à idade. Finalmente, no item 40, cinco avós responderam “5 – Sempre”, um deu valor 3, outro deu valor 4 e três responderam “1 – Nunca”, evidenciando que metade das inquiridas acha que os netos são demasiado jovens para compreendê-las.

A análise do fator **Distância** mostra que, embora a comunicação e compreensão entre avós e netos sejam, em geral, boas, existem áreas importantes onde as percepções diferem. Enquanto muitas avós se sentem compreendidas e conseguem entender os gostos dos netos, há uma discrepância de opiniões quanto à preocupação mútua e sobre a capacidade das avós se manterem atualizadas com as novas gerações. Essas diferenças podem refletir desafios individuais e geracionais na dinâmica das relações familiares.

Relativamente ao quarto fator, **vínculo ao passado**, os resultados indicam que todas as dez entrevistadas assinalaram “5 – Sempre” em todos os itens avaliados. No item 29, todas confirmaram que se sentem à vontade para pedir aos netos explicações quando não compreendem algo. No item 30, todas afirmaram que os netos gostam de estar na companhia delas. No item 31, todas responderam que compartilham com os netos as atividades que realizavam na mesma idade. No item 34, todas as avós indicaram que se sentem respeitadas pelos netos. Finalmente, no item 39, todas confirmaram que apreciam estar com seus netos.

Desta forma, a análise do fator, **vínculo ao passado**, demonstra uma ligação forte e positiva entre avós e netos. Todas as avós relataram um elevado grau de interação, respeito e satisfação ao estar com seus netos, e mostraram-se à vontade para compartilhar suas experiências e pedir explicações quando necessário. Este fator destaca uma relação robusta e harmoniosa entre as gerações, marcada pela compreensão mútua e pelo respeito.

Por último, em relação ao fator **indulgência**, verificou-se que, no item 10, quando questionadas se intercedem a favor dos netos durante desentendimentos com os pais, metade das avós respondeu “1 – Nunca”. Em contraste, no item 23, que aborda a permissão para que os netos façam coisas que os pais não permitem, mais de metade das inquiridas, seis avós, respondeu “5 – Sempre”.

A análise do fator **indulgência** revela uma clara divisão nas atitudes das avós em relação à intervenção em conflitos entre os netos e os pais. Metade das avós opta por não se envolver nas disputas dos netos com os pais, enquanto a outra metade tende a permitir que os netos façam coisas que os pais proíbem. Esta variação indica que algumas avós adotam uma postura mais permissiva, permitindo mais liberdade aos netos, enquanto outras escolhem não interferir nas questões familiares, demonstrando diferenças nas abordagens de disciplina e apoio.

#### **5.4. Análise dos dados Recolhidos na Escala e no *Focus Group***

A análise dos dados obtidos na Escala da Grã-Parentalidade e no *Focus Group* indica uma compreensão rica e detalhada das relações entre avós e netos, que podem ser organizadas em cinco fatores principais: compreensão mútua, papel do cuidador, distância emocional, vínculo ao passado e indulgência. O *Focus Group* complementa estes dados ao investigar a natureza qualitativa dessas relações,

considerando aspetos como a frequência e os métodos de contato, as dinâmicas entre avós e netos, as atividades realizadas em conjunto, as influências das experiências passadas e as variações nas relações. Em suma, os dados da Escala da Grã-Parentalidade e as observações do *Focus Group* sugerem que a relação entre avós e netos é complexa e multifacetada, refletindo tanto a continuidade de práticas tradicionais quanto as adaptações a novas realidades culturais e tecnológicas.

Fazendo uma relação entre os dados recolhidos na Escala da Grã-Parentalidade e no *Focus Group*, com base nas dimensões consideradas na escala, no que diz respeito ao primeiro fator, “Compreensão Mútua”, esta compreensão entre avós e netos é um fator que apresenta uma variação significativa. O fato de que muitas avós se sentem confortáveis para aconselhar e serem aconselhadas pelos seus netos (como visto nos itens 4, 6, 7, 11 e 17) sugere que há um grau elevado de confiança e abertura emocional. Por outro lado, a diferença nos resultados dos itens 13, 14 e 21 revela uma divisão entre as avós em relação ao envolvimento com os interesses e preocupações dos netos. Isto pode refletir diferenças na dinâmica familiar ou nas gerações, uma vez que, algumas avós se conectam mais profundamente com os netos, enquanto outras encontram barreiras, talvez devido a mudanças culturais ou tecnológicas. Essa divisão também foi observada no *Focus Group*, onde a frequência de contato e o uso de tecnologias como o telefone e redes sociais demonstram uma adaptação às novas formas de comunicação, mas também evidenciam desafios na manutenção de interações significativas. Avós que conseguem adaptar-se a estas novas realidades parecem manter uma relação mais próxima, enquanto outras enfrentam barreiras devido a mudanças geracionais.

Relativamente ao segundo fator “Cuidador”:

O papel dos avós como cuidadores é exercido com frequência, conforme observado pelos elevados valores nos itens 2, 3, 12, 15 e 20. Estes dados sugerem que os avós continuam a ser figuras centrais na vida dos seus netos, especialmente em situações de necessidade, como quando os pais estão ausentes ou os netos estão doentes. A disposição das avós para se deslocar e estar presente para os seus netos demonstra um forte compromisso com o bem-estar familiar e uma continuidade do papel tradicional dos avós como cuidadores. O *Focus Group* reforça essa observação, pois as avós relatam estar ativamente envolvidos nas vidas dos netos, seja em atividades diárias ou em situações de necessidade, como doenças. Essa continuidade no papel tradicional de cuidador é fundamental para o bem-estar familiar, mostrando que, apesar das mudanças tecnológicas e culturais, a presença física e o apoio emocional dos avós continuam a ser os pilares importantes nas dinâmicas familiares.

O terceiro fator “Distância”:

A "distância" emocional existente entre avós e netos mostra resultados mistos. Enquanto os itens 19, 26 e 27 indicam que muitas avós ainda conseguem conectar-se e entender os seus netos, outros itens, como 28, 36 e 40, revelam uma percepção

de desconexão, especialmente em relação à diferença de idades e às mudanças nas preocupações e interesses das novas gerações. Isto sugere que, embora muitas avós se sintam compreendidas e capazes de orientar os seus netos, outras percebem que existe um afastamento, talvez devido às mudanças nas formas de comunicação e nas prioridades entre as gerações. No *Focus Group*, esta desconexão também é mencionada, onde algumas avós notam que os seus netos, mais distraídos pelas novas tecnologias, parecem menos ligados a elas. No entanto, aquelas que conseguem superar estas barreiras, seja através de atividades tradicionais ou pela adaptação ao uso das novas tecnologias, mantêm uma relação mais próxima e significativa com os netos.

No que diz respeito ao quarto fator, "Vínculo ao Passado":

Neste fator é onde se observa a maior consistência entre as avós. Todos os itens (29, 30, 31, 34 e 39) apresentam valores máximos, indicando que todas as avós se sentem confortáveis em compartilhar as suas experiências e histórias de vida com os seus netos e acreditam que os netos gostam de estar com elas e as respeitam. Este forte vínculo com o passado reflete uma continuidade na transmissão de valores e experiências entre gerações, e destaca o papel dos avós como guardiões da memória e da tradição familiar. O *Focus Group* complementa essa ideia ao destacar como as atividades realizadas entre avós e netos, muitas das quais envolvem tradições antigas, continuam a ser um meio importante de conexão e transmissão de valores entre as gerações.

Por fim, o quinto fator "Indulgência":

No fator "indulgência", os dados indicam uma divisão na abordagem das avós em relação aos seus netos. Enquanto algumas avós se mostram mais permissivas (item 23), outras são mais reservadas em interceder ou permitir situações que os pais não permitem (item 10). Isto pode refletir diferentes estilos de educação e a influência das próprias experiências de vida das avós. No *Focus Group*, esta divisão pode ser vista na forma como as avós lidam com as mudanças nas relações familiares e com as tecnologias. Algumas mantêm uma postura mais permissiva e próxima, enquanto outras são mais reservadas, refletindo a diversidade nas formas de criar e educar os netos.

Desta forma, o *Focus Group* complementa os dados apresentados na escala da Grã-Parentalidade ao aprofundar a compreensão dos aspetos qualitativos das relações entre avós e netos, explorando percepções, experiências e sentimentos que vão além dos indicadores quantitativos da escala. Permite captar nuances das interações familiares, como os valores transmitidos, os desafios enfrentados e o impacto das mudanças geracionais, oferecendo um panorama mais abrangente e detalhado da grã-parentalidade. A frequência de contacto, variando de esporádica a diária, mostra como as relações são moldadas pelas circunstâncias individuais, como a proximidade geográfica e a idade dos netos. O uso de tecnologias como o telefone e as redes sociais para manter o contacto evidencia uma adaptação às novas realidades, embora também sugira desafios na manutenção de uma interação significativa. As atividades realizadas entre avós e netos, como passeios,

brincadeiras, e tarefas agrícolas, demonstram a continuidade de práticas tradicionais, mas também a introdução de novos elementos, como a utilização das tecnologias. A comparação entre as relações dos avós atuais com seus próprios avós mostra uma evolução nas dinâmicas familiares, com uma abertura maior e uma redução da formalidade nas interações.

Em suma, a análise dos dados recolhidos revela que, embora haja uma forte continuidade na função das avós como figuras centrais na vida de seus netos, as relações são complexas e influenciadas por uma série de fatores, incluindo diferenças geracionais, mudanças culturais e tecnológicas, e as próprias experiências de vida dos avós. Enquanto a maioria das avós sente uma forte conexão e compreensão mútua com seus netos, há também desafios na adaptação às novas realidades e na manutenção de uma relação próxima e significativa. A indulgência e o papel de cuidador são áreas onde as abordagens podem variar significativamente, refletindo tanto a diversidade das experiências individuais quanto a evolução das expectativas e dos papéis familiares ao longo do tempo.

## 5.5. Entrevistas semiestruturadas

Após a análise dos dados obtidos no *Focus Group* e na Escala da Grã-Parentalidade, percebeu-se que, para dar maior profundidade e coerência ao estudo, seria importante realizar entrevistas mais detalhadas com algumas das participantes do *Focus Group*. Esta abordagem possibilitou uma compreensão mais ampla e profunda das dinâmicas envolvidas nas relações entre avós e netos.

Com base no cruzamento realizado dos dados recolhidos no *Focus Group* e na escala, e considerando as dimensões da escala, tal como descrito no ponto 2.4, ao analisar o fator "Compreensão mútua", foi possível identificar questões centrais, como as barreiras geracionais e o impacto das mudanças culturais e tecnológicas nas interações entre avós e netos. Contudo, estas questões, apesar de terem sido exploradas no *Focus Group*, merecem uma investigação mais detalhada, uma vez que a complexidade das relações intergeracionais pode variar significativamente de acordo com a experiência e a vivência pessoal de cada avó. Para explorar melhor o tópico da compreensão mútua, algumas questões-chave foram delineadas como "Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?", "De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?", "Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?", "Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?".

Para aprofundar o papel das avós como cuidadoras, com base na análise do segundo fator, "Cuidador", tornou-se relevante abordar, em entrevistas mais

detalhadas, questões que exploraram tanto o impacto emocional quanto as responsabilidades associadas a essa função, além das mudanças ao longo do tempo. Perguntas como: "Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?"; "Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?"; "Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?" e "Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?" seriam particularmente pertinentes.

Para explorar mais profundamente a "distância" emocional entre avós e netos, foi interessante colocar questões como "Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?".

Para uma entrevista mais profunda, considerando a análise do fator "Vínculo ao Passado", algumas questões pertinentes foram: "Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?"; "Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?", As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, "Como acha que essas condições de vida influenciaram a sua relação com os seus avós?", "Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?".

Por fim, considerando a análise do fator "Indulgência", e de forma a aprofundar a compreensão das diferentes abordagens das avós em relação à indulgência e como essas abordagens refletem as suas próprias experiências e o contexto familiar, questões pertinentes a serem abordadas neste fator foram: "Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?"

## 5.6. Análise das Entrevistas Semiestruturadas

A análise das entrevistas semiestruturadas permitiu traçar um retrato detalhado das relações entre avós e netos, evidenciando profundas mudanças sociais, culturais e tecnológicas ao longo do tempo. As respostas das entrevistadas destacam diferenças significativas em valores, estilos de vida e formas de comunicação entre as gerações. Uma das entrevistadas comentou: "*Os jovens agora é tudo igual para eles, e no nosso tempo tínhamos muito mais respeito pelas pessoas idosas.*" (Env 1). Outra reforçou essa ideia, afirmando: "*Eu acho que são um bocadinho mais malcriados agora, 'és minha avó, não és minha mãe e tal', como dizem assim.*" (Env 2). Essa informalidade nas relações familiares é frequentemente vista como uma diminuição do respeito, como destacado por outra entrevistada: "*Antigamente, não se tratavam os pais por 'tu', era o 'senhor' e a 'senhora'.*" (Env 5).

A tecnologia surge como um fator central no distanciamento geracional, influenciando negativamente as interações familiares. Uma entrevistada observou: *"Eles agora já são crescidos, têm poucas atividades com os avós, de vez em quando uma conversinha, mas estão muito virados para os telemóveis."* (Env 1). Outra partilhou: *"Eles só ficam mais ligados às redes sociais e mal nos olham. Não há aquele interesse em passar tempo com os avós, estão mais nos jogos e menos em conversar."* (Env 3). Essa realidade afeta até os momentos de convivência direta, como apontou uma entrevistada: *"À mesa está sempre o telemóvel ao lado, estão mais atentos a este do que ao diálogo que estamos a ter."* (Env 5). Apesar dessas dificuldades, algumas avós ainda tentam compartilhar histórias e tradições, mas enfrentam desinteresse. Como afirmou uma delas: *"Conto-lhes tantas, das traquinadas que eu também fiz [...], às vezes conto histórias e dizem-me eles 'isso é tão antigo'."* (Env 2).

As diferenças entre as condições de vida das avós e a realidade atual dos netos também são marcantes. Embora o passado tenha sido caracterizado por dificuldades económicas, muitas avós consideram que isso não afeta negativamente o relacionamento com os netos. Pelo contrário, veem na maior abundância de recursos uma oportunidade para serem mais generosas. Uma entrevistada refletiu: *"No meu tempo, não havia dinheiro para nada. Agora, sou mais feliz porque posso dar aos meus netos o que eu não tive."* (Env 4). No entanto, algumas avós lamentam que os netos não compreendam as dificuldades que enfrentaram: *"Eles não entendem o quanto é difícil para nós. Açam que o que vivemos foi só por querer, mas foi a vida que nos impôs."* (Env 5).

No que toca à violência doméstica, as entrevistadas destacaram mudanças significativas na forma como o tema é tratado. No passado, a violência era mais visível e frequentemente aceite pela sociedade. Uma delas afirmou: *"Antigamente, as mulheres não podiam fazer nada, ficavam caladas, porque a sociedade não aceitava que falassem. Não havia onde ir."* (Env 4). Hoje, embora a violência ainda exista, é menos tolerada e mais frequentemente denunciada, no entanto parece que se tornou ainda pior: *"Antigamente as mulheres não se podiam queixar se não ainda levavam uma sova, tinham de fugir e esconder-se. Eu ainda levei uma sova, já era casada queria me vir embora, então o meu marido pegou na minha filha e levou-a à avó porque ele sabia que eu não me ia embora sem a minha filha. Antigamente levávamos uma lambada ou um pontapé, atualmente é logo às facadas parece que só piorou."* (Env 5); *"Felizmente, nunca assisti a nada, nem tinha esses problemas em casa. Mas assisti a muita coisa, como morava ao pé do posto da GNR, maridos que batiam às mulheres, mulheres que iam fazer queixa ao posto e dormiam lá porque não podiam ir dormir a casa, porque eles batiam-lhes (...) as mulheres eram muito martirizadas (...) a mulher era obrigada a fazer o comer, lavar a roupa e ser a escrava do homem, a maior parte deles, não quer dizer que fossem todos (...)"* (Env 2).

Quanto ao papel dos avós, observa-se uma transformação ao longo do tempo. Muitas entrevistadas notaram que, antigamente, os avós tinham uma presença

mais constante na vida das crianças, enquanto hoje isso é menos frequente devido às suas rotinas. Uma entrevistada comentou: *"Os avós agora, na minha maneira de ver, não estão muito com os netos porque começam aos três meses a ir para a creche."* (Env 3). Apesar disso, para aquelas que mantêm um contacto diário, o vínculo afetivo permanece forte. Uma delas partilhou: *"Gostava que eles se lembrassem da melhor maneira. A minha avó fazia-me coisas que eu gostava, ou dava-me coisas."* (Env 1).

A transmissão de tradições e histórias familiares é outra tentativa de manter viva a memória coletiva e reforçar a identidade familiar. Contudo, o desinteresse de alguns netos é um obstáculo. Uma entrevistada desabafou: *"Eles acham que são histórias velhas."* (Env 3). Ainda assim, muitas avós continuam a preservar tradições. Como descreveu uma delas: *"Ensino a tabuada à minha neta como me ensinaram a mim, a cantar. Uma das tradições que gosto de manter é o S. João, faço sempre a minha porta, com fogueira, balões e rosmaninho."* (Env 4).

Em suma, as relações entre avós e netos refletem as transformações sociais, culturais e tecnológicas da sociedade contemporânea. Apesar das diferenças geracionais e do impacto da tecnologia, as avós continuam a desempenhar um papel essencial, esforçando-se para preservar laços afetivos e transmitir valores e tradições, mesmo num contexto de mudanças constantes.

## 6. Capítulo IV- Discussão dos Resultados

Este estudo investigou as relações intergeracionais entre avós e netos na freguesia de Alpedrinha, explorando tanto as transformações ao longo do tempo quanto o impacto da convivência e das trocas afetivas e culturais entre estas gerações. A análise dos dados revelou aspetos importantes, destacando-se o valor das relações entre avós e netos e os desafios e oportunidades que surgem à medida que estas ligações são criadas ou transformadas.

A análise dos dados recolhidos através da Escala de Significados da Grã-Parentalidade permitiu identificar um perfil claro das avós participantes, destacando o papel ativo que desempenham nas dinâmicas familiares e na vida dos netos.

Em relação à compreensão mútua, os resultados mostram que a maioria das avós sente que existe uma relação próxima e aberta com os netos. Estas sentem-se desta forma, à vontade para aconselhá-los, partilhar experiências e ajudá-los nas suas responsabilidades, e os netos também confiam nelas para partilhar problemas e preocupações. No entanto, surgem algumas diferenças no que diz respeito à participação em eventos culturais e na frequência de conversas sobre interesses comuns, refletindo diferentes dinâmicas familiares e interesses entre gerações.

No que diz respeito ao papel de cuidadoras, observa-se uma forte dedicação por parte das avós. Estando estas sempre disponíveis para cuidar dos netos quando os pais estão ausentes, visitá-los regularmente, fazer-lhes companhia quando necessário e apoiá-los quando estão doentes. Estes resultados mostram que os avós desempenham um papel central no bem-estar e na rotina dos netos. Esta situação é especialmente comum em famílias onde os pais enfrentam dificuldades económicas ou têm empregos instáveis, um fenómeno descrito por Peixoto e Gonçalves (2014) como “avós cuidadores emergenciais”, onde os avós são chamados a intervir em momentos de crise familiar.

Relativamente à distância geracional, embora muitas avós sintam que compreendem os netos e que os seus conselhos são ouvidos, algumas referem ter dificuldades em acompanhar as novas gerações. Existindo, assim, uma divisão, umas avós sentem que a idade as impede de entender completamente os netos, enquanto outras acreditam que os netos são demasiado jovens para as compreenderem.

No que diz respeito ao vínculo ao passado, este mostra-se com um impacto positivo. Uma vez que, todas as avós disseram sentir-se respeitadas e valorizadas pelos netos, apreciando a sua companhia e partilhando com eles histórias e experiências da sua juventude. Além disso, mostram-se abertas a aprender com os netos, pedindo-lhes explicações quando necessário, o que demonstra uma relação equilibrada entre as gerações. A relação entre a preservação do passado e o papel dos avós como guardiões dessa memória é um tema explorado por Sampaio

(2008), que destaca a importância das gerações mais velhas na manutenção da coesão familiar através da passagem de tradições e valores.

O fator indulgência revelou posturas distintas entre as avós. Enquanto metade evita intervir em desentendimentos entre os netos e os pais, a outra metade adota uma postura mais permissiva, permitindo que os netos façam coisas que os pais não autorizariam. Esta diferença reflete abordagens diversas na forma como as avós se envolvem na disciplina e no apoio aos netos. A indulgência, referida por várias avós, reflete um papel de “amigos indulgentes”, onde os avós, não tendo responsabilidades parentais diretas, podem focar-se em proporcionar carinho e apoio emocional, tal como discutido por (Triadó et al., 2005 citado por Peixoto & Gonçalves, 2014).

Assim, as avós desempenham um papel fundamental tanto no apoio emocional como no cuidado diário dos netos. Apesar de algumas diferenças geracionais e na abordagem à disciplina, continuam a ser figuras de referência, contribuindo de forma significativa para o bem-estar e desenvolvimento dos netos, reforçando a importância das relações intergeracionais nas famílias.

A análise dos dados do *Focus Group* permitiu traçar um perfil das avós participantes, destacando as diversas formas de relacionamento que mantêm com os seus netos e as diferenças geracionais existentes nas suas interações.

A frequência de contacto entre as avós e os netos varia bastante. Algumas avós, como a E2 e E5, mantêm um contacto diário com os netos, pois vivem juntos ou foram responsáveis pela sua criação. Como referiu a E2: “*Os meus netos estão a ser criados por mim, então o contacto é diário.*” Outras avós, como a E1, só veem os netos uma vez por mês, enquanto a E4 menciona um contacto esporádico devido à distância geográfica: “*Só vou a vê-los quando me levam a Lisboa.*” A E10 refere que apenas vê os seus netos quinzenalmente: “*Eles vêm cá de 8 em 8 dias e vão-me sempre visitar.*” Além do contacto presencial, muitas avós mantêm-se próximas dos netos através de chamadas telefónicas e videochamadas. Tal como a E4 partilhou: “*O meu neto telefona-me todas as quartas-feiras, já a minha neta é mais preguiçosa, só lá quando se lembra.*” O uso da tecnologia é evidente em casos como o da E5: “*Inclusive a neta mais velha faz sempre vídeo.*” Este facto, vai ao encontro de estudos de Oliveira et al. (2018) sobre a importância das relações entre avós e netos adolescentes, refletindo um padrão de vida onde a proximidade física era a norma e a transmissão de valores culturais e familiares acontecia de forma orgânica e constante.

A maioria das avós descreve uma relação próxima e carinhosa com os netos. A E3 destacou: “*Tenho uma relação muito íntima com os meus netos, porque sempre estiveram comigo.*” Já, a E7 acrescentou: “*Brinquei mais com o meu neto do que com a minha filha, fazia de cavalo, gato e cão, tudo com ele.*” No entanto, algumas relações são mais distantes, especialmente quando os netos vivem longe, como é o caso da E9: “*O outro é mais desprendido, inglês é diferente a relação.*”

As atividades realizadas com os netos variam entre tarefas domésticas, brincadeiras e momentos educativos. A E1 partilhou: *“Quando eram mais pequenos, vinham comigo para a quinta regar ou andavam por lá a brincar.”* Já a E8 referiu: *“Fazíamos caminhadas e até andei à caça de Pokémon.”* Algumas avós também valorizaram o ensino, como é o caso da E3: *“Como fui educadora de infância, ensinava aos rapazes em casa o que ensinava na creche.”*

Quando questionadas sobre a influência das suas próprias experiências com os avós na forma como se relacionam com os netos, as respostas foram diversas. Algumas avós, como a E7, reconheceram essa influência: *“Os meus pais sempre deram um exemplo exemplar de avós, e assim, eu também fui para o meu neto.”* Outras, como a E1, sentiram que não houve influência significativa: *“Naquele tempo também não se conversava com os avós.”*

As avós entrevistadas também refletiram sobre as mudanças nas relações intergeracionais. Muitas destacaram que, hoje, existe maior abertura e informalidade. A E1 comentou: *“Naquela altura as avós não puxavam muito os assuntos, com os netos. A maior diferença mesmo é atualmente.”* A E2 reforçou: *“Eu nunca vi os meus pais nus, os meus netos já tomam banho com os pais.”* A tecnologia também teve impacto, como notou a E8: *“As diferenças são muitas, mas o amor é sempre o mesmo, basta as tecnologias e todas essas coisas.”*

Desta forma, os resultados revelam que as avós desempenham um papel central na vida dos netos, seja através do cuidado diário, do apoio emocional ou das atividades partilhadas. Embora existam diferenças nas formas de contacto e na intensidade das relações, o carinho e o compromisso com os netos são constantes. As avós reconhecem também que as relações com os netos são muito diferentes das que tiveram com os próprios avós, refletindo as mudanças sociais e culturais das últimas gerações. As adaptações às novas tecnologias, a maior abertura emocional e a dedicação demonstrada mostram que, apesar das diferenças geracionais, o vínculo entre avós e netos continua a ser forte e significativo.

No que toca à análise das entrevistas semiestruturadas, foi possível traçar-se um perfil das avós, evidenciando as suas perceções sobre o papel na vida dos netos, as mudanças nas dinâmicas familiares e as diferenças geracionais.

As avós destacaram, de forma geral, uma relação próxima e afetuosa com os netos, embora algumas mencionem o afastamento natural com o crescimento destes. Como referiu uma das entrevistadas: *“Eu dou-me muito bem com eles, mas agora estamos muito pouco, eles já saíram praticamente de casa, só os vejo de vez em quando (...).”* (Env 1). Esta proximidade é frequentemente marcada por momentos em família, como festas ou refeições: *“É quando estamos todos (...), num jantar, num almoço, é quando estamos sempre todos juntos mais em família (...).”* (Env 2).

Apesar do carinho, várias avós notam que a tecnologia interfere na qualidade das interações. Uma das participantes afirmou: “(...) *Eles estão só nos telemóveis e já não existe conversa (...).*” (Env 5). Outra destacou: “(...) tenho uma neta que passa todo o dia em frente a televisão, e a fazer jogos e a falar com os outros ao telemóvel (...), ela passa horas e horas só com o computador e (...) e é preciso trazê-la, “já comi, na na” só porque está agarrada aquilo (...).” (Env 2).

As avós percebem mudanças significativas nos valores e na forma como os jovens se relacionam com os mais velhos. Uma das entrevistadas comentou: “(...) *Agora é tudo igual para eles, no nosso tempo tínhamos muito mais respeito pelas pessoas idosas.*” (Env 1). Apesar disso, muitas avós reconhecem que os netos são mais livres e têm mais oportunidades do que elas tiveram: “(...) *Não tínhamos nada do que os jovens têm, um vestido novo era só para os domingos e era só um por ano ou às vezes até mais do que isso.*” (Env 5).

O respeito e a disciplina foram temas recorrentes, com algumas avós a comparar a sua educação mais rígida com a liberdade atual dos netos. Uma participante partilhou: “(...) *Antigamente não se tratavam os pais por ‘tu’, era o senhor a senhora.*” (Env 5). No entanto, apesar dessas diferenças, muitas avós procuram adaptar-se: “(...) *Dou-lhes a conhecer um bocadinho do passado também para perceberem as diferenças.*” (Env 1).

O papel das avós na vida dos netos mantém-se importante, mas adaptado aos tempos modernos. Muitas avós afirmaram que hoje existe mais disponibilidade para cuidar e mimar os netos: “(...) *Naquele tempo não havia tantos miminhos, tantas coisas como nós agora podemos dar aos nossos netos (...).*” (Env 1). Algumas assumem papéis de cuidadoras ativas: “(...) *estão a ser criados comigo, vão à casa dos pais todos os dias, mas a bem dizer estão sempre comigo.*” (Env 4). No entanto, há também quem sinta que o contacto diminuiu: “*Os avós agora, (...), não estão muito com os netos porque começam aos três meses a ir para a creche (...)*” (Env 3).

Entre os desafios emocionais, o afastamento físico e emocional dos netos é frequentemente mencionado: “(...) *Sinto os distantes quando eles já estão nas aulas, na vida deles.*” (Env 1). Algumas avós também partilham preocupações específicas, como no caso de uma entrevistada: “*Um dos meus netos ficou sem pai e por isso acabava por ser aquele que tenho mais preocupações (...)*” (Env 5).

Apesar das diferenças geracionais, muitas avós fazem questão de transmitir tradições familiares e histórias do passado. “*Conto-lhes sobre quem eram os bisavós, o que faziam, e as tradições da nossa terra.*” (Env 1). No entanto, nem todos os netos demonstram interesse: “*Eu tento-lhes contar, mas eles não têm interesse em ouvir e deixam-se rir, (...).*” (Env 5).

Algumas avós relataram manter vivas as tradições locais com os netos: “(...) No São João, efeito sempre a minha porta, faço uma fogueira, os balões e tenho um alguidar grande onde queimo o rosmaninho, todos os anos faço e corro as 7 fontes com a minha neta (...).” Outras lembram com carinho as atividades do passado: “Lembro-me de cantar as desfolhadas, com o debulhar do milho, juntavam-se em casa dos meus pais numa sala grande (...).” (Env 1).

Os resultados mostram que, apesar das mudanças nas dinâmicas familiares e das diferenças geracionais, o papel das avós continua fundamental na vida dos netos. As avós continuam a ser um pilar de apoio emocional, partilhando valores, tradições e vivências que atravessam gerações. No entanto, enfrentam desafios como o afastamento causado pela tecnologia e a menor necessidade de cuidados diretos. Ainda assim, o carinho, o respeito e a vontade de manter a ligação com os netos continuam a ser pilares fundamentais destas relações, refletindo a importância das ligações intergeracionais no contexto familiar contemporâneo.

A análise dos dados recolhidos através da Escala de Significados da Grã-Parentalidade, do *Focus Group* e das entrevistas semiestruturadas permitiu uma compreensão abrangente das relações intergeracionais entre avós e netos na freguesia de Alpedrinha. Os resultados revelam que as avós desempenham um papel fundamental no apoio emocional e prático aos netos, bem como na preservação de tradições e valores familiares.

As avós demonstram uma grande dedicação no cuidado dos netos, demonstrando-se sempre disponíveis para apoiar nas mais diversas situações, desde o acompanhamento diário até em casos de doença. A compreensão mútua entre avós e netos também é evidente, com ambas as gerações partilhando experiências e conselhos, embora algumas diferenças surjam na forma como lidam com interesses comuns e eventos culturais.

A distância geracional é um fator relevante, com algumas avós a sentirem dificuldades em acompanhar as novas tecnologias e as mudanças nos comportamentos dos jovens. No entanto, esta distância é muitas vezes superada pelo afeto e pela vontade de adaptação, evidenciada na abertura das avós para aprender com os netos e participar em atividades contemporâneas. O vínculo ao passado mantém-se forte, as avós continuam a partilhar histórias e tradições que permitem manter a identidade familiar, embora nem todos os netos tenham interesse em manter estas memórias vivas.

O fator indulgência revelou abordagens diferentes na relação com os netos, variando entre avós que evitam intervir em conflitos familiares e outras que adotam uma postura mais permissiva. Esta diversidade reflete a complexidade das dinâmicas familiares e a adaptação das avós aos contextos atuais.

Os resultados deste estudo demonstram que, apesar das transformações sociais e tecnológicas, as avós continuam a ser figuras centrais na vida dos netos. A dedicação ao cuidado, o apoio emocional e a transmissão de tradições são

pilares fundamentais destas relações. No entanto, desafios como o impacto da tecnologia e as diferenças geracionais evidenciam a necessidade de adaptação para manter a proximidade entre gerações. O estudo reforça a importância das ligações intergeracionais no fortalecimento dos laços familiares e na preservação da identidade cultural.

## 7. Capítulo V- Projeto de Intervenção

O projeto foi baseado em várias necessidades identificadas ao longo do trabalho empírico. Para isso, entrevistou-se a tesoureira da Junta de Freguesia de Alpedrinha sobre os projetos atualmente em vigor na vila e iniciativas anteriores já concluídas.

As entrevistas e a análise das dinâmicas locais evidenciaram que, embora existam iniciativas como o atelier “Linhas e Lãs”, o projeto de ginástica e os programas intergeracionais “Aldeias Educadoras” e “Acrescenta um Ponto”, a integração social dos idosos continua a apresentar lacunas. Muitos relataram existirem poucas atividades ou até nenhuma, e que nem sempre correspondem aos seus interesses e expectativas.

Além disso, tornou-se evidente a importância de preservar e valorizar o património cultural da vila, através da realização de atividades que envolvam as diferentes gerações e criem um sentimento de pertença na comunidade. O isolamento social também se revelou uma preocupação central, com muitos idosos a manifestarem sentimentos de solidão devido à migração de familiares para áreas urbanas ou ao estrangeiro, o que limita o contacto presencial regular.

Este cenário mostra que se torna necessária a criação de um projeto de intervenção mais abrangente, que expanda e reforce as iniciativas que já existem, adaptando-as às necessidades apontadas pelos próprios idosos. O principal objetivo é certificar que estes se sintam reconhecidos, ganhem uma maior autonomia e tenham um papel central na preservação da memória cultural da vila.

O projeto será promovido pela Junta de Freguesia de Alpedrinha e contará com o apoio de parceiros, como a Câmara Municipal do Fundão, a Aldeia dos Girassóis, a Gowe<sup>6</sup> e as escolas da vila. Esta rede de parcerias torna-se essencial para a realização das atividades e no alcance dos objetivos. Foi então criada uma grelha do Projeto de Intervenção (ver apêndice G).

Tendo em conta as questões financeiras e estruturais da Junta de Freguesia, o projeto contará com o apoio financeiro da Câmara Municipal e com a colaboração de voluntários e técnicos especializados, coordenados por um(a) Gerontólogo(a). A sustentabilidade será uma prioridade, com iniciativas que pretendem envolver a comunidade e reforçar o sentido de pertença entre todos os participantes.

O projeto terá como principais objetivos:

- Minimizar o isolamento social e promover a participação ativa dos idosos nas atividades da vila;

---

<sup>6</sup> Gowe – organização que desenvolve projetos educativos e de envelhecimento ativo, como por exemplo, o programa de Aldeias Educadoras.

- Estimular o envelhecimento ativo, com ações que combinem saúde, cultura e lazer;
- Preservar e divulgar o património cultural de Alpedrinha, por meio de atividades intergeracionais;
- Fortalecer os laços comunitários e aumentar o bem-estar da população idosa;
- Reforçar a relação entre avós e netos promovendo a intergeracionalidade em Alpedrinha.

Com base nestes objetivos, o projeto pretende ter um impacto positivo e duradouro na vida dos idosos e em toda a comunidade da Vila de Alpedrinha.

## 7.1. Atividades do Projeto

Definiu-se como atividades a criação de uma Rota das Memórias (Atividade I); Oficinas de Sabores e Saberes (Atividade II); Círculo de Contos (Atividade III); Criação de uma Semana da Comunidade (Atividade IV).

As atividades apresentadas têm como principal grupo-alvo a população mais velha da Freguesia da Vila de Alpedrinha.

### **Atividade I - Rota das Memórias**

Tendo presente as necessidades e as características das pessoas idosas entrevistadas, torna-se pertinente como forma de intervenção a criação de uma iniciativa cultural e educativa denominada *Rota das Memórias*. Este projeto irá consistir na realização de visitas guiadas feitas pelos idosos a locais emblemáticos da vila, como fontes, igrejas, casas antigas e monumentos históricos, com o objetivo de partilhar lendas, histórias de vida e tradições locais.

Os idosos, enquanto guias e detentores de memórias valiosas, conduzirão as crianças nesses percursos, permitindo-lhes vivenciar a história local de forma interativa e enriquecedora. Durante as visitas, as crianças terão o apoio dos professores, que irão documentar as histórias em cadernos de campo, tirar fotografias dos pontos visitados.

No final do ano letivo, todo o material recolhido será organizado e elaborado através da criação de um livro ilustrado ou de uma exposição. Estes serão apresentados à comunidade em eventos realizados nas escolas da vila, no Teatro Clube de Alpedrinha e em outras iniciativas culturais na Cidade do Fundão.

A Rota de Memórias tem como objetivos principais fortalecer os laços intergeracionais, valorizar as vivências dos idosos, resgatar a identidade cultural da comunidade e promover a educação patrimonial de forma criativa e inclusiva. Esta

atividade irá sempre respeitar a privacidade, as histórias e a individualidade de cada idoso, assegurando sempre que a iniciativa seja beneficiária de forma igualitária a todas as gerações envolvidas.

Esta atividade tem como objetivos:

- Fortalecer os laços intergeracionais, promovendo o contato direto entre idosos e crianças através de experiências culturais partilhadas.
- Valorizar e preservar as vivências e memórias dos idosos, reconhecendo-os como responsáveis por preservar a história e a identidade da comunidade.
- Recuperar e divulgar a identidade cultural da Vila de Alpedrinha, promovendo o conhecimento sobre o património histórico e as tradições locais.
- Promover a educação sobre o património de forma inovadora e acessível a todos, utilizando metodologias interativas que envolvam as diferentes gerações na descoberta da história local.
- Incentivar a participação ativa dos idosos na vida comunitária, reforçando o seu papel como agentes culturais e educativos.

## **Atividade II - Oficinas de Sabores e Saberes**

As Oficinas de Sabores e Saberes é uma proposta que surge como resposta a algumas das necessidades identificadas, nomeadamente o desejo das pessoas idosas de partilharem os seus conhecimentos, memórias e saberes com as gerações mais jovens.

Esta atividade tem como objetivo promover a valorização dos saberes tradicionais, o convívio intergeracional e a preservação do património cultural e imaterial da comunidade.

Nestas oficinas, as pessoas idosas assumirão o papel de educadores, ensinando às crianças receitas tradicionais, técnicas artesanais e outros conhecimentos associados às tradições locais. Simultaneamente, as crianças irão apoiar no registo destes processos, através de vídeos, fotografias e anotações, com o apoio de professores ou outros mediadores.

Estas oficinas serão realizadas em vários locais, como cozinhas comunitárias, centros de convívio ou até nas casas dos participantes, dependendo das condições e preferências dos envolvidos. As atividades irão incluir momentos de interação, aprendizagem mútua e diversão, criando um ambiente acolhedor e enriquecedor para todos.

No final desta atividade, o material recolhido será organizado para a criação de uma exposição interativa, que poderá ser apresentada nas escolas da vila, em eventos culturais ou até no Teatro Clube de Alpedrinha. A exposição incluirá vídeos,

fotografias, textos e até recriações das receitas ou artesanatos apresentados, permitindo que toda a comunidade tenha acesso ao trabalho realizado.

As Oficinas de Sabores e Saberes visam fortalecer os laços sociais, promover a aprendizagem colaborativa e valorizar o papel das pessoas idosas como guardiãs de tradições e conhecimento. Ao mesmo tempo, permitem às crianças ligarem-se ao passado e aprenderem de uma forma prática e criativa, contribuindo uma comunidade mais unida e consciente da sua tradição cultural.

Esta atividade tem como objetivos:

- Valorizar e preservar os saberes tradicionais, como receitas, técnicas artesanais e costumes locais.
- Fomentar o convívio intergeracional, criando espaços de partilha entre idosos e crianças que fortaleçam o respeito e a cooperação mútua.
- Preservar o património cultural e imaterial da comunidade, documentando e divulgando práticas culturais através de registos audiovisuais e escritos.
- Promover a aprendizagem colaborativa, com idosos no papel de mestres e crianças como aprendizes e responsáveis pelo registo das atividades.
- Estimular a participação ativa dos idosos na vida comunitária, reconhecendo-os como detentores de conhecimento e tradição.
- Criar espaços de interação social e diversão, promovendo o bem-estar emocional de todas as gerações envolvidas.
- Divulgar as tradições locais à comunidade em geral, através de exposições interativas que tornem acessível o trabalho realizado.

### **Atividade III - Círculo de Contos**

Uma das necessidades identificadas entre as pessoas idosas e as crianças foi a criação de espaços que promovam a interação intergeracional, reforçando os laços familiares e comunitários. A atividade Círculo de Contos poderá surgir como uma oportunidade única para reunir avós e netos, num ambiente escolar, para a partilha de histórias e saberes.

Nesta atividade, será designado um dia especial em que as crianças convidam os seus avós para irem à escola. Durante este encontro, os avós poderão contar histórias que marcaram a sua infância, mitos locais e outras memórias que se lembrem, permitindo que as crianças conheçam melhor o passado da sua família e da sua terra. Em contrapartida, as crianças irão partilhar histórias contemporâneas, apresentar livros que gostam de ler e demonstrar novas tecnologias ou jogos que utilizam, introduzindo os avós a temas que lhes despertam o interesse.

O Círculo de Contos será realizado em salas apropriadas, organizadas de forma acolhedora, incentivando o diálogo e a partilha. Este momento será enriquecido com a possibilidade de as crianças registarem os contos partilhados pelos avós

através de desenhos, anotações ou até vídeos, promovendo a valorização e a preservação das histórias narradas.

Esta atividade tem como objetivos principais fomentar o convívio intergeracional, preservar a tradição oral e incentivar a troca de conhecimentos entre gerações. Além disto, contribui para reforçar os laços afetivos e culturais, valorizando as pessoas idosas como fontes vivas de sabedoria e permitindo que as crianças partilhem a sua visão do mundo contemporâneo.

O Círculo de Contos não só promove a partilha de memórias, como também cria momentos de aprendizagem entre gerações, reforçando o papel das escolas como espaços de encontro e valorização da diversidade geracional.

Esta atividade tem como objetivos:

- Estimular o convívio intergeracional, criando espaços de partilha afetiva e cultural entre avós e netos.
- Preservar e valorizar a tradição oral, promovendo a transmissão de histórias, mitos locais e memórias familiares.
- Incentivar a troca de conhecimentos entre gerações, permitindo que os idosos partilhem saberes do passado e que as crianças introduzam temas e tecnologias atuais.
- Reforçar os laços afetivos e culturais, fortalecendo as ligações familiares e promovendo o respeito e a empatia entre as diferentes gerações.
- Promover a valorização dos idosos como fontes vivas de sabedoria, reconhecendo a importância das suas experiências de vida na construção da identidade da comunidade.
- Estimular a criatividade e a capacidade de expressão das crianças, através do registo de histórias por meio de desenhos, vídeos e anotações.
- Transformar a escola num espaço de encontro entre gerações, reforçando o seu papel na promoção da diversidade cultural e na integração intergeracional.

#### **Atividade IV - Criação de uma Semana da Comunidade**

Com a Semana da Comunidade pretende-se criar um momento anual dedicado à partilha e celebração do trabalho desenvolvido ao longo do ano por crianças, pessoas mais velhas e outros membros da comunidade. Este evento será realizado no final de cada ano letivo, dando uma oportunidade para fortalecer os laços entre gerações e valorizar as tradições e a identidade local.

Durante esta semana especial, serão organizadas apresentações e exposições abertas a toda a comunidade. As criações que foram feitas ao longo do ano, como livros, vídeos, fotografias, objetos artesanais e outros registos, serão expostas em locais públicos, como escolas, centros culturais ou praças. Esses momentos vão

não só dar a conhecer o trabalho realizado, mas também promover a interação entre as diferentes pessoas.

Nesta Semana da Comunidade, poderá incluir-se uma programação diversificada, que poderá contemplar: Exposições interativas: com registos das Oficinas de Sabores e Saberes, do Círculo de Contos e da Rota de Memórias, destacando as contribuições das pessoas idosas e das crianças; Sessões de contos de histórias: onde idosos e crianças narram as suas vivências e aprendizagens, promovendo o diálogo intergeracional; Demonstrações ao vivo de técnicas tradicionais de artesanato, culinária e outras práticas culturais, realizadas pelas pessoas idosas com apoio dos mais novos; Atividades culturais e recreativas: como música, dança e teatro, envolvendo participantes de diferentes idades.

Esta atividade tem como objetivos:

- Promover o reconhecimento da riqueza cultural e histórica da comunidade;
- Estimular o convívio e o reforço dos laços afetivos entre as diferentes gerações;
- Incentivar a participação ativa da população em iniciativas culturais e de cidadania.

A Semana da Comunidade será um espaço de celebração e encontro, onde histórias, saberes e memórias se cruzam, criando um legado coletivo que fortalece o sentido de pertença e união entre os seus participantes.

Desta forma, as atividades propostas têm como objetivo promover a interação entre as gerações e valorizar o património cultural da Freguesia da Vila de Alpedrinha, com um foco especial na população idosa. A "Rota das Memórias" é uma iniciativa em que os idosos guiam as crianças por locais históricos da vila, partilhando histórias e tradições locais. Nas "Oficinas de Sabores e Saberes", os idosos ensinam receitas e técnicas tradicionais às crianças, preservando saberes antigos e fomentando o convívio entre gerações. O "Círculo de Contos" permite que avós e netos partilhem histórias e saberes, reforçando a tradição oral. A "Semana da Comunidade" será um evento anual que celebra o trabalho feito ao longo do ano, com exposições e apresentações culturais, reforçando os laços entre gerações e a identidade cultural local.

## **7.2. Avaliação do Projeto de Intervenção**

O projeto de intervenção desenvolvido para a Vila de Alpedrinha foi apoiado num diagnóstico detalhado das necessidades da população mais velha da freguesia. A partir de entrevistas, como a realizada com a tesoureira da Junta de Freguesia, e da análise dos projetos existentes, foram identificadas lacunas significativas na integração social e no envolvimento comunitário dos idosos. O projeto tem como objetivo preencher essas lacunas, promovendo atividades que aproximam as gerações e valorizando o património cultural da comunidade.

De acordo com o Guia de Avaliação Contínua (Gabinete de Avaliação e Auditoria, 2014), a avaliação é uma ferramenta essencial para monitorizar a evolução de um projeto, permitindo ajustes e correções ao longo da sua implementação. O projeto da Vila de Alpedrinha adota uma metodologia de avaliação contínua, com foco na análise constante das atividades e dos seus impactos. A avaliação será feita ao longo de todo o projeto, para que se possa identificar qualquer desvio em relação aos objetivos e estratégias definidos.

A avaliação será feita de forma contínua e integrada, utilizando diferentes formas de recolher informações, para acompanhar o progresso e ajustar rapidamente a execução quando necessário. As ferramentas de avaliação incluirão inquéritos e entrevistas com os participantes (idosos, crianças, voluntários e parceiros), observação direta das atividades, e a análise qualitativa e quantitativa dos materiais culturais produzidos. A avaliação também incluirá uma análise contínua, com o objetivo de identificar melhorias e ajustes possíveis durante a realização das atividades.

Após um ano de trabalho, será feita uma avaliação final para analisar os resultados do projeto e o impacto que este teve na comunidade, tanto a nível social, como cultural e emocional, com a participação de todos. Isto permitirá perceber se foram atingidos os objetivos, o que se aprendeu durante o procedimento e como se poderá melhorar a abordagem em futuras iniciativas.

A avaliação será conduzida por meio de indicadores e critérios bem definidos, os quais contemplam a relevância do projeto (respondeu às necessidades da população mais velha?), eficiência (os recursos foram corretamente direcionados?), efetividade (os resultados correspondem às expectativas, como o aumento da participação e a redução do isolamento social?), impacto (qual foi o impacto nas relações sociais e culturais dos idosos?), e sustentabilidade (as atividades podem ser mantidas além do financiamento inicial?). Indicadores específicos incluem: número de atividades realizadas (como a Rota das Memórias e a Semana da Comunidade), taxas de participação, satisfação dos participantes, qualidade dos materiais culturais produzidos (livros, exposições), e a perceção de pertencimento e integração social.

Os resultados da avaliação contínua serão partilhados com todos os envolvidos no projeto, através de relatórios regulares, apresentações abertas e eventos na comunidade.

A avaliação contínua ajudará a assegurar que se reduza o isolamento social, se promova um envelhecimento ativo e se valorize o património cultural de forma eficaz. Este acompanhamento permitirá também melhorar a implementação do projeto, assegurando um impacto positivo e duradouro na vida dos idosos e na comunidade da Vila de Alpedrinha.

## 8. Conclusões

O envelhecimento demográfico é um desafio cada vez maior a nível mundial. Neste contexto, as relações intergeracionais, em especial as estabelecidas entre avós e netos, desempenham um papel fundamental na coesão familiar e na transmissão de valores, afetos e memórias.

O presente trabalho de projeto analisou as relações intergeracionais entre avós e netos na freguesia de Alpedrinha, destacando as transformações que estas relações sofreram ao longo do tempo devido a mudanças sociais, culturais e tecnológicas. A investigação procurou compreender como estas dinâmicas são experienciadas atualmente, enfatizando o papel dos avós na transmissão de valores, na partilha de memórias e tradições culturais e no apoio emocional às novas gerações.

Os resultados mostram que, antigamente, os avós estavam mais presentes fisicamente e mantinham mais contacto direto com a família. Atualmente, devido a mudanças sociais, é mais difícil manter essa proximidade. A emigração e a distância geográfica afastaram muitas famílias e, embora a tecnologia aproxime à distância, também contribui para um certo distanciamento emocional. Ainda assim, os avós continuam a desempenhar um papel muito importante nas famílias, sendo vistos como figuras de carinho e apoio, bem como guardiões da identidade e das memórias familiares.

A análise dos dados revelou que as avós continuam a exercer um papel fundamental na promoção da coesão familiar e na transmissão de valores, sendo reconhecidas como figuras centrais na construção da identidade dos netos. Além disso, a indulgência foi uma característica fortemente evidenciada nas entrevistas, mostrando que as avós assumem uma postura mais permissiva com os netos, diferente da que tiveram ao educar os próprios filhos. Esse comportamento mais permissivo é visto pelas avós como uma forma de estabelecer uma relação mais afetuosa, em que a liberdade e a confiança predominam, o que representa uma mudança significativa em relação às práticas educativas de gerações anteriores.

Mesmo com o aumento do uso da tecnologia e com a menor convivência presencial, os laços entre avós e netos continuam a ser fortes. Nas entrevistas, a tecnologia surgiu várias vezes como um tema importante, com opiniões divididas: por um lado, ajuda a manter o contacto quando há distância; por outro, afasta as pessoas no dia a dia, reduzindo o convívio direto e as partilhas naturais. Muitas avós notaram que os netos preferem passar tempo com os telemóveis ou tablets do que com elas, o que acaba por dificultar a conexão mais próxima entre as gerações.

A freguesia de Alpedrinha tem características culturais e demográficas próprias, que tornam este estudo especial. O espírito de entreajuda e proximidade entre os habitantes locais ajuda a manter as ligações entre avós e netos, permitindo que se transmitam histórias, valores e tradições que fazem parte da identidade local. No

entanto, a saída dos mais novos à procura de trabalho noutras zonas e o envelhecimento da população dificultam a continuidade desses laços. Percebe-se, assim, que manter estes laços exige um esforço constante, sobretudo numa altura em que a forma de viver está em constante mudança.

Este estudo mostra como é importante manter viva a ligação entre gerações, criando oportunidades para que os avós continuem a sentir-se úteis e próximos da família. É necessário conceber políticas que se adaptem às diferentes formas de envelhecimento, respeitando o ritmo e as necessidades de cada um. Olhar com atenção para aquilo de que cada geração precisa, especialmente os avós, permite cuidar do bem-estar de todos e reforçar os laços.

Durante as entrevistas, algumas avós partilharam memórias da sua infância, recordando como a convivência com os seus próprios avós era caracterizada por respeito, distância emocional e um espaço limitado para o diálogo afetivo. Uma das participantes mencionou que, antigamente, a vida era mais difícil e que a ligação com a avó acontecia mais por necessidade, como quando aprendia costura noutra vila e se refugiava na casa da avó nos dias de chuva. Outra participante salientou que, na sua infância, conversava mais com as avós, sobretudo sobre alimentação, mas reconheceu que, atualmente, as relações com os netos enfrentam novos desafios, como a presença da tecnologia e a forma como as pessoas convivem atualmente.

Ao compararem o papel que desempenham atualmente com o que desempenhavam no passado, várias avós destacaram com emoção a diferença nas relações com os netos, agora mais próximas, carinhosas e baseadas na liberdade e confiança. Hoje, muitas delas assumem uma participação ativa na vida dos netos, acompanhando-os à escola e até lhes proporcionando a possibilidade de dormir em sua casa. Esta mudança reflete não só uma transformação nas práticas e expectativas familiares ao longo das gerações, mas também o desejo de desempenhar um papel mais ativo e afetivo, diferente daquele que viveram na sua própria infância.

Um dos momentos mais comoventes deste estudo ocorreu quando se perguntou às avós como gostariam que os netos se lembrassem delas no futuro. As respostas revelaram um desejo genuíno de serem recordadas com amor, não pelas coisas que deram, mas pela forma como estiveram presentes e cuidaram deles com carinho. Muitas avós expressaram que o mais importante era serem lembradas pela forma como tratavam os netos e não pelas coisas materiais que lhes davam. Algumas destacaram que gostariam de ser recordadas como boas pessoas, que sempre trataram bem os netos. Outra, de forma simples e comovente, expressou o desejo de que os netos dissessem apenas a verdade sobre ela. Estas narrativas evidenciam o quanto o afeto, o cuidado e a presença são considerados o maior legado que as avós podem deixar aos netos.

Neste sentido, o projeto de intervenção associado a esta investigação poderá assumir um papel importante no reforço das relações intergeracionais em contextos semelhantes, através da valorização da memória oral, da promoção de atividades interativas entre gerações e do incentivo ao envelhecimento ativo. O desenvolvimento de espaços de partilha entre avós e netos pode ser uma resposta concreta aos desafios identificados, contribuindo para a preservação dos vínculos afetivos e da identidade cultural local.

Apesar de se tratar de uma investigação rica, é necessário referir algumas limitações. Por um lado, o número reduzido de participantes não permite tirar conclusões para um universo mais alargado. Por outro lado, uma vez que apenas se ouviu o ponto de vista das avós, ficou a faltar a visão dos netos, o que teria proporcionado uma compreensão mais completa da relação entre as gerações. No entanto, tal não foi possível devido à falta de tempo e às distâncias geográficas. É igualmente importante salientar que o facto de o estudo se centrar na realidade de Alpedrinha pode ter influenciado os resultados, que talvez não se apliquem a outras zonas. Por fim, a pandemia da COVID-19, que afetou a convivência entre famílias, pode ter limitado a observação direta de muitas destas relações.

Perante estas limitações, surgem algumas ideias para aprofundar a investigação no futuro. Uma delas seria tentar ouvir também a perspetiva dos netos, para perceber como eles veem a relação com os avós e como as memórias e tradições que partilham com eles impactam as suas vidas. Outro ponto importante é a tecnologia: em vez de afastar as gerações, será que ela pode aproximá-las? Por fim, seria interessante que futuras pesquisas se focassem em encontrar formas de apoiar o envelhecimento ativo e valorizar o papel dos avós dentro das famílias, criando oportunidades para estreitar esses laços intergeracionais.

A relação entre avós e netos vai muito além das mudanças que a sociedade vive, sendo fundamental para manter as famílias unidas e promover o bem-estar entre as gerações. Estes laços contribuem para a criação de um ambiente mais acolhedor e solidário. Em suma, este estudo não só mostra como estes vínculos são importantes, como também aponta maneiras de os fortalecer, reconhecendo o papel insubstituível dos avós na vida familiar e na sociedade.

Ao destacar-se a importância de continuar a investigar e criar iniciativas que mantenham vivos esses laços, espera-se que as gerações futuras possam aproveitar e aprender com os valores e tradições transmitidos. Cuidar da relação entre avós e netos é, acima de tudo, cuidar da memória, do afeto e da identidade das famílias e da comunidade.

## 9. Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. *Universidade Aberta*, 70. <http://hdl.handle.net/10400.2/2028>
- Alpedrinha - Terras de Portugal*. (2012). <http://terrasdeportugal.wikidot.com/alpedrinha-fundao>
- António, S. (2010). Avós e Netos: Relações Intergeracionais - A Matriliniaridade dos Afetos. (1ed.). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Batista, E., Matos, L. & Nascimento, A. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38. [https://www.researchgate.net/publication/331008193\\_A\\_ENTREVISTA\\_COMO\\_TECNICA\\_DE\\_INVESTIGACAO\\_NA\\_PESQUISA\\_QUALITATIVA](https://www.researchgate.net/publication/331008193_A_ENTREVISTA_COMO_TECNICA_DE_INVESTIGACAO_NA_PESQUISA_QUALITATIVA)
- Câmara Municipal do Fundão. (2015). *Programa estratégico de reabilitação urbana da vila de Alpedrinha*.
- Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. *Educar em Revista*, (24), 213–225. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602004000100016>
- Estatísticas Demográficas. (2022). Instituto Nacional de Estatística, IP. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=637357865&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=637357865&PUBLICACOESmodo=2)
- Fundação Portuguesa de Cardiologia. (2021). *Envelhecimento ativo*. <https://www.fpcardiologia.pt/envelhecimento-ativo-2/>
- Gabinete de Avaliação e Auditoria. (2014). *Guia de avaliação* (3ª ed.). GAA.
- Gondim, S. M. G. (2003). Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161. <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt>
- Hammerschmidt, K. (2009). Peculiaridades do Cuidado Gerontológico de Enfermagem: Revisão de Literatura. *REUOL*, 3(4), páginas 1079-1086. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/download/5605/4825/10329>

Hanemann, U., McCaffery, J., Jones, K. N., & Scarpino, C. (2017). *Aprendendo juntos entre gerações - Orientações para programas de alfabetização e de aprendizagem em família*. (1ª ed.). UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261332/PDF/261332por.pdf.multi>

Instituto Nacional de Estatística. (2022). Censos 2021- XVI Recenseamento Geral da População. VI Recenseamento Geral da Habitação. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=65586079&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=65586079&PUBLICACOESmodo=2)

Loriaux, M. (2008). Vieillesse, relations intergénérationnelles et récession. La crise financière aura-t-elle raison de la révolution des âges? Configurações, 4. <https://journals.openedition.org/configuracoes/pdf/272>

Martins, E. C. (2019–2020). *Método de recolha de dados em investigação: A entrevista qualitativa* [Material de apoio não publicado].

Moreira, L., Rabinovich, E., Ramos, N., (2017). Família Solidarietà e Relações Intergeracionais e de Gênero: Avós e netos na contemporaneidade. *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea*, 5(1), 227-247. [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7420/1/NRamos\\_Pais\\_2017.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7420/1/NRamos_Pais_2017.pdf)

Moreira, M. J. G. (2020). *Como envelhecem os portugueses - envelhecimento, saúde, idadeismo*. (1ª ed.). Fundação Francisco Manuel dos Santos. [https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/7409/1/2020\\_como-envelhecem-os-portugueses-envelhecimento-saude-idadeismo-pdf.pdf](https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/7409/1/2020_como-envelhecem-os-portugueses-envelhecimento-saude-idadeismo-pdf.pdf)

Mota, A. J. S. (1993). *Monografia d'Alpedrinha* (1ª ed.). Câmara Municipal do Fundão.

Município do Fundão. (s.d.). *Projeto “Aldeias Educadoras” preserva tradições no concelho do Fundão*. <https://www.cm-fundao.pt/index.php/home/noticias/657-projeto-aldeias-educadoras-preserva-tradicoes-no-concelho-do-fundao>

Oliveira, A. R. V., Gomes, L., Tavares, A. B., & Cárdenas, C. J. (2009). *Relação entre avós e seus netos no período da infância*. *Revista Kairós-Gerontologia*, 12(2). <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/4420/2992/10306>

Organização Mundial da Saúde. (2024). *Envelhecimento e saúde*. <https://www.who.int/fr/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>

Organização Mundial de Saúde. (2024). *Envelhecimento*. [https://www.who.int/es/health-topics/ageing#tab=tab\\_1](https://www.who.int/es/health-topics/ageing#tab=tab_1)

Peixoto, R., & Gonçalves, C. M. (2014). Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 12(2), 99-112. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/view/855/785>

Pereira, F. (2012). *Teoria e Prática da Gerontologia - Guia Para Cuidadores de Idosos* (1ª edição). PsicoSoma. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/10662/3/cap-11.pdf>

Pierdoná, N., Oliveira Vieira, Y., & Bezerra, A. J. C. (2018). Avosidade nos desenhos animados ocidentais: Estilos de avós com netos adolescentes. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 23(2), 1–15. [https://www.researchgate.net/publication/346707371\\_AVOSIDADE\\_NOS\\_DESENHOS\\_ANIMADOS\\_OCIDENTAIS\\_ESTILOS\\_DE\\_AVOS\\_COM\\_NETOS\\_ADOLESCENTES](https://www.researchgate.net/publication/346707371_AVOSIDADE_NOS_DESENHOS_ANIMADOS_OCIDENTAIS_ESTILOS_DE_AVOS_COM_NETOS_ADOLESCENTES)

Ramalho, P. A. & Ramalho, G. J. (2014). *Gerontologia Social Perspetivas de análise e intervenção*. Centro de Investigação em Inovação Social e Organizacional (CIS) do Instituto Superior Bissaya Barreto (ISBB). <https://www.ideg.pt/wp-content/uploads/GERONTOLOGIA-SOCIAL.pdf#page=41>

Ramos, N. (2005). Relações e solidariedades intergeracionais na família – Dos avós aos netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39(1), páginas 195-216. [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7419/1/NRamos\\_2005\\_Avos.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7419/1/NRamos_2005_Avos.pdf)

Ramos, N., Marujo, M2020., & Baptista, A. (2012). *A Voz dos Avós: Migração, Memória e Património Cultural*. (2ª ed.). Gráfica de Coimbra. <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5816/1/Avos%20Natalia%20Ramos.pdf>

Reis, R. (2005). Solidariedade Intergeracional. Fundação Calouste Gulbenkian. <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9982/1/Familia%2C%20Cultura%2C%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Intergeracionais.pdf>

Ribeiro, M., Reis, T., Marques, S., Mendonça, J., Rodrigues, R. B., & Gerardo, F. (2020). A casa dos avós: O papel do contacto com os avós nas perceções idadistas de crianças do ensino básico. *Psicologia*, 34(2), 15–26. <https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i2.1379>

Richardson, R. J. (2012). *Pesquisa social: Métodos e técnicas* (3ª ed.). Atlas.

Rosa, M., & Vieira, C. (2003). A População Portuguesa no Século XX. *Análise Social*, 40 (175), 422-425. <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/34273>

Sá, R., Silva, A., Alves, K., Sá, C., Cruz, M. & Moreira, M. (2020). A relação intergeracional entre o avós e netos: Revisão Integrativa. *Revista Fun Care Online*, 1322-1328. [https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/download/10482/pdf\\_1/51524](https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/download/10482/pdf_1/51524)

Sampaio, D. (2008). A razão dos avós. (3 ed.). *Caminho*

Silva, A. M. (2012). A Colaboração dos avós na educação dos netos. *Interfaces Científicas*, 1(1), 67-75. <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/176/87>

Silva, E. M. V., Silva, D. M., Coutinho, E. C., & André, S. M. F. (2009). Desenvolvimento da ciência: aspetos éticos [Comunicação oral]. XVIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Brasília.

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175–190. <https://www.researchgate.net/publication/265215548> Focus group Considerações teóricas e metodológicas

Sousa, L. (2005). Avós e Netos: Uma Relação Afetiva, uma Relação de Afetos. *Povos e Culturas*, (10), páginas 39-50. <https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8806/8677>

## **Apêndices**

## Apêndice A – Consentimento informado esclarecido e livre

### Consentimento informado esclarecido e livre para investigação científica

O presente instrumento enquadra-se no Trabalho Projeto final do Mestrado em Gerontologia Social – Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, orientado cientificamente pelas Professoras Maria João Guardado Moreira e Marisa Candeias. Trata-se de um estudo académico exploratório a realizar sobretudo por meio de aplicação de um *Focus Group* e de uma Escala.

Os *Focus Group* serão realizados na Freguesia de Alpedrinha, numa amostra de 10 idosos, divididos em dois grupos de 5 pessoas cada um, que ainda vivem em residência própria. O principal objetivo deste estudo será perceber as relações entre avós e netos. Especificamente tenciona-se: Compreender a importância que os avós têm para os seus netos, analisar o tipo de relação e a proximidade que os avós têm com os seus netos e que tinham com os seus avós e, por fim, estabelecer um diálogo de forma que se possam partilhar vivências e atividades que realizam em conjunto. Os *Focus Group* têm uma duração prevista de 1 hora.

A Escala de Significados da Grã-Parentalidade (ESGP) é um instrumento composto por duas partes, capazes de aceder às representações que avós (ESGP-A) têm da relação que mantêm entre si. Uma vez que, a família tem passado por grandes mudanças, que têm levado a um papel mais ativo por parte dos avós, isto tem levado também à existência de cada vez mais investigação da relação que avós e netos estabelecem entre si. Assim, torna-se importante o desenvolvimento de instrumentos com esse propósito, como é o caso desta escala.

A sua colaboração é de extrema importância para a prossecução e conclusão do trabalho. A sua participação é voluntária e anónima.

Solicita-se a gravação da sessão sendo que todas as informações serão confidenciais e apenas se destinam a ser utilizadas neste estudo. As gravações serão destruídas depois do trabalho projeto estar terminado e avaliado

**Obrigada pela sua colaboração.**

#### **Termo de consentimento e livre aceitação:**

Declaro ter recebido as explicações sobre os objetivos e finalidade do Projeto nomeadamente as condições de aplicação dos instrumentos, garantias éticas de anonimato, de confidencialidade e sigilo das informações dadas. Perante estes esclarecimentos, concordo participar voluntariamente no *Focus Group*.

Tomei conhecimento.....

---

Data de entrega: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/202\_\_

## Apêndice B – Guião *Focus Group*

### Guião Sessão com Idosos

**Local:**

**Data:**

**Hora de início:**

**Número de participantes:** 10 adultos mais velhos

### Guião *Focus Group*

#### 1- Apresentação:

- Apresentar-me, agradecer a presença e resumir o que vai acontecer a seguir.
- Pedir aos participantes que respondam com sinceridade e sem se preocuparem em dar respostas certas, não estão a ser avaliados. Devem dizer o que pensam.
- Garantir que todos os participantes são idosos que sejam avós e tenham igualmente conhecido os seus avós e reforçar questões de confidencialidade (os participantes não vão ser identificados).
- Entregar o consentimento informado aos participantes, onde se explica os objetivos do estudo, garantia de confidencialidade e pedido de autorização para gravação áudio.
- Pedir que não se mantenham conversas paralelas e privadas.
- Tempo estimado da discussão: cerca de 1 hora.

#### 2- Sensibilização do tema:

- Explicar sucintamente o conteúdo do tema do *Focus Group*.
- Fazer um apanhado geral dos objetivos desta investigação.

#### Questões da Investigação:

O estudo centra-se nas relações entre avós e netos. Neste sentido, surgem as seguintes questões, que pretendem dar resposta aos objetivos deste estudo:

- Quais as perceções dos atuais avós relativamente à importância das relações que mantiveram com os seus avós enquanto netos;
- Quais as perceções dos avós relativamente à importância das relações que mantém com os seus netos.

### Amostra:

A amostra utilizada será aleatória e por conveniência, composta por 10 idosos que sejam avós e que tenham igualmente conhecido os seus avós, moradores na Vila de Alpedrinha e encontrando-se ainda a residir nas suas casas.

Desta forma, definiram-se os seguintes critérios de inclusão:

- Ter 65 ou mais anos;
- Serem moradores na Vila de Alpedrinha;
- Serem avós e terem igualmente conhecido os seus avós;
- Aceitar participar no estudo.

### **3- Aplicação da Escala da Grã-Parentalidade (Após a realização do *Focus Group*).**

- Explicar em que consiste e o porquê da necessidade de realizarmos a mesma.
- Entregar a escala aos participantes e pedir que os preencham.
- Esclarecer dúvidas, se necessário, ao longo do processo de preenchimento.

### **4- *Focus Group*:**

- Serão colocadas questões de forma a gerar uma “debate/entrevista” entre os idosos presentes.

#### **4.1. Questões a serem abordadas no *Focus Group*:**

1. Qual a frequência de contato com os vossos netos (diária, semanal, mensal...)?
2. Se não, como gerem a distância geográfica? Como mantêm o contacto mesmo quando não podem estar fisicamente presentes?
3. Como descreveriam a relação que têm com os vosso(s) neto(s)?
4. Quais as atividades que praticam com o(s) vosso(s) neto(s)?
5. Como descreveriam a relação que tinham com os vossos avós? Existem memórias específicas que se destacam na vossa mente?
6. Que atividades praticavam com os vossos avós?
7. De que forma as relações que mantinham com os vossos avós, têm influência na forma como interagem com os vossos netos nos dias de hoje?
8. Que diferenças mais notam relativamente à relação que mantinham com os vossos avós e que agora têm com os vosso(s) neto(s)?

### **5- Agradecimentos:**

- Serão feitos os agradecimentos a todos os presentes pela amabilidade de participarem neste *Focus Group*, assim como pelo tempo que despenderam com o mesmo.

-Será pedido aos presentes que preencham uma pequena ficha sobre os seus dados sociodemográficos.

<b>Dados pessoais dos participantes do <i>Focus Group</i></b>				
	<b>Idade</b>	<b>Número de Netos</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado Civil</b>
I.1				
I.2				
I.3				
I.4				
I.5				
I.6				
I.7				
I.8				
I.9				
I.10				

## Apêndice C - Transcrição do Focus Group

<b>Frequência de Contacto</b>	<b>Diária</b>	<p>“Os meus netos estão a ser criados por mim, então o contacto é diário.” – <b>E2</b></p> <p>“(…) Os outros dois estão comigo, não há muito tempo, antes vivia perto, agora vivem mesmo comigo.” – <b>E5</b></p>	<p>A frequência de contato entre avós e netos varia significativamente, refletindo diferentes dinâmicas familiares e circunstâncias geográficas. Alguns avós, como a E2 e E5, têm um contato diário com os netos, principalmente porque foram estas que os criaram ou moram juntos. Outros avós, como a E1, descrevem um contato mais limitado, apenas uma vez por mês, enquanto a E3 e E7 mencionam interações semanais, geralmente nos fins de semana.</p> <p>Para alguns avós, o contato é esporádico, devido à distância geográfica, como no caso da E4, que só vê os netos quando a levam a Lisboa, e a E6, que menciona visitas mais frequentes durante as férias escolares. Avós, como a E8 e E9 também enfrentam desafios semelhantes, com os netos que moram noutras cidades ou países, o que limita o contato ao período de férias. Por outro lado, a E10 relata visitas quinzenais, destacando uma regularidade mais consistente nas interações.</p> <p>Estas variações mostram que fatores como proximidade geográfica, responsabilidades cotidianas, e a fase de vida dos netos</p>
	<b>Mensal</b>	<p>“Vejo os meus netos às vezes, só uma vez por mês.” - <b>E1</b></p>	
	<b>Semanal</b>	<p>“Os meus netos, como estão cada um para seu lado, a estudar, só os vejo nos fins de semana. Vou lá a vê-los, todos os fins de semana.” -<b>E3</b></p> <p>“O meu neto quando vem a casa, vem todos os domingos almoçar comigo(…)” – <b>E7</b></p>	
	<b>Esporádica</b>	<p>“Só vou a vê-los quando me levam a Lisboa.” – <b>E4</b></p> <p>“Tenho três netos: uma está longe, está na universidade, por isso só a vejo quando está de férias (...)” -<b>E5</b></p> <p>“Não posso vê-los todos os dias, porque estão longe, tenho dois que estão em França e dois que estão em Lisboa, estes vejo-os com mais frequência, quando precisam eu desloco-me e pelas férias chegam a estar as férias todas comigo.” -<b>E6</b></p> <p>“Os meus dois rapazinhos (...) estão na universidade e estão longe, as raparigas também, uma está em Braga,</p>	

			<p>outra está em Lisboa, mas nas férias gostam muito de vir ter comigo e estão lá um tempinho.” - <b>E8</b></p> <p>“Eu não tenho muito a dizer, que um está em Inglaterra e o outro está em Lisboa, quando há férias vêm (...).” - <b>E9</b></p>	<p>influenciam a frequência e a qualidade do contato entre avós e netos.</p>
		<b>Quinzenal</b>	<p>“(...) Eles vêm cá de 8 em 8 dias e vão me sempre visitar, (...)” – <b>E10</b></p>	
<b>Método de Contacto</b>	<b>À distância</b>	<b>Telefone</b>	<p>“Telefonamo-nos de vez em quando.” – <b>E1</b></p> <p>“Eu às vezes telefono durante a semana, outras vezes não.” -<b>E3</b></p> <p>“O meu neto telefona-me todas as quartas-feiras (...), já a minha neta é mais preguiçosa, já é só lá quando se lembra, de 15 em 15 dias.” – <b>E4</b></p> <p>“Vão lá eles a verem-me e quando eles se descuidam de ir me lá a ver, telefono-lhes e eles também me telefonam.” – <b>E10</b></p> <p>“Falo com o meu neto, quando não falo com ele, pergunto à minha filha se já falou com ele e pergunto como ele está, (...)” – <b>E7</b></p>	<p>Os métodos de contato entre avós e netos variam entre interações à distância, por telefone ou internet, e encontros presenciais. Para aqueles que mantêm o contato à distância, o telefone é o meio mais comum, como descrevem as E1, E3, E4, E7, E9 e E10. As chamadas são feitas de forma regular ou conforme a necessidade, sendo um canal importante para manter a comunicação, especialmente quando as visitas presenciais não são possíveis.</p> <p>Alguns avós, como a E6, E5 e E8, utilizam a internet para comunicar com os netos, usando ferramentas como videochamadas, WhatsApp, e mensagens, o que facilita o contato visual e mantém a proximidade, mesmo à distância.</p>

			<p>“Eu também, através do telemóvel vou falando com um e com o outro.” – <b>E9</b></p>	<p>Já outros avós, como a E2 e E5, têm a sorte de verem os seus netos diariamente, graças à convivência ou à proximidade geográfica, o que lhes permite manter um vínculo estreito e constante.</p> <p>Estas diferentes formas de contato refletem as adaptações que os avós fazem para manter o relacionamento com seus netos, utilizando tanto métodos tradicionais, como tecnologias modernas, de acordo com as circunstâncias.</p>
		<b>Internet</b>	<p>“Quando não consigo estar com os meus netos, falo com eles pela internet.” – <b>E6</b></p> <p>“(…) inclusive a neta mais velha que faz sempre vídeo.” – <b>E5</b></p> <p>“Eu também, por telemóvel, por mensagens, WhatsApp, videochamadas.” – <b>E8</b></p>	
<b>Presencial</b>	<p>“Estou sempre com eles todos os dias.” – <b>E2</b></p> <p>“Eu vejo-os todos os dias...” - <b>E5</b></p>			
<b>Descrição da relação com os netos</b>	<b>Relação mais próxima</b>	<p>“É boa, a relação é boa, vá. Eles foram criados no Fundão, vinham ao Domingo almoçar, então era diferente.” - <b>E1</b></p> <p>“Sim, tenho uma muito boa relação. Eles passam muito tempo comigo a quase que vivem comigo, é só atravessar a rua (...)” - <b>E2</b></p> <p>“Eu tenho uma relação muito íntima com os meus netos, porque sempre estiveram comigo (...)” - <b>E3</b></p> <p>“Agora, posso falar da minha neta que faleceu, tinha 24 anos já com um curso tirado, essa é que até dormia</p>	<p>As descrições das relações entre avós e netos mostram diferentes graus de proximidade, sendo que a maioria dos avós relata uma ligação forte e íntima. Muitos avós, como E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8 e E10, mostram ter uma relação muito boa com seus netos, muitas vezes marcada pelo convívio frequente, atividades compartilhadas e laços emocionais profundos. Esta proximidade é especialmente evidente entre aquelas que residem perto dos netos ou que os viram crescer, o que fortaleceu os vínculos ao longo do tempo.</p>	

		<p>comigo quando era pequena, e depois quando estava na universidade vinha ter sempre comigo aos fins de semanas (...)-E4</p> <p>“Eu com os meus netos tenho uma boa relação, embora que com a mais velha tenho de dizer que é mais pica(...), os outros, o rapaz é excecional, o meu neto com 20 anos. A pequenita já é, é o que eu digo as raparigas da minha vida são sempre mais risonas, são diferentes não é, mas é boa a relação (...)-E5</p> <p>“Não sei explicar muito bem, temos uma boa relação, damo-nos bem, com os franceses vimo-nos menos, mas temos uma boa relação, (...). Com os que estão cá, nem há explicação a dar, (...).” -E6</p> <p>“Eu com o meu neto, brinquei mais com ele, fiz de cavalo, fiz de gato, fiz de cão, tudo com o meu neto, aquilo que nunca fiz com a minha filha, quando ele era pequenino eu morava por baixo, e eu por cima então estava com ele todos os dias (...).” -E7</p> <p>“Eu com os meus também, lindamente, la esta os rapazes foram os que estiveram mais comigo, mais brincadeiras, mais bonecada. As meninas nem tanto, mas também me dou muito bem com elas, ainda hoje</p>	<p>No entanto, existem casos em que as relações são mais distantes, como mencionado pelas E4 e E9, onde a distância geográfica ou mesmo diferenças culturais, como é o caso do neto que vive na Inglaterra, resultam num contato menos frequente e numa conexão menos próxima. Mesmo nesses casos, o afeto permanece, mas a intensidade do relacionamento é afetada pelas circunstâncias de vida.</p> <p>Estas diferentes dinâmicas mostram que, enquanto a maioria dos avós mantém uma relação próxima e afetuosa com os seus netos, fatores como a distância e as diferenças culturais podem influenciar o grau de proximidade.</p>
--	--	---	---

		<p>telefonam a dizer que têm muitas saudades minhas.” -E8</p> <p>“A que esta cá mais perto, que esta em Oeiras dou me muito bem com ela...” -E9</p> <p>“Uma relação boa, tenho-os cá, (...), é diferente, dos filhos aos netos, parece que a gente quer mais ainda do que quer aos filhos.” -E10</p>	
	<b>Relação mais distante</b>	<p>“Eu estes, é só lá quando vem de férias (...)” -E4</p> <p>“(...) o outro é mais desprendido, inglês é diferente a relação.” -E9</p>	
<b>Atividades Realizadas com os netos</b>	<b>Atividades na Quinta</b>	<p>“Os meus netos já são crescidos, já não fazem nenhuma atividade comigo. Mas quando eram mais pequenos, vinham comigo para a quinta regar ou andavam por lá a brincar.” -E1</p>	<p>As atividades realizadas entre avós e netos mostram uma grande diversidade, refletindo tanto o envolvimento nas tarefas do dia a dia quanto o entretenimento e a educação. Muitos avós dizem ter participado em atividades na quinta quando os netos eram mais novos, como regar ou brincar ao ar livre. Outros destacam a realização de atividades variadas, como passeios, ginástica, jogos de mesa, pinturas, e até a caça de Pokémon. Além disso, há quem se tenha dedicado a atividades educativas, ensinando e orientando os netos, especialmente em jogos que estimulavam a aprendizagem de cores, números, e</p>
	<b>Atividades Diversas (Passeios, ginástica, pinturas, compras, contar histórias)</b>	<p>“Eu faço as atividades todas com eles, quando vão a andar de bicicleta para o Picadeiro, eu levo sempre uma renda ou uma coisita qualquer. Fazemos ginástica os quatro e passeios juntos.” -E2</p> <p>“Quando a minha neta estava viva, íamos ao Fundão comprar bonecos para pintar. Ela adorava mostrar o que pintava e gostava de ouvir histórias e conversar comigo quando dormia.” -E4</p>	

		<p>“Fazia tudo o que o meu neto pedia, brincava com ele, e fazia atividades que não pude fazer com a minha filha devido à falta de tempo.” -E7</p> <p>“Eu sei lá, brincava com eles também, e chamavam-me “vem para aqui avó a brincar comigo” e eu ia a brincar com eles, coisa que eu nunca fiz com os filhos.” -E10</p>	<p>habilidades motoras. Estas interações, que variam de atividades ao ar livre a jogos de tabuleiro e atividades educativas, refletem a profundidade e o carinho com que os avós se envolvem na vida dos netos.</p>
<p><b>Ensino e atividades educativas</b></p>	<p>“Como fui educadora de infância, ensinava aos rapazes em casa o que ensinava na creche. Com a neta mais pequena, fazia atividades educativas como pintar e dobragem, e contava histórias.” -E3</p>		
<p><b>Jogos de sociedade/Atividades ao ar livre</b></p>	<p>“Antigamente jogava com a neta e ensinava as cores e números. Agora, com os computadores e telemóveis, são eles que me ensinam. Comparado com a infância dela, a minha era mais voltada para brincar.” -E5</p> <p>“Joguei ao dominó, cartas e outros jogos de sociedade. Com um grande jardim, os netos jogavam à bola, e eu os orientava para não se aleijarem.” -E6</p> <p>“Jogava jogos de mesa, jogos dos bonecos da televisão, fazia caminhadas, e até andei à caça de Pokémon. Adquiri a Meo para eles terem acesso ao canal das brincadeiras.” -E8</p> <p>“Fazia jogos de tabuleiro, como o “quem é quem”, especialmente quando estava em Oeiras. Estes jogos eram</p>		

		sempre muito escolhidos para se jogar.” -E9	
<b>Relação com os Avós / Memórias Específicas</b>	<b>Relação de proximidade</b>	<p>“Os meus avós paternos, sim conheci, tinha uma boa relação. (...), às vezes dormia lá em casa deles. Lembro-me de ir com eles às vindimas e essas coisas assim do campo.” -E1</p> <p>“Agora a avó materna e a paterna conheci. A mãe da minha mãe escolhia trapo então os bocadinhos das lãs punha-os de parte e eu ia com ela fazer renda. A minha avó paterna era uma velhinha muito cómica, ela usava umas saias muito rodadas e nós não tínhamos água em casa íamos buscar água para enchermos o pote, (...). Lembro-me ainda que todos os dias que vinha da escola tinha as maçãs assadas no borralho da braseira, (...). Tomei ainda conta das duas avós porque a irmã da minha mãe, minha madrinha, era muito doente (...). E a avó paterna, partiu uma perna e era eu que tomava conta dela.” -E2</p> <p>“(…) e os maternos conheci a minha avó e o meu avô. Os meus avós eram muito trabalhadores, pequeninos os dois, muito jeitozinhos, moravam numa casinha muito pequenininha em Vale de Prazeres e eu ia lá todos os dias a vê-los lá a casa. -E3</p> <p>“Da parte da minha mãe, o meu avô deixou a minha avó e foi para o Brasil e ela então estava sempre sozinha.</p>	<p>As descrições das relações com os avós mostram uma diversidade de experiências, variando desde laços muito próximos até vínculos mais afastados ou até mesmo ausentes.</p> <p>Muitas entrevistadas compartilham lembranças carinhosas e nostálgicas com os avós, destacando a proximidade, os mimos, as atividades conjuntas e as tradições familiares. Estas relações são frequentemente descritas com afeto, mencionando visitas frequentes, brincadeiras e o cuidado recebido.</p> <p>Por outro lado, algumas relatam relações mais distantes ou até negativas, com lembranças de avós que eram severos ou distantes emocionalmente. Há também menções a avós que não conheceram, seja por falecimento precoce ou pela ausência nas suas vidas.</p> <p>Estas experiências variadas refletem como as relações entre avós e netos podem ser influenciadas por uma série de fatores, incluindo proximidade geográfica,</p>

		<p>Lembro-me de ela usar aquelas saias rodadas como já disseram também aqui, ela tinha uma fazenda onde tinha de tudo, (...) A minha avó vivia sozinha, mas fazia sempre essas atividades ao jeito dela e mandava sempre uma lembrança aos netinhos.” -E4</p> <p>“(…) A minha avó depois ficou, era uma mulher assim muito prendada de coisas boas, lembro-me que dentro de uma arca grande guardava o queijo fresco, as castanhas piladas, os figos, (...). Mas eu lembro-me que ela ia muito para a nossa casa, lembro-me que ela já ia para termas naquela altura era muito para a frente e eu acho que sai a ela. A minha avó era uma carinhosa, uma e outra, uma era reguila, esta muito boazinha (...) Mas tenho muitas lembranças daquela minha avó, escondia as coisas não podia dar, como se dá agora aos nossos netos, os avós daquele tempo não têm nada a ver com os avós de agora, todos nós somos septuagenárias e agora não aceitávamos o que se aceitava na altura. Eu gostava muito de dormir com a minha avó, não era como agora que ficam em casa dos filhos, mas ela ia lá às termas então ia nos visitar e então eu gostava de dormir com ela. A avó da parte do meu pai fazia sapatos, então ia comprar solas de borracha e fazia chinelos assim à mão de trapo, com paninhos e coisas que existiam e eu gostava tanto (...). Lembro-me de histórias que ela contava na altura, (...). Os meus netos não, de mim o que é que</p>	<p>personalidade, e circunstâncias familiares.</p>
--	--	--	--

		<p>têm? É esses joguinhos que já era tudo para a frentex e os computadores.” -E5</p> <p>“... da parte da minha mãe, tinha um avô, que era excepcional, era bondade das bondades.” -E6</p> <p>“Eu tenho muito boas recordações dos meus avós paternos. Eles moravam na catraia, e eu ia lá passar férias com uma prima, e a minha avó, os miminhos os avós. As guloseimas, as netas estavam sempre em primeiro lugar e eu gostava muito de ir para lá, uma casa sem luz, sem água, com poucas condições, mas estava-se lá deliciosamente, tenho muitas saudades mesmo desse tempo.” -E8</p> <p>“Fui criada pelos meus avós maternos, mas não tenho grande coisa a dizer, fui muito mimada, até demais. Os meus avós paternos já os conheci muito depois, já tinha eu os meus 6 anos, (...).” -E9</p> <p>“Eu só conheci a mãe da minha mãe, fui a primeira neta então era muito mimada por ela, os meus serões, eu não ia para a cama sem beber um suminho, ou então sentada e com a cabeça deitada no colo da minha avó, ou então ela pegava-me ao colo, mas também passei uma tristeza que eu andava a pedir de porta em porta com ela esmolos, azeite frito, o que havia mas tenho muitas boas recordações da minha avó, era a única</p>	
--	--	---	--

		<p>neta que havia ainda, então fui muito bem tratada por ela.” -E10</p>	
	<p><b>Relação mais distante</b></p>	<p>“Para dizer dos meus avós maternos, o meu avô era um traste, como é possível em duas famílias serem coisas tão diferentes, um mau batia na minha avó, batia nas filhas, batia em todo o lado, (...)” -E5</p> <p>“(...) e a avó que não era, verdadeiramente avó, porque era madrastra da minha mãe, mas sempre a conheci como avó, não vou entrar em pormenores dava-me mais ou menos com ela.” -E6</p> <p>“Eu só vou dizer mal da minha avó, porque foi a única que conheci, a minha avó era tão má, (...). Uma vez, levei uma sova muito grande do meu pai, porque ela lhe disse que eu lhe tinha dado uma sova no rabo, e é mentira, que eu nunca fiz isso.” -E7</p>	
	<p><b>Sem qualquer tipo de relação</b></p>	<p>“Os meus avós maternos, a minha avó não conheci e o meu avô, pouco tenho assim uma vaga ideia.” -E1</p> <p>“Os meus avós paternos e maternos não os conheci.” -E2</p>	

		<p>“Da minha parte, os avós paternos, não conheci.” -E3</p> <p>“Eu da parte do meu pai, o meu avô já não conheci, sei que era muito bom homem e gostava de usar calcinha branca e trabalhava nas Minas da Panasqueira.” -E5</p> <p>“Da parte do meu pai, não tive avós, ele aos 6 anos ficou sem pai e sem mãe (...)” -E6</p> <p>“(…) maternos não conheci a minha avó” -E8</p>	
<p><b>Atividades praticadas com os avós</b></p>	<p><b>Atividades de Trabalho, domésticas</b></p>	<p>“Lembro-me de ir à vindima com eles, na matação<sup>7</sup> quando matavam o porco, lembro-me de uma sopa que a minha avó fazia de grão com agriões, uma maravilha parece-me que ainda me lembro dessa sopa.” -E1</p> <p>“Eu com os meus avós tinha muito onde ir, talvez também por estar aqui perto, vim de Lisboa com dois anitos, tive ano e meio na Covilhã e depois viemos morar para aqui tinha eu quatro anos. A minha avó gostava muito de ir à fonte comigo para dizer que eu era a neta dela, para ela era muito importante. Uma coisa que os meus avós tinham de muito bom, é que não havia segundo prato, havia sempre uma sopa caldada,</p>	<p>As lembranças das atividades realizadas com os avós variam bastante, desde o envolvimento em tarefas domésticas e de trabalho, como ir à vindima ou ajudar na fazenda, até momentos de lazer e brincadeiras, como jogar à bola ou passear com os avós. Alguns relataram não ter participado em atividades específicas com os avós, enquanto outros lembram de experiências menos afetivas, com avós que não demonstravam carinho.</p>

<sup>7</sup> Matação – o mesmo que matança do porco.

		<p>a sopa que a minha avó fazia chamava-se as berças<sup>8</sup> (...). Lembro-me também de ir à fonte e à missa com a minha avó.” -E5</p> <p>“As brincadeiras com a minha avó, era ela deixar-me lavar a louça que eu gostava, isso para mim era uma brincadeira, ir à mina à água, mexer na terra.” -E8</p> <p>“Ia com a minha avó para a fazenda, ela tinha um cepo de castanhas, ela até tinha um caniço<sup>9</sup> para secar as castanhas, ia apanhar as castanhas com ela, comia muita castanha pilada<sup>10</sup>, mas ela tratava-me muito bem.” -E10</p>	<p>Desta forma, estas memórias refletem uma gama de experiências, desde momentos de proximidade até relações mais distantes e frias.</p>
	<p><b>Atividades de lazer, brincadeiras</b></p>	<p>“A minha avó materna íamos muitas vezes ao barco, ter com os compadres dela, uma vez fomos lá e estava tudo a jogar à bola, à pele, antigamente jogava-se muito à pele (...). Já com a minha avó paterna jogávamos muito ao anel<sup>11</sup> e ao cântaro<sup>12</sup>.” -E2</p>	

<sup>8</sup> Berças -espécie de sopa, coze-se a batata, cenoura, depois é tudo temperado e com a água que fica faz-se o segundo prato.

<sup>9</sup> Caniço- Tratava-se de um travejamento de madeira, usualmente de castanho, ripado com cana vieira, o qual era colocado sobre a lareira, com o fim de secar frutos secos, nomeadamente castanhas e nozes.

<sup>10</sup> Castanha pilada - obtida através da sua secagem sobre o fumo das lareiras ou fumeiros.

<sup>11</sup> Jogo do anel – coloca-se um anel escondido nas palmas da mão, o objetivo é que se passe para as mãos de outras pessoas que estão também com as mãos juntas. O jogador do meio deixa cair o anel nas mãos de uma das pessoas e depois tenta-se adivinhar onde está o anel.

<sup>12</sup> Jogo do cântaro - consiste em transportar na cabeça um cântaro de barro cheio de água, durante um determinado percurso, sem o auxílio das mãos. Ganha o jogo quem o conseguir finalizar em menos tempo.

	<p><b>Nenhuma atividade específica</b></p>	<p>“Eu não tenho nada assim dos meus avós, porque é assim quando nós viemos para cá os meus avós estavam em Lisboa e nós também, mas eu era pequenita então não me lembro deles. Depois quando viemos para cá para Alpedrinha eles ainda ficaram em Lisboa e quando eles vieram também cá para Alpedrinha já eu era crescidinha já não dava para brincar, e depois eu fui criada pela minha madrinha, nunca fui criada com a minha mãe e depois eu era a menina querida porque a minha madrinha nunca teve filhos e então eu nunca ia para lado nenhum porque a mim podia-me apanhar o sol era assim uma menina que não podia andar nas fazendas.” -E3</p> <p>“Não há assim grandes atividades que eu fazia, só quando cá vínhamos íamos nós à água porque a minha avó não podia, também costumava dormir às vezes com ela.” -E4</p> <p>“Ia a passear na burra que o meu avô tinha, levava-me a passear sentada na frente dele, ele também tinha tantos netos que não tinha disponibilidade para todos. Mas lembro-me muito bem do meu avô, não tenho palavras para explicar, a minha mãe era muito parecida com ele nas bondades.” -E5</p> <p>“Eu andava sempre pela mão do meu avô e era muito carinhoso comigo,</p>	
--	--	--	--

		<p>era mais que a minha madrinha (avó), a minha madrinha era mais fria." -E9</p>	
	<p><b>Recordações negativas</b></p>	<p>"Não posso dizer nada da minha avó, eu não me lembro que ela me desse um beijo, um carinho." -E7</p>	
<p><b>Influência das Relações com os Avós na Interação com os Netos</b></p>	<p><b>Sem influência, mudança na forma de comunicação</b></p>	<p>"Não acho que tenha influência, porque naquele tempo também não se conversava com os avós." -E1</p> <p>"Antigamente não havia abertura para se falar desses assuntos, por isso acho que não tem influência." -E4</p> <p>"Eu também concordo, penso que não tenha influência." -E5</p> <p>"Não teve influência absolutamente nenhuma, eu faço aquilo que entendo que devo fazer com todo o amor e carinho, se os pudesse ter sempre comigo eu teria." -E6</p> <p>"Antigamente era outra forma de se falar, por exemplo, lembro-me de ter o período e não era uma coisa que se dizia, agora a minha neta tem o período vem logo contar-me." -E2</p> <p>"Sim, relativamente ao assunto do período a minha neta foi logo contar ao pai e à mãe, no nosso tempo isso não acontecia." -E3</p>	<p>As influências das relações com os avós na interação atual com os seus netos variam entre as entrevistadas. Algumas afirmam que não houve influência significativa, destacando que, no passado, a comunicação com os avós era limitada e diferente, pois não existia a abertura que existe hoje. Outras mencionam que o tratamento recebido pelos seus avós veio impactar diretamente a forma como tratam os seus próprios netos, seguindo um exemplo de carinho e dedicação como o que receberam.</p> <p>Assim, algumas notam que a forma de interação mudou significativamente, refletindo diferenças entre as gerações passadas e presentes.</p>

	<p><b>Influência pelo tratamento recebido</b></p>	<p>“A diferença que eu tive com os meus netos, foi o ensino que os meus pais me deram, os meus pais sempre deram um exemplo exemplar de avós, e assim, eu também fui para o meu neto, davam aquilo que tinham e não tinham, em primeiro lugar era os netos e os netos e os netos, e eu fui isso que fiz também, segui o exemplo dos meus pais.” -E7</p> <p>“Quando somos bem tratados enquanto crianças, isso depois reflete-se mais tarde quando somos adultos, nós fazemos tudo pelos netos e só não fazemos mais, quando não podemos. Os netos são pessoas que nos enchem a alma.” -E8</p> <p>“Influencia pela forma como fui tratada, agora também a trato bem, faço tudo o que posso.” -E9</p>	
	<p><b>Diferenças entre passado e presente</b></p>	<p>“Agora é diferente, não é como antigamente, aquilo que eu passei, lá que a minha avó me tratasse bem, mas também passei muito.” -E10</p>	
<p><b>Diferenças nas Relações com os Avós e os Netos</b></p>	<p><b>Mudança na formalidade e abertura</b></p>	<p>“A diferença é muito grande, naquela altura as avós não puxavam muito os assuntos, com os netos. A maior diferença mesmo é atualmente haver muito mais abertura do que havia antigamente, não existia como atualmente o tu cá, tu lá.” -E1</p> <p>“Antigamente a gente era mais envergonhada, agora já os nossos netos</p>	<p>As relações entre avós e netos mudaram significativamente ao longo do tempo, os avós atuais destacam existir uma maior abertura, informalidade e amizade em comparação com o passado.</p> <p>Antigamente, a comunicação com os avós era mais formal e</p>

		<p>são os próprios a perguntar isto e aquilo, como por exemplo, eu nunca vi os meus pais nus, os meus netos já tomam banho com os pais, mesmo os meus filhos nunca tomaram banho comigo.” - <b>E2</b></p> <p>“Eu acho que antigamente havia um respeito muito grande em que a gente não se sentia à vontade de nós próprios chegarmos ao pé dos nossos pais ou dos nossos avós a dizer qualquer coisa, porque havia aquele respeito muito grande, enquanto hoje em dia, não é que eles não tenham respeito para connosco, têm o mesmo respeito, só que nós vemos as coisas de outra maneira, já somos uns avós mais modernos, acho que hoje em dia eles sentem-se mais à vontade com os avós do que antigamente nós nos sentíamos com os nossos avós. Atualmente, os avós até deixam o trabalho que têm em casa para atender os netos e para dar atenção aos netos, muitas das vezes. Por isso, eu hoje acho que a abertura está muito desenvolvida hoje em todos os aspetos, não tem nada a ver.” -<b>E3</b></p> <p>“Eu também não tenho muita coisa a dizer, porque realmente os meus netos vêm cá pouco e quando vêm eu deixo tudo para os atender a eles, nós falamos muito, mas são muito reservados. Também é diferente quando eles estão connosco ou mais longe. A maior diferença mesmo é que antigamente</p>	<p>reservada, com menos liberdade para expressar sentimentos ou conversar abertamente. Hoje, essa barreira diminuiu, permitindo uma relação mais próxima e direta, onde os netos se sentem mais à vontade para interagir com os avós.</p> <p>Além disso, as condições de vida melhoraram, proporcionando aos avós a possibilidade de oferecerem mais recursos e conforto aos netos do que o que tinham no passado. No entanto, as diferenças tecnológicas também vieram influenciar as interações, com os avós notando que os netos, apesar de ainda demonstrarem carinho, estão mais distraídos com dispositivos como telefones e computadores.</p> <p>Apesar destas mudanças, o amor e o carinho permanecem constantes, e muitos avós sentem que a relação se transformou em uma amizade forte e de cumplicidade, algo que nem sempre era possível nas gerações anteriores.</p>
--	--	---	---

		<p>eram mais reservados, a gente não podia dizer nada aos nossos avós e agora é diferente, se calhar até já é demais.” -E4</p> <p>“A única coisa que eu noto, é que eu acho que as mães eram muito reservadas. Eu nunca tratei a minha mãe por tu, agora tratam as mães e tratam os netos, que eu acho bem, se a gente tem uma amiga e a gente pergunta se podemos tratar por tu porque é que não havemos de ter isto com a família? Eu aceitei muito bem isso. Eu acho que para mim, isto não era respeito, era medo.” -E5</p>	
	<b>Melhores condições e possibilidades</b>	<p>“É uma diferença em todos os aspetos, temos mais possibilidades, antigamente não havia, os nossos avós e mesmo os nossos pais, não tinham o que nós temos agora e que pudemos dar aos nossos netos.” -E6</p>	
	<b>Continuidade no mimo e atenção</b>	<p>“A diferença não houve nenhuma, pois Graças a Deus o meu neto teve sempre e demos-lhe sempre o que tínhamos e o que não tínhamos e o que ele precisasse e não precisasse, já foram outros tempos, o mimo era porque mais não podíamos, brincadeiras mesmo com o avô e tudo, o meu neto adorava brincar connosco, tal como eu disse antes, o que eu não pude fazer com a minha filha fi-lo com o meu neto.” -E7</p>	
	<b>Diferenças tecnológicas e no tratamento</b>	<p>“Já foi quase tudo dito, as diferenças são muitas, mas o amor é sempre o mesmo, basta as tecnologias e todas essas coisas que não tínhamos</p>	

		<p>no nosso tempo que os nossos netos agora têm, é completamente diferente.” - <b>E8</b></p> <p>“Agora sentimo-nos tristes quando eles não nos ligam, parece-nos a nós que eles não ligam, mas até ligam, à sua maneira. O tempo é diferente, é muito diferente a maneira como eu fui tratada, com digo fui tratada como se fosse uma filha única e agora os netos já é diferente, quer dizer vem um de cada vez, e eles já têm os telemóveis, os computadores, essas coisas todas não ligam tanto aos avós como nós ligávamos, é completamente diferente.” - <b>E9</b></p>	
	<p><b>Relação de amizade mais forte</b></p>	<p>“Quando eles eram pequeninos brincava com eles e tudo mais, agora são meus amigos, mas é muito diferente de antigamente, nós agora somos mais amigos deles e eles de nós, que eu também era amiga da minha avó, porque ela só tinha aquela neta naquela altura e eu fui muita bem tratada por ela, mas agora têm mais miminhos, mais de tudo.” -<b>E10</b></p>	

## Apêndice D – Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa

### Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade – Versão Avós – à população portuguesa

**Ricardo Peixoto**

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto /  
Faculdade de Filosofia do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa

**Carlos Manuel Gonçalves**

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

	<b>1 (Nunca)</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5 (Sempre)</b>
2. Quando os pais não estão, sou eu quem se encarrega de cuidar do meu neto(a).	1		1		8
3. Desloco-me a casa dos meus filhos para ver os meus netos(as).	1	1		2	6
4. O meu neto(a) conta-me os seus problemas e preocupações.	1	1	1		7
6. Aconselho o meu neto(a) nas decisões que tem de tomar.		1	1		8
7. Ajudo o meu neto(a) nas suas tarefas escolares ou noutras responsabilidades.	3			1	6
10. Quando o meu neto(a) discute com os seus pais, intercedo a seu favor.	5	2		1	2
11. Costumo contar os meus problemas e preocupações ao meu neto(a).	2	1			7
12. Faço companhia ao meu neto(a) quando está sozinho(a).			2	1	7
13. O meu neto(a) acompanha-me na ida a espetáculos.	6		2		2
14. Converso com o meu neto(a) sobre gostos que temos em comum.	5				5
15. Quando os pais dele (a) têm de sair, vou a casa do meu neto(a).	2		1		7
17. O meu neto(a) pede-me conselhos quando tem de tomar uma decisão importante.	3			1	6
19. O meu neto(a) não faz caso quando o aconselho de alguma forma.	3		1		6
20. Quando o meu neto(a) está doente, apareço para ajudar	1		2		7
21. O meu neto(a) explica-me coisas que não se atreve a contar aos seus pais.	4	1	1	1	3

23. Permito ao meu neto(a) coisas que os pais dele(a) não permitem.	2		1	1	6
26. Não compreendo muitas das coisas de que o meu neto(a) gosta.	1	1		1	7
27. Os pais permitem demasiadas coisas ao meu neto(a).	1	1	1		7
28. O meu neto(a) preocupa-se muito menos comigo do que eu me preocupo com ele(a).	3			3	4
29. Quando não entendo alguma coisa peço ao meu neto(a) que me explique.					10
30. O meu neto(a) gosta quando está comigo.					10
31. Explico ao meu neto(a) o que fazíamos na sua idade com as pessoas da minha geração.					10
32. Compro prendas ao meu neto(a).	1			2	7
34. O meu neto(a) respeita-me.					10
36. Sou demasiado velho(a) para entender o meu neto(a).	2		2	2	4
39. Gosto quando estou com o meu neto(a).					10
40. O meu neto(a) é demasiado jovem para me entender.	3		1	1	5

**Nota:**

Primeiro fator – Compreensão Mútua – constituído pelos itens 4, 6, 7, 11, 13, 14, 17, 21 e 32, num total de 9 itens.

Segundo fator – Cuidador – é constituído pelos itens 2, 3, 12, 15 e 20, num total de 5 itens.

Terceiro fator – Distância – é constituído pelos itens 19, 26, 27, 28, 36 e 40, totalizando 6 itens.

Quarto fator – Vínculo ao Passado – é constituído pelos itens 29, 30, 31, 34 e 39, num total de 5 itens.

Quinto fator – Indulgência – é constituído pelos itens 10 e 23, totalizando 2 itens.

## Apêndice E – Guião Entrevistas



### Guião de Entrevista

Entrevista dirigida às avós da Vila de Alpedrinha, no âmbito do Trabalho de Projeto de Mestrado em Gerontologia Social, tendo como objetivo explorar o papel dos avós na vida dos netos, a preservação dos valores e tradições locais, e as mudanças geracionais na Aldeia de Alpedrinha.

Diferenças Geracionais e Valores	Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?
	De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?
	Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?
	Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?
	As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, como acha que essas condições de vida influenciam a sua relação com os seus netos?
Tecnologia e relações familiares	Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a

	vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?
	Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?
Tradições e memórias	Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?
	Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?
	Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?
Relação e evolução dos cuidados	Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?
	Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?
	Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?
	Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?

## Apêndice F – Transcrição das Entrevistas

### **Transcrição 1ª Entrevista Semiestruturada:**

- 1. Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?**

Eu acho que há muitas diferenças, principalmente no respeito pelos mais velhos, os jovens agora é tudo igual para eles e no nosso tempo tínhamos muito mais respeito pelas pessoas idosas.

- 2. De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?**

Entre homens e mulheres não muito, mas as desigualdades sociais, algumas, as pessoas que se consideravam ricas, punham os mais pobres de lado, não entravam em qualquer sítio. Acho que hoje em dia estas desigualdades não se verificam tanto.

- 3. Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?**

Melhor, noutros tempos havia mais zaragatas, existia mais violência doméstica e toda a gente via. Acho que neste aspeto agora está melhor.

- 4. Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?**

Eles agora já são crescidos, já têm poucas atividades com os avós, de vez em quando uma conversinha, mas estão muito virados para os telemóveis e isso interferiu bastante na relação com as pessoas. Desde que tenham o aparelho ao pé, se não tiverem é diferente.

- 5. Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?**

Acho que não mudou, o comportamento dos avós e dos netos enquanto pequenos, acho que se mantém. Penso que trato os meus netos exatamente como a minha avó me tratava.

- 6. Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?**

Eu dou-me muito bem com eles, mas agora estamos muito pouco, eles já saíram praticamente de casa, só os vejo de vez em quando mas gosto muito de estar com eles e eles também gostam de estar comigo que eu sinto isso.

**7. Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?**

Os cuidados são diferentes porque também temos outras coisas, naquele tempo não havia tantos miminhos, tantas coisas como nós agora podemos dar aos nossos netos, havia mais dificuldade económica e nós agora somos mãos largas.

**8. Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?**

Da melhor maneira, a minha avó fazia-me coisas que eu gostava ou dava-me coisas. Eu gostava que eles se lembrassem da melhor maneira.

**9. Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?**

Sei lá, quando me vêm visitar ou nos aniversários quando vamos às festas deles também, de resto já estão longe. Sinto os distantes quando eles já estão nas aulas, na vida deles já.

**10. Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?**

Mais coisas relacionadas com a família, por exemplo quem eram os bisavós, o que é que faziam, mais nesse aspeto. A família e a terra, o que é que se fazia e tudo isso, trabalhos e cantares do campo. Lembro-me de cantar as desfolhadas com o debulhar do milho, juntavam-se em casa dos meus pais numa sala grande, tudo assim à volta e lá se ia descascando o milho e pronto cantava-se e contavam-se anedotas.

**11. Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?**

Muitas, nós brincávamos muito quando eramos crianças, jogos de roda, às escondidas, jogos de bola e os miúdos de hoje não fazem nada disso. Os meus pais por exemplo tinham uma tasca lembro-me muito bem fui criada lá, antes não existiam cafés eram as tascas, já está fechada há muitos anos, as pessoas vão morrendo e fecha tudo.

**12. As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, como acha que essas condições de vida influenciam a sua relação com os seus netos?**

Não, acho que não influenciou em nada.

**13. Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?**

Sim, é uma questão de eles ficarem a saber como foi a nossa juventude, porque não vai influenciar a deles. Dou-lhes a conhecer um bocadinho do passado também para perceberem as diferenças.

**14. Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?**

Os avós, normalmente, têm pouca disciplina com os netos, fazem as vontadinhas todas. Eu com os meus avós tive também assim, uma relação muito boa, tenho muitas saudades desse tempo, por isso, acho que consegui transmitir aos meus netos o que recebi dos meus avós.

**Transcrição 2ª Entrevista Semiestruturada:**

**1. Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?**

É assim, eu acho que são um bocadinho mais mal criados agora, “és minha avó não és minha mãe e tal”, como dizem assim, mas acho que a diferença é que há tudo agora o que nós não tínhamos antigamente não é, porque eu não vi nunca os meus netos a brincar com tachinhos feitos por um latoeiro ou com uns caquinhos que se partia tudo para a rua porque não havia lixo não era, então aqueles caquinhos que havia a gente brincava com isso, para fazer ali um bocadinho de arroz com aquelas ervilhas que há nas paredes e a gente fazia assim, um fazia um arrozinho, umas coisas assim que pareciam umas filhoses, com isso é que se brincava. Por isso, é que agora é muito diferente com eles, eles agora é só os telemóveis, é as televisões, pronto é essas coisas todas que eles querem.

**2. De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?**

Aí sim, a minha mãe era “cuidado que lá só há homens, cuidado com isto”, a mãe era sempre o cuidado com isto, mas eu fui muito feliz ali, porque eu tinha um sítio muito bom, que era um largo enorme onde nós brincávamos ali, ao olhar dos pais e mais ali onde havia um posto da GNR onde o meu pai estava, e éramos ali muito olhados, era um largo enorme, o terreiro de Santo António. Por isso, é assim, eu não vi maldade nem coisas que fossem perigosas. Eu

também sempre fui muito rapazona, por isso, podia haver um rapaz ou outro que também houvesse vizinhos não é, que a minha mãe nunca me disse nada, só me disse “cuidado, cuidado” e eu sabia o que ela queria dizer com o cuidado não é, foi sempre assim muito tesa, o meu pai não, era uma pessoa muito doce e que sabia melhor, mas dizia sempre também para eu ter cuidado. Em comparação às jovens de hoje há muita diferença entram em casa às 2h e 3h da manhã, garotas com 19 e 20 anos, então eu algum dia ia para algum lado assim? Nada, eu ia a um casamento e a minha mãe ia atrás de mim e nas festas também, ela também dançava pronto, mas de qualquer maneira é uma diferença muito grande de agora, e nós tínhamos um respeito, mas por exemplo íamos dançar com música a tocar na casa de uma pessoa e de outra e aí de que as mães soubessem disso, porque se não andavam sempre atrás de nós a ver onde é que a gente estava, isto já na adolescência, não digo em crianças, mas era uma vida muito diferente, embora a gente tenha saudades dessa vida.

**3. Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?**

Felizmente, nunca assisti a nada, nem tinha esses problemas em casa. Mas assisti a muita coisa, como morava ao pé do posto da GNR, maridos que batiam às mulheres, mulheres que iam fazer queixa ao posto e dormiam lá porque não podiam ir dormir a casa, porque eles batiam-lhes, essas coisas vi sempre. Não estou a dizer nada individual, mas havia muitas coisas dessas e todas as pessoas da minha idade sabem que isso acontecia, as mulheres eram muito martirizadas e depois, era uma coisa que agora, nós não temos, que praticamente todas temos o nosso dinheirinho que compramos e somos empregadas, antigamente não, a mulher era obrigada a fazer o comer, lavar a roupa e ser a escrava do homem, a maior parte deles, não quer dizer que fossem todos, mas havia muita gente que eu convivi com muitas coisas dessas assim, convivi mas do exterior.

**4. Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?**

Muito, porque já estão muito, eu tenho uma neta que passa todo o dia em frente a televisão, e a fazer jogos e a falar com os outros ao telemóvel, e para a levar, eu agora já tenho os meus netos comigo só uma é que não que está em Lisboa, mas os outros dois estão comigo, ela passa horas e horas só com o computador e pronto lá com aquelas coisas que eu nem percebo nada daquilo e é preciso trazê-la, “já comi, na na” só porque esta agarrada aquilo. Antigamente, não era nada assim porque havia logo uma arrojada para dar, não tínhamos computador, mas se houvesse alguma coisa “oh mãe, já vou”, “oh mãe, já vou”, não vou nada porque eu ia logo na frente, não quer dizer que fosse

mau para nós era para nos dar educação, porque geralmente todas da nossa idade têm uma educação muito diferente da deles, eles já nos respondem “não, não vou nada a isso”. Ainda no outro dia, quis fazer uma coisa debaixo da cama que se me prendeu o aspirador e a minha neta disse logo que não podia lá meter a cabeça, depois tive de a lá meter eu, antigamente dissesse isso eu à minha mãe, levava logo uma lostra e fazia-me lá meter a conversa. Tenho uma neta que já fez 24, está na universidade em Lisboa e tenho um neto que está aqui comigo até está na minha casa, que é uma joia de menino e eu converso muito com eles, ele até conversa comigo sobre muita coisa, sobre namoradas e tudo e a mais pequenina é a que está ainda pior, quer dizer, isto está cada vez a regredir, nessas coisas de estar com a gente, para estar connosco ela está um bocadinho, num fim de um bocado esgueira-se e eu tenho pena que seja assim. Estou a ver que uma de 24 e o de 20 que já são diferentes, ela é já uma coisa completamente diferente, diferente, se eu estiver 10 minutos com ela por dia é muito.

**5. Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?**

Eu acho que os avós antigamente também eram dóceis, mas eu acho, que nós fazemos de outra maneira e ajudamos de outras maneiras. Eu tenho uma boa relação com eles, com todos, mas com a pequenina grito muito, porque acho que ela está numa fase, 13 anos, muito ruim, então eu já há muito tempo que passei essa fase dos outros, que não me deram assim tanto trabalho e esta aqui está a ser assim muito arisca.

**6. Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?**

Lido bem com os meus netos, mas se tiver de lhes dar assim uma descasca também dou, o que eles fazem mal eu digo sempre “olha isto não está nada bem, tanana, tanana” ou coisas principalmente com os carros, o meu neto com a mota, depois choro à frente deles para eles terem pena e não andarem nessas coisas todas.

**7. Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?**

O cuidado talvez seja o mesmo, só que agora nós não temos tanta mão deles, porque eu digo “ó filho não vás, já viste o perigo, há lá muita gente, pois na na” e ele diz “ó vó, não estejas a pensar nessas coisas, tu é que puxas as coisas” e pronto, com isto me calam. Antigamente, nós tínhamos tudo mais perto, por exemplo o meu neto vai muitas vezes para a Covilhã até mesmo à noite e nós não íamos para lado nenhum, estávamos sempre no mesmo sítio, porque um pai ou uma mãe que visse que nós estivéssemos demorados numa coisa qualquer era rápido, “eles foram para além, a gente vai ver”, agora nós

não podemos, não é? Andar atrás deles porque nós pensamos que estão aqui e estão além, é a diferença que nós temos agora.

**8. Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?**

Queria que dissessem a verdade, mais nada.

**9. Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?**

É quando estamos todos na alimentação, num jantar, num almoço é quando estamos sempre todos juntos mais em família. Mas agora estou feliz porque os tenho agora aqui comigo. Isso sinto muito, quando eles estão muito longe.

**10. Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?**

Conto-lhes tantas, das traquinadas que eu também fiz, não é? Andar de bicicleta cair, ali aquele largo (terreiro de Santo António) é muito bom para isso, às vezes conto histórias e dizem-me eles “isso é tão antigo”, porque eles agora não têm mais nada é logo os carros as motas, o meu neto teve uma bicicleta aos 13 anos já não lhe liga nada, agora é só mota e carro, e eles é tudo assim, é só televisões e os telemóveis e computadores, por isso, é muito diferente nisso tudo que eles têm e que a gente teve. Lembro-me de uma história quando era criança, nós raparigas brincávamos muito às chinas, naquele tempo, havia a época da macaca, aquilo era terra e nós brincávamos muito com isso e também quando estava mais calor ali à porta do Santo António, de manhã que dá muita sombra brincávamos muito às chinas e pronto muita coisa, depois começamos a ler aquelas revistas de romances, liamos muito, ali as minhas vizinhas que eramos muitas, não me lembro agora do nome da revista, mas pronto eram romances escritos com imagens, agora é telenovela na altura era assim escrita, íamos então atrás da capela ler aquilo e as mães não gostavam que lêssemos porque aquilo era um romance um bocadinho adiantado daquilo que a gente devia gostar, depois ouvíamos as nossas mães a perguntar “onde é que elas andam, onde é que elas andam” e depois encontravam-nos e perguntavam-nos logo “o que estais a fazer?”, “estamos a ler, respondia eu”, a minha mãe como não sabia ler muito bem não vi-a se era aquelas revistas ou não, eram umas comédias. Outra história que me lembro, morava ali no terreiro e ela foi buscar um caquinho como disse, que brincávamos com caquinhos e então ela, trazia assim um fundo de uma tigela e ela diz-me assim, “olha, olha, já encontrei aqui um caquinho” e eu disse “é meu!” e ela respondeu “não é nada, é meu!”, tinham feito ali a festa das verbenas e ainda havia ali pauzitos e tudo espalhado, e eu não faço mais nada, agarro num pau e atiro-lhe, tive tão pouca sorte que foi-lhe aos óculos e parti-lhe os óculos, conclusão ela começou a chorar e tinha sangue, eu com medo da minha mãe fui me esconder debaixo de uma cama, nisto vem a mãe da rapariga que ela foi lá ter com a minha mãe “Oh dona, a sua

filha partiu os óculos à minha filha”, nem falava da ferida e eu a ouvir aquilo, “ai a condenada”, dizia a minha mãe e eu escondida à noite levei sovatana e pagamos os óculos.

**11. Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?**

Ó então não se vê aí miúdos por lado nenhum, antigamente não havia as escolas para os mais pequeninos, a vizinha tomava conta daquele bebé se fosse preciso, com três e quatro anos vão para a creche, agora não vão, e a creche já cá está há muitos anos. De qualquer maneira, não se vêm crianças, ali no terreiro de Santo António juntavam-se muitas crianças, para já, no meu tempo havia ali pelo menos umas seis ou sete crianças.

**12. As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, como acha que essas condições de vida influenciam a sua relação com os seus netos?**

A relação que eu tenho com eles quando me pedem qualquer coisa eu vou sempre acabando por dar, mas digo sempre, “juízo, que quando era no nosso tempo os nossos pais não tinham nada, não havia multibanco para eu te dar o cartão e ires levantar”, e por exemplo, a minha mãe cozia batatas, e eu dizia “ó mãezinha, não quero batatas” e ela dizia logo “come batatas que toda a gente come batatas”, agora não, ainda hoje o meu almoço foi uma coisa, e o do meu neto outra, porque não gostam de tudo o que a gente faz, eles têm a maior riqueza do mundo agora, umas pessoas que vivem um pouco menos mal, têm todos essas coisas, porque eles não querem, não querem, é assim a vida da gente.

**13. Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?**

Não vai, eles só dizem assim “ó vó, isto agora são outras coisas, tu sabias o que era um computador” e eu dizia, “eu não”, e eles respondem logo “estás a ver, tudo evolui, e agora também evolui a maneira de nós vivermos”, porque os maiores já são muito doutores e eu só lhes digo assim “ora bem bem, como dizia a tua bisavó”, a minha mãe é que me dizia assim, “ora bem, bem, conversa tendes muita”.

**14. Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?**

As minhas avós eram muito carinhosas, eu não conheci o avó paterno, mas nós não estávamos a viver com eles porque eles estavam a viver lá para Silvares e Ourondo e não havia tantos transportes como há agora, então de vez

em quando, a minha avó vinha, que já vinha mais vezes, porque a outra enquanto foi casada, não, mas depois viuvou e vinham temporariamente para minha casa, por exemplo uma das avós gostava muito de brincar com ela porque ela tinha um saquinho onde metia as notas e eu de noite quando ela estava a dormir andava sempre a apalpa-la “ta quietinha, dizia ela”, porque a gente dormíamos com ela, com essa então tive, era uma garota autentica para nós, e a outra já vinha para ao pé de nós, mais velhinha, já é diferente, mas nós passávamos sempre as férias com eles, não íamos para a praia nem para as piscinas, íamos para as piscinas durante a semana, mas nesses tempos assim, geralmente os nossos pais queriam ir ver as mães deles, era assim a vida.

### **Transcrição 3ª Entrevista Semiestruturada:**

#### **1. Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?**

Criada pela minha mãe não fui, nem com os meus irmãos, ainda hoje são um bocadinho esquivos, eu fui bem-criada, deram-me educação, deram-me tudo, o problema é que a relação com a família da minha parte, não foi grande coisa, vivi sempre com a minha avó e madrinha, não acho que tenha sido bem, eu fui para casa dos meus avós porque nasceu a minha irmã, fui por empréstimo, era para depois voltar só que nunca voltei. Resultado, depois casei com uma pessoa de outro nível, acabei também por ficar separada, eu não quero essa separação, sempre quis união, ser unida e isso tudo, mas há sempre da parte dos meus irmãos essa diferença, eu sempre ajudei a tratar da minha mãe e tudo, quantas vezes lá fui e tudo dar-lhe banho, mas lá está é aquela separação que não deve ser feita na minha maneira de ver. Porque levaram-me para ao pé da minha avó para eu poder ter mais condições, mas depois também perdi a relação com os meus irmãos.

#### **2. De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?**

A grande diferença foi o meu namoro, começa logo por aí, porque os meus sogros não aceitavam o nosso namoro, porque eu era de uma família pobre e eles eram de uma família rica. Entre homens e mulheres, soube que havia maus-tratos, mas era mais quando bebiam, chegavam a casa e refilavam com as mulheres, a minha mãe, havia de ser uma delas, eu não assisti, mas sei que havia. Os homens eram uns senhores e as mulheres eram os capachinhos. Lembro-me até de uma história grande, os homens iam para as tabernas e conversavam a respeito de ter batido na mulher, porque a outra fez assim, por que fez assado, então conversavam, tanto que conversavam a respeito das

mulheres, então um deles que nunca tinha tido razão de bater na mulher, do que havia ele de se lembrar, comprou cinco kilos de sardinha e levou para a mulher e ela diz-lhe “ó homem, então tu trazes tanta sardinha, o que hei de fazer a tanta sardinha?”, e ele respondeu-lhe “arranja-te” porque já levava ali qualquer coisa no bico. A mulher então ao ver tanto quilo de sardinha, assou uma, fritou outra, fez outra de escabeche, fez outra albardada, fez arrecadou, foi arrecadando e a primeira que pôs foi a frita, “Ah logo sardinha frita, para o jantar” respondeu o homem e ela logo lhe disse “ó homem então, tu trouxeste tanta, como é que queres?”, “Ainda se fosse albardada” respondeu ele, e ela logo lhe disse “Ah mas tu tens cá”, trouxe albardada, trouxe assada, tudo aquilo que ele pedia ela tinha, até que chegou ao fim estava tão furioso por não poder pegar por nada que lhe disse “Então o que queres agora mais?”, disse-lhe a mulher e ele diz-lhe “olha quero mer\*\*” e ela diz-lhe assim, “Não é tarde nem é cedo” tinha posto um jornal a tapar uma porcaria da galinha que lá tinha e diz-lhe “Também tens aqui, não podes refilar”, e não teve nada para pegar com a mulher. Atualmente acho que as jovens são muito mal-educadas, uma pessoa passa, não são capazes de dar um “boa tarde” e um “bom dia” até faz impressão, e eu muitas vezes digo “boa tarde”, para ver se as obrigo a falar, e umas lá pensam que sim e respondem, há outras que não dizem nada, e então asneiras dizem tantas.

**3. Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?**

Eu acho que antigamente existia muita violência doméstica, acho que, agora continua a existir, mas muito mais encoberta, está muita violência encoberta, e talvez muita fome também, não sei.

**4. Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?**

Muito, influenciou e de que maneira, falam comigo, um está em Inglaterra, quando cá está, fala, mas está lá no seu computador e pronto, diz que está sempre a trabalhar. A outra, faz tudo quanto ela quer.

**5. Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?**

Os avós agora, na minha maneira de ver, não estão muito com os netos porque começam aos três meses a ir para a creche, depois da creche vão para a pré e depois vão para a escola, só sendo na saída que os consigam apanhar, eu que não tenho muita convivência porque só quando os pais vão de férias eu vou para a minha neta, porque o meu neto como está na Inglaterra, não posso, mas tive aqui os meus sobrinhos netos muitas vezes, quando tinham férias

vinham para aqui, não eram meus netos de verdade, mas eram meus netos, são muito meus amigos, não é que os meus não sejam meus amigos, mas têm uma maneira diferente de lidar comigo, e penso que isto tem tudo influencia de eu ter sido criada com os meus avós.

**6. Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?**

Emocionais, quando há qualquer coisa de saúde, ainda bem há pouco tempo foi, e não foi pequeno. Da minha neta, não tenho nenhuns problemas, que a miúda é impecável.

**7. Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?**

Eu cuido deles como sei, não é? Porque no meu tempo era diferente, também eu nem cá vinha acima ver os meus irmãos, não podia sair de lá de baixo do Santo António, havia muito menos liberdade que agora.

**8. Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?**

Da maneira que eu os trato, só que se lembrem da maneira como eu os trato, já é bom, não é só pelo dinheiro nem nada, só pela maneira que eu os trato, que é da melhor maneira, que aliás é como trato toda a gente.

**9. Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?**

Mais assim no Natal, quando estamos todos, parece que o Natal une mais, dá-me impressão de que sim, mas pode não ser, como é uma época festiva, que é quando estamos todos juntos. Sinto-os mais distantes quando estão longe cada um nas suas vidas.

**10. Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?**

Até existem, mas eles não dão autorização a que se conte essas coisas, porque para eles nunca há dificuldades, e nessa altura em que eu me criei havia dificuldades, embora fosse criada com muito mimo, porque fui, eles não gostam de ouvi essas histórias, porque para eles isso não existiu, como eles não passaram dificuldades nenhuma, eles tudo aquilo que pedem há, de uma maneira ou de outra há. Quando eu era pequena fazia tantos disparates, mas assim de momento não me lembro de uma história em específico.

**11. Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?**

Aí, havia muito mais gente na rua, que não há agora, até de Inverno havia gente na rua a brincarmos, claro que a chover não, mas se calhar até a chover, nem que fossemos todos a patinhar eu sei lá o que para irmos para casa todos molhados. Naquela altura, havia mais tabernas do que cafés, houve o primeiro café que era do António Parra, era cá em cima onde agora são as placas, onde está agora o muro do Espírito Santo, este é que foi o primeiro café. Depois, havia o do Joaquim Nabais que não era no sítio onde está, era no outro lado do José Salvado, e primeiro ainda foi taberna, depois é que foi café. Depois, era a taberna da Senhora Rosária que depois passou a casa de pasto, havia a taberna das Torninhas, e depois foi da Joaquina, a da Catarra, a da Tendinha e por aí acima, houve a Taberna do José Pardal, depois era a Taberna do Manuel Inácio, depois a Taberna do Zé Nabito e a do Zé Peixe.

**12. As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, como acha que essas condições de vida influenciam a sua relação com os seus netos?**

Eu não tenho muito a dizer daí, porque eu graças a Deus, não tive assim muitas dificuldades, não posso dizer, por isso é que eu digo, foi um disparate as dificuldades que os meus irmãos passaram eu também podia ter passado e devia ter passado.

**13. Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?**

Não, eles não dão autorização a isso, não dão tempo, têm pouco tempo, e quando cá está a minha neta fecha-se no quarto a falar com as amigas ao telemóvel e faz filmes com as amigas e os tik toks e essas coisas todas, e pronto isso acabou, lá vem de vez em quando dar-me um abraço, mas pouco. Mas não sinto que influencie no nosso relacionamento, que ela é meiguinha, à sua maneira, mas não é aquela de muitos beijinhos, eu também não sou, portanto.

**14. Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?**

Isso talvez não, porque a miúda é muito disciplinada e muito educada e quando lá estou com ela, ela é impecável comigo, de pequenina, era mais mãe, mas sempre foi muito amiga e convivia muito com ela e convivo.

## **Transcrição 4ª Entrevista Semiestruturada:**

### **1. Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?**

Fui criada pouco com os meus pais, foi mais com a minha madrinha, mas tive uma boa ligação com as minhas avós tanto faz materna como paterna, que os meus avós já não os conheci, mas se havia algum disparate que eu fazia a minha avó sempre me acudia, nós antigamente costumávamos namorar novitas e quando íamos à fonte, o meu pai ia a ver de nós, mas a gente fugia era para casa das avós, agora com estes é diferentes, estes estão aqui, estão a ser criados comigo, vão à casa dos pais todos os dias, mas a bem dizer estão sempre comigo.

### **2. De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?**

Nós em primeiro não íamos muito aos cafés, conforme havia e só íamos quando o meu pai ia. Agora, tirando dai jogávamos à canteirinha, à macaca, no meu tempo éramos muito jovens então juntávamo-nos todos em frente a casa da minha mãe, íamos à ribeira lavar, era bom. Nós na altura não podíamos falar para os homens e não tínhamos a liberdade que agora se tem, quando estava para nos vir o período, “olha a mim já me veio, e a ti?”, “ai, ainda não”, “olha que é perigoso, não te podes meter na água”, agora já não, eu agora já expliquei à minha neta o que tinha de fazer, tens de levar para a escola isto porque às vezes de um momento para o outro pode aparecer, e antigamente não era isso, nós não desabafávamos muito com os nossos avós, era mais com as colegas.

### **3. Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?**

Como eu fui criada com a minha madrinha nunca me dei assim, que o meu padrinho faltasse ao respeito nem os meus pais, porque eu ia todas as semanas ver os meus pais, mas vi-a muitas vezes que certas velhotas que se queixavam, fugiam às vezes com os filhos nos braços para a casa desta e daquela, agora já é um caso que não se vê, mas há muita coisa encoberta.

### **4. Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?**

Bem, a minha neta pergunta muitas vezes o que é que eu fazia quando éramos garotos, pronto eu tenho os meus ainda na escola e estamos muitas vezes a brincar às professoras e assim, então ela diz me muitas vezes “ó avó,

o que é que fazias? Como é que conhecestes o avô?”, ela tem muita dificuldade com os parentescos como é que a minha tia, também é tia dela, que ela agora já se habituou a tratar as minhas tias por tia bisavó, mas brincamos muito, ainda no Domingo aqui estivemos todas, a minha tia chegou à sala pôs-se a jogar às pedrinhas com ela porque eu tenho ali sempre os jogos antigos e jogou às pedrinhas com a minha tia, pareciam duas garotas.

##### **5. Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?**

Muito diferente, nós antigamente, vamos lá ver, conversávamos muito com as avós do que faziam antigamente, principalmente o comer e isso tudo e eles agora já não, eu saia da escola ia ver a minha avó assar as maçãs no pucarozinho de barro e a minha neta isso agora já não vê, chega ali e é capaz de pegar numa coisa e comer e já não se importa, mas nós antigamente gostávamos, parece que ainda temos aquele gosto das coisas antigas, é muito diferente de agora. Mesmo com os telemóveis, na minha casa os meus netos não têm telemóvel, têm às vezes o tablet, mas telemóvel na minha casa não entra, porque é isso, agora nestes dias eu quase não falei com os meus netos por andarem sempre a mexer no telemóvel, e assim não, às vezes vimos para a rua, estou aqui a jogar à bola, são os únicas crianças que aqui se vêm na rua a jogar à bola, portanto o papel dos avós é muito diferente em relação ao passado, antigamente eles não tinham tanto tempo para cuidar de nós como agora. Os meus netos também foram criados comigo eu é que os vou buscar à pré eu é que os vou por e estão sempre comigo, até lá dormem e tudo, como é só atravessar a rua e estão na minha casa, até dormir lá dormem, a bem dizer, desculpe o termo, eu só não os tive, mais do resto estão sempre comigo.

##### **6. Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?**

Serem um bocado teimosos, sentem-se rebeldes, eles é que sabem tudo, agora ateimou que não quer ir para a outra avó e não vai para a outra avó, dizem que ela não brinca como eu brinco, a minha comadre teve uma vida muito diferente da minha, com muito trabalho e sacrifício, foi mãe dos irmãos todos. Eu, se os for buscar à escola sou capaz de ir dar uma volta primeiro e depois vamos para casa e ela não, é escola casa.

##### **7. Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?**

Muito, a mim não me fizeram metade daquilo que eu estou a fazer aos meus, não é? A minha mãe ao ter-me a mim passado quatro anos teve logo outra filha, eu fui para a minha madrinha, os meus pais tiveram cinco filhos, porque o meu pai queria um menino, então a minha madrinha que era uma senhora com posses acabou por me criar. Quando a minha irmã mais velha se casou, a minha

irmã mais nova nasceu, a minha mãe teve a minha irmã a 8 e a minha irmã casou a 16, porque quando a minha irmã entrou no copo de água viram um berço ao pé da mesa dos noivos e o pessoal do meu cunhado começou tudo a comentar “Olha, vai de branco e já tem um filho”, então a minha madrinha que era uma senhora um bocado importante levantou-se da mesa e disse “Alto, a minha sobrinha está virgem, a bebe que está ali é irmã”, então todos se calaram.

#### **8. Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?**

Eu acho que levam boas recordações, levam, porque a minha neta já é daquele género, o meu neto é assim, “esta casa é minha” e a minha neta diz, “mas este prato é meu”, já é aquela diferença o que está em casa é meu. Ela faz e diz “ó vó, faz isto, mas isto aqui é meu, fica na tua casa”, ela gosta.

#### **9. Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?**

Todos os dias. Os dias em que os não os vejo ligo logo à minha filha, ainda ontem lhe liguei “O que é que se passou?”, “Ó mãe já estamos todos a dormir” respondeu ela, eram nove horas já estava tudo na cama, mas como eu não os vi perguntei logo.

#### **10. Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?**

Sim, principalmente dos meus tempos de escola, quando eu fiz o meu exame da quarta classe, aquilo que se passou comigo eu conto muitas vezes à minha neta. Estávamos a dizer as serras de Portugal, e eu enganei-me numa minha professora virou-se logo “Ó minha burra” e puxou-me assim as orelhas, em pleno exame os professores não podiam estar ao pé de nós, mas aquela estava lá e pronto fizeram-me assim. Por exemplo, eu ensino a tabuada à minha neta como me ensinaram a mim, a cantar. Uma das tradições que eu gosto de manter e fazer com a minha neta é o S. João, feito sempre a minha porta, faço uma fogueira, os balões e tenho um alguidar grande onde queimo o rosmaninho, todos os anos faço e corro as 7 fontes com a minha neta com a canteirinha de barro, que é uma tradição daqui. Gosto muito das tradições antigas, na noite de Natal vamos sempre ao madeiro. Fui eu que também fundei o rancho daqui.

#### **11. Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?**

Havia aqui muitas tradições, principalmente na senhora onde eu agora moro, ela tinha muitas tradições, ela tinha o hábito de participar muito na igreja, nas procissões, punha sempre as colchinhas na janela e tinha muito o hábito de ir às procissões vestir os anjos e os santos.

**12. As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, como acha que essas condições de vida influenciam a sua relação com os seus netos?**

Vamos lá a ver, nós dificuldades na vida não tivemos, mas pronto a gente também passou, eu comecei a trabalhar com 12 anos numa fábrica, não havia o comer que há agora, nós levávamos um pastel de molho, e e, e já havia e as miguinhas do grão com um bocadinho de bacalhau por cima e comia-se, agora não, agora quando se quiser comer “ah não gosto disto, vou fazer isto”, nós não, eram essas tradições, quando era, porque eu muitas vezes pegava às 6h30 da manhã, fazia-se os 12 anos o exame da quarta classe e ia-se logo trabalhar.

**13. Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?**

Influencia e bastante, porque antigamente nós éramos quatro irmãs, não contando com a mais nova e nós tínhamos de vestir as roupas umas das outras, e agora se a gente der uma roupa “aí eu não gosto disto” e ela não veste. Antigamente, havia pobreza, mas era aquela pobreza que eu lhe chamo pobreza rica, a gente se vi-a um vestido aquela e se ela me o desse para mim era novo, e agora não. A minha neta sujeita-se, por exemplo, se lhe derem um vestido ela veste-o, ainda não há muito tempo, uma mocinha lhe deu roupa e ela quando chegou ao pé da mãe disse assim “porque é que deste o meu vestido aquela? Aquele vestido era meu!” e a minha neta respondeu-lhe “Pois era, e agora é meu!”, ela não gostou de ver a roupa dela na minha neta, e antigamente não era nada assim.

**14. Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?**

Às vezes aplico a educação que me foi dada, como os estarmos à mesa em silêncio, às vezes tenho a televisão ligada, às vezes não, como os telemóveis à mesa não há telemóveis para ninguém, foi a educação que me deram, se não já não há convívio.

## **Transcrição 5ª Entrevista Semiestruturada:**

### **1. Quais as principais diferenças que observa entre o estilo de vida das gerações atuais e o da sua juventude, em termos de valores, educação, responsabilidades diárias e formas de lazer?**

Diferença há muita diferença, noutros tempos não tínhamos a liberdade que os jovens têm hoje, se íamos a algum lado as mães acompanhavam-nos não nos deixavam ir sozinhas. Antigamente, não se tratavam os pais por “tu” era o “senhor” a “senhora”, não tínhamos autorização para tratar por tu. Não tínhamos nada do que os jovens têm, um vestido novo era só para os domingos e era só um por ano ou às vezes até mais do que isso.

### **2. De que maneira a sua juventude, enquanto mulher, foi marcada pelas desigualdades sociais e pelas diferenças entre homens e mulheres, em comparação com as experiências das jovens de hoje?**

Nós mulheres, não tínhamos autorização para sair de casa sozinhas, uma vez, fui a um casamento e depois nas vésperas fomos para lá ajudar e cheguei mais tarde a casa, deviam ser umas 23 horas, já tinha eu os meus 18 anos, a minha mãe tanto que encheu os ouvidos ao meu pai, que ele se levantou e deu-me uma sova. A jovem de hoje já tem a liberdade para ir a concertos, acampar, para tudo, no nosso tempo também não havia nada disso, para irmos aos bailaricos a nossa mãe tinha de nos acompanhar.

### **3. Como era a abordagem aos conflitos familiares na sua juventude e como acha que isso mudou na forma como a sociedade lida com essas questões atualmente?**

Antigamente as mulheres não se podiam queixar se não ainda levavam uma sova, tinham de fugir e esconder-se. Eu ainda levei uma sova, já era casada queria me vir embora, então o meu marido pegou na minha filha e levou-a à avó porque ele sabia que eu não me ia embora sem a minha filha. Antigamente levávamos uma lambada ou um pontapé, atualmente é logo às facadas parece que só piorou.

### **4. Nos momentos em que está com os seus netos como considera que as novas tecnologias influenciam a vossa relação (atividades praticadas, tipos de conversas)?**

Influenciam e muito, porque eles estão só nos telemóveis e já não existe conversa. Mesmo à mesa está sempre o telemóvel ao lado estão sempre mais atentos a este do que ao diálogo que estamos a ter na refeição.

### **5. Como vê o papel dos avós na vida dos netos atualmente em comparação com o passado?**

Antigamente a vida era mais pobre, mas eu lembro-me de andar a aprender a costura em Vale Prazeres e dormir e comer em casa da minha avó quando chovia muito, ainda me lembro de uma sopa de agriões e grão que ela fazia. Hoje é

diferente temos outros meios, podemos lhes dar outras coisas que os nossos avós não nos podiam dar porque eles também não tinham.

**6. Quais são os desafios emocionais mais frequentes que enfrenta na sua relação com os seus netos?**

Houve um dos meus netos que ficou sem pai e por isso acabava por ser aquele que tenho mais preocupações embora ele não peça nada nem pede, fica sempre aquela preocupação. Com os outros se houver algum problema por exemplo de saúde uma pessoa fica preocupada, mas felizmente estão todos bem.

**7. Como acha que a forma de cuidar dos netos evoluiu em comparação à forma como cuidavam de si quando era criança?**

Quando era criança vivia no campo, andávamos por lá de qualquer maneira na terra, não tínhamos grande condições. Atualmente é diferente, são mais mimados, têm melhores casas que nós não tínhamos. Os meus avós não brincavam comigo não tinham tempo, hoje em dia os avós têm mais tempo para cuidar dos netos.

**8. Como gostaria que os seus netos se lembrassem de si quando crescerem?**

Ao menos que eu era boa pessoa, e que sempre os tratei bem.

**9. Quais são os momentos ou situações que sente maior proximidade com os seus netos? E maior distância?**

Quando vêm a minha casa visitar-me e comemos todos juntos, como não moram cá em Alpedrinha nesses momentos em que me vêm ver sinto-me mais perto deles. Eles agora estão cada um na vida deles dois a trabalhar e uma na universidade longe, por isso estão longe de mim.

**10. Existem tradições ou histórias que transmite aos seus netos?**

Antigamente como trabalhávamos no campo havia as descamisas à noite, juntavam-se rapazes e raparigas e cantavam. Também íamos às festas a pé, nunca sozinhas, como a senhora das necessidades e a Santa Luzia, ainda fazíamos 10,30 km a pé dependendo de onde fosse, e nessas alturas levávamos o farnel para depois comermos lá, que lá não havia comida. Na Santa Luzia, por exemplo juntavam-se vários grupos de várias terras e na noite de 14 para 15 de setembro faziam o bailarico e passava-se assim a noite e ficávamos lá ao outro dia para a procissão. No Carnaval fazíamos umas roupas com uns tecidos de chita para irmos ao baile, agora já se compra tudo feito, naquela altura éramos nós que fazíamos os nossos disfarces, também havia a tradição de se vestirem de Entrudo e andar a bater à porta das pessoas assim vestidas. Lembro-me que antigamente também existiam as aguadeiras, pois não tínhamos água em casa, então estas eram pagas pelas famílias mais abastadas para irem buscar água às fontes e encher os cântaros em casa destas famílias.

**11. Que diferenças nota na Vila de Alpedrinha entre a sua infância e agora?**

Muita diferença, há muito menos gente, há ruas que praticamente não têm ninguém e perdemos muita coisa, não temos sapateiros, ferreiros, latoeiros, tínhamos um hospital também já não existe, tínhamos um lagar e uma serração e já não temos nada disso. Em contrapartida antigamente só tínhamos a escola primária, agora temos o colégio, o lar, entre outras coisas, mas perdemos muita coisa. Lembro-me que nós não tínhamos água nem luz em casa, a água só chegou a Alpedrinha às casas nos anos 50.

**12. As condições de vida em que cresceu, muitas vezes marcadas por dificuldades e pobreza, contrastam significativamente com a realidade dos seus netos atualmente. Considerando esta diferença, como acha que essas condições de vida influenciam a sua relação com os seus netos?**

Antigamente não havia muito para dar. Atualmente, eu dou o que posso aos meus netos, a vida era muito diferente de hoje em dia eles agora quase tudo o que querem têm e antigamente não era assim.

**13. Partilha com os seus netos as diferenças que existiam entre a sua juventude e a deles, e como acha que isso influencia o vosso relacionamento?**

Eu tento lhes contar, mas eles não têm interesse em ouvir e deixam-se rir, como não viveram não sabem o que era viver assim, então não acreditam que fosse real.

**14. Considera que a relação que teve com os seus avós influenciou a forma como interage e lida com os seus netos, no que respeita à sua benevolência/compreensão por exemplo em relação a situações de indisciplina?**

Eu acho que não. Já lá está muito longe, convivi com a minha avó, mas não é como hoje que os avós criam os netos, eu não tive oportunidade de criar os meus, eles estavam longe.

## Apêndice G – Grelha do Projeto de Intervenção

Atividade	Descrição	Objetivos Específicos	Metodologia	Recursos Necessários	Parceiros Envolvidos	Resultados Esperados	Indicadores de Avaliação
<b>Atividade I - Rota das Memórias</b>	Visitas guiadas por idosos a locais históricos da vila, com partilha de lendas e tradições locais.	Fortalecer laços intergeracionais e valorizar a identidade cultural local.	Envolvimento de idosos como guias e de crianças na documentação das visitas.	Materiais para registo (cadernos, câmaras), transporte para visitas.	Escolas da vila, Teatro Clube de Alpedrinha.	Valorização da identidade cultural local e reforço dos laços intergeracionais na comunidade.	Número de visitas realizadas, participação ativa de idosos e crianças.
<b>Atividade II - Oficinas de Sabores e Saberes</b>	Oficinas onde idosos ensinam receitas tradicionais e técnicas artesanais a crianças.	Preservar saberes tradicionais e promover convívio intergeracional.	Realização de oficinas em espaços comunitários ou casas dos participantes.	Ingredientes e materiais artesanais, equipamento para registo.	Escolas da vila, centros de convívio.	Promoção do convívio intergeracional e preservação dos saberes tradicionais.	Número de oficinas, diversidade de saberes partilhados, participação intergeracional.
<b>Atividade III - Círculo de Contos</b>	Encontros em que avós partilham histórias da infância e memórias locais com os netos.	Fomentar o convívio intergeracional e preservar a tradição oral.	Sessões em escolas, com registo das histórias por crianças.	Espaços escolares acolhedores, materiais de registo (papel, câmaras).	Escolas da vila.	Preservação da tradição oral e fomento do convívio intergeracional.	Frequência dos encontros, histórias registadas, interação entre gerações.
<b>Atividade IV - Semana da Comunidade</b>	Evento anual com exposições e apresentações culturais, reunindo o trabalho do ano.	Celebrar e divulgar o património cultural e promover o convívio comunitário.	Organização de exposições, sessões de contos e atividades culturais.	Espaços para exposições, materiais para apresentações, logística de eventos.	Junta de Freguesia, Câmara Municipal do Fundão, Aldeia dos Girassóis, Gowe, Teatro Clube de Alpedrinha.	Promoção do convívio comunitário e celebração e divulgação do património cultural.	Número de eventos realizados, participação da comunidade, feedback dos participantes.